

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira

**PERSONAGENS EM HISTÓRIAS INVENTADAS POR ALUNOS
DE ESCOLA PÚBLICA E ESCOLA PARTICULAR :
A INTERTEXTUALIDADE NAS NOMEAÇÕES**

Roberta da Silva Freitas

Maceió
2012

Roberta da Silva Freitas

**PERSONAGENS EM HISTÓRIAS INVENTADAS POR ALUNOS
DE ESCOLA PÚBLICA E ESCOLA PARTICULAR :
A INTERTEXTUALIDADE NAS NOMEAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal de Alagoas, para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Eduardo Calil de Oliveira

**Maceió
2012**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

P853c Freitas, Roberta da Silva.
Personagens em histórias inventadas por alunos de escola pública e escola particular : a intertextualidade nas nomeações / Roberta da Silva Freitas. – 2012.
131f. : il.

Orientador: Eduardo Calil de Oliveira.
Dissertação (mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Maceió, 2012.

Bibliografia: f. 107-112.
Anexos: f. 113-131.

1. Produção textual. 2. Criação (Literária, artística etc.). 3. Intertextualidade.
4. Histórias inventadas. 5. Dialogismo. I. Título.

CDU: 37.015.4

Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Personagens em Histórias Inventadas por Alunos de Escola Pública e Escola Particular:
a intertextualidade nas nomeações.

ROBERTA DA SILVA FREITAS

Dissertação submetida a banca examinadora, já referendada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 05 de junho de 2012.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Eduardo Calil de Oliveira (PPGE-UFAL)
(Orientador)



Profa. Dra. Maria Inez Matoso Silveira (PPGLL-UFAL)
(Examinadora Externa)



Profa. Dra. Adna de Almeida Lopes (PPGE-UFAL)
(Examinadora Interna)

Ao Thiago
companheiro incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo incentivo.

Ao meu marido por seu incessante apoio e constante incentivo.

Ao meu orientador, Eduardo Calil, pela confiança depositada em mim e no meu trabalho.

Ao financiamento concedido pelo convênio Capes/Fapeal.

Às professoras que participaram da banca de qualificação e defesa.

Aos companheiros de turma (especialmente às amigas Carla, Thaise e Sirlene) que dividiram muitos momentos bons e ruins durante a graduação e o mestrado.

Aos integrantes do grupo de pesquisa Escritura, Texto & Criação - ET&C.

Ao amigo, Denisson Lopes, pela troca de informações durante a análise dos dados.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a construção dessa dissertação.

RESUMO

Este trabalho pretende discutir, a partir da noção de “dialogismo bakhtiniano” entendida como elemento constitutivo de todo e qualquer discurso, os nomes de personagens dados por alunos do ciclo inicial do Ensino Fundamental, quando escrevem suas histórias inventadas (CALIL, 2004; CALIL e LIMA, 2007). Nosso *corpus* é formado por 41 manuscritos escolares de alunos de 2ª série, coletados em 1996 em uma escola pública e 24 manuscritos de alunos de 3ª série, coletados entre 1997 e 1998 em uma escola particular; ambas da cidade de Maceió. A partir desses dois conjuntos de manuscritos (CALIL, 2008) descrevemos quais são os nomes de personagens que surgem, as relações intertextuais (KOCH, 2009) que esses nomes têm com o ambiente cultural, sobretudo determinado pela televisão e pelos textos lidos em sala de aula, em que estão imersos esses alunos pertencentes a distintos níveis socioeconômicos. Para compará-los, estabelecemos as seguintes categorias: ficcional (nomes relacionados ao universo cultural, como mídia, material escrito conhecido, entre outros - exemplo: Chapeuzinho Vermelho); não-ficcional (nomes ligados ao contexto imediato e cotidiano das crianças - exemplo: Amanda); ficcional-não-ficcional (universo cultural e cotidiano - exemplo: Princesa Raquel). Os resultados indicam que tanto os alunos da escola pública quanto os da escola particular adotaram praticamente a mesma forma de nomeação, identificamos a presença de uma significativa porcentagem de personagens relacionados ao universo não-ficcional, isto é, ao contexto imediato e cotidiano, com nomes de amigos e familiares, apresentados geralmente de forma individualizada, como Isabel, João... Concluimos que, mesmo em textos escritos por alunos imersos em realidades culturais distintas, esta forma de nomeação aproxima suas histórias, assim como nos ajuda a caracterizar o processo criativo de alunos dessa faixa etária.

Palavras-chave: Criação, dialogismo, história inventada, personagens, intertextualidade.

ABSTRACT

This paper discusses, from the notion of "Bakhtinian dialogism" understood as a constitutive element of any speech, character names by pupils of the first cycle of elementary school, when they write their stories invented (Calil, 2004, Calil and LIMA, 2007). Our corpus consists of 41 manuscripts school students in grades 2, collected in 1996 in a public school and 24 manuscripts from the 3rd grade students, collected between 1997 and 1998 in a private school, both the city of Maceió. From these two sets of manuscripts (Calil, 2008) describe what are the names of characters who appear, the intertextual relations (KOCH, 2009) that these names are to the cultural environment, mainly determined by television and the texts read in room classroom, where students are immersed in these belonging to different socioeconomic levels. To compare them, we established the following categories: fictional names (related to the cultural universe, such as media, written materials known, among others - eg Little Red Riding Hood), nonfiction (names linked to the immediate context and daily lives of children - example: Amanda);-fictional non-fiction (and everyday cultural universe - eg Princess Rachel). The results indicate that both the public school students as the private school have adopted much the same form of appointment, identify the presence of a significant percentage of characters related to non-fictional universe, ie, the immediate context and everyday, with names from friends and family, usually made individually, like Elizabeth, John .. We conclude that, even in texts written by students immersed in different cultural realities, this form of appointment approaching their stories, as well as helps us to characterize the creative process of students in this age group.

Keywords: Creation, dialogism, invented story, characters, intertextuality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Personagens inventados pelos meninos da escola pública	66
Gráfico 2 – Personagens da categoria ficcional inventados por meninos	67
Gráfico 3 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por meninos	67
Gráfico 4 – Personagens da categoria ficcional-não-ficcional	67
Gráfico 5 – Personagens inventados pelas meninas da escola pública	68
Gráfico 6 – Personagens da categoria ficcional inventados por meninas	69
Gráfico 7 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por meninas	69
Gráfico 8 – Distribuição dos personagens, por sexo, de acordo com a categoria	70
Gráfico 9 – Personagens inventados por meninos	70
Gráfico 10 – Personagens inventados por meninas	70
Gráfico 11 – Personagens inventados em dupla – composta por menino + menino.	73
Gráfico 12 – Personagens da categoria ficcional inventados por meninos + meninos	74
Gráfico 13 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por meninos + meninos	74
Gráfico 14 – Personagens inventados em dupla – composta por menina + menina.	75
Gráfico 15 – Personagens da categoria ficcional inventados por menina + menina	75
Gráfico 16 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por menina + menina	75
Gráfico 17 – Personagens da categoria ficcional-não-	76
Gráfico 18 – Personagens inventados em dupla – composta por menino + menina.	77
Gráfico 19 – Personagens da categoria ficcional inventados por menino + menina .	77
Gráfico 20 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por menino + menina	77
Gráfico 21 – Personagens inventados em dupla por alunos da escola pública	78
Gráfico 22 – Personagens inventados por menina + menina	78
Gráfico 23 – Personagens inventados por menino + menino	78
Gráfico 24 – Personagens inventados por menino + menina	78
Gráfico 25 – Personagens inventados pelos meninos da escola pública	81
Gráfico 26 – Personagens da categoria ficcional inventados por meninos	82
Gráfico 27 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por meninos	82
Gráfico 28 – Personagens da categoria ficcional-não-ficcional	82

Gráfico 29 – Personagens inventados pelas meninas da escola pública	83
Gráfico 30 – Personagens da categoria ficcional inventados por meninas	84
Gráfico 31 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por meninas	84
Gráfico 32 – Distribuição dos personagens, por sexo, de acordo com a categoria...	84
Gráfico 33 – Personagens inventados por meninos	85
Gráfico 34 – Personagens inventados por meninas	85
Gráfico 35 – Personagens inventados em dupla – composta por menino + menino.	87
Gráfico 36 – Personagens da categoria ficcional inventados por meninos + meninos	88
Gráfico 37 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por meninos + meninos.....	88
Gráfico 38 – Personagens inventados em dupla – composta por menina + menina.	89
Gráfico 39 – Personagens da categoria não-ficcional	89
Gráfico 40 – Personagens inventados em dupla – composta por menino + menina.	90
Gráfico 41 – Personagens da categoria ficcional inventados por menino + menina .	91
Gráfico 42 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por menino + menina.....	91
Gráfico 43 – Personagens inventados em dupla por alunos da escola particular	91
Gráfico 44 – Personagens inventados por menino + menino	92
Gráfico 45 – Personagens inventados menina + menina	92
Gráfico 46 – Personagens inventados por menino + menina	92
Gráfico 47 – Incidência dos nomes inventados pelos alunos da escola pública	100
Gráfico 48 – Incidência dos nomes inventados pelos alunos da escola particular ..	100
Gráfico 49 – Categoria dos nomes de personagens inventados por escola.....	100
Gráfico 50 – Personagens inventados pelos alunos da escola pública	102
Gráfico 51 – Personagens inventados alunos da escola particular	102
Gráfico 52 – Categoria dos nomes de personagens inventados por escola.....	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Discriminação dos personagens contidos nas histórias inventadas, em dupla, no dia 22/11/1996.....	40
Tabela 2 – Relação de nomes de personagens criados, individualmente, por alunos da 2ª série, em 18/12/1996	43
Tabela 3 – Categoria e subcategoria nas histórias inventadas individualmente por meninos.....	45
Tabela 4 – Personagens inventados por meninas	47
Tabela 5 – Nome dos personagens em história inventada, escrita em dupla – formada por meninos.....	48
Tabela 6 – Personagens em história inventada, escrita por meninas, em dupla.....	49
Tabela 7 – Nome dos personagens em história inventada por menino e menina	51
Tabela 8 – Personagens inventados em dupla por alunos da 3ª série, no dia 14/11/1997	53
Tabela 9 – Personagens inventados individualmente por alunos da 3ª série, no dia 03/04/1998	54
Tabela 10 – Personagens em histórias inventadas, por meninos, individualmente ..	57
Tabela 11 – Personagens inventados individualmente - por meninas	58
Tabela 12 – História inventada, em dupla, composta por meninos	61
Tabela 13 – História inventada em dupla formada somente por meninas.....	62
Tabela 14 – Personagens inventados em dupla composta por meninos e meninas.	63
Tabela 15 – Personagens inventados por meninos	66
Tabela 16 – Personagens inventados por meninas	68
Tabela 17 – Personagens inventados por menino x menina.....	71
Tabela 18 – Personagens inventados por menino + menino	73
Tabela 19 – Personagens inventados por menina + menina	74
Tabela 20 – Personagens inventados por menino + menina	76
Tabela 21 – Personagens inventados em dupla	79
Tabela 22 – Personagens inventados por meninos	81
Tabela 23 – Personagens inventados por meninas	83
Tabela 24 – Personagens inventados por menino x menina.....	86
Tabela 25 – Personagens inventados por menino + menino	87
Tabela 26 – Personagens inventados por menina + menina	88

Tabela 27 – Personagens inventados por menino + menina	90
Tabela 28 – Personagens inventados em dupla	93
Tabela 29 – Categoria dos personagens inventados pelos meninos	94
Tabela 30 – Subcategoria dos personagens inventados pelos meninos.....	95
Tabela 31 – Categoria dos personagens inventados pelas meninas	95
Tabela 32 – Subcategoria dos personagens inventados pelas meninas.....	96
Tabela 33 – Categoria dos personagens inventados em dupla: menino + menino ...	96
Tabela 34 – Subcategoria dos personagens inventados em dupla: menino + menino	97
Tabela 35 – Categoria dos personagens inventados em dupla: menina + menina ...	97
Tabela 36 – Subcategoria dos personagens inventados em dupla: menina + menina	98
Tabela 37 – Categoria dos personagens inventados em dupla: menino + menina ...	98
Tabela 38 – Subcategoria dos personagens inventados em dupla: menino + menina	99
Tabela 39 – Categoria dos personagens inventados por alunos da escola pública e escola particular	99
Tabela 40 – Subcategoria dos personagens inventados por alunos da escola pública e escola particular	101

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NO TEXTO	17
2.1. A PRODUÇÃO TEXTUAL NAS SÉRIES INICIAIS	17
2.2. CONTRIBUIÇÃO DA “VOZ” BAKHTINIANA.....	18
2.3. SOBRE A INTERTEXTUALIDADE	21
2.3.1. A intertextualidade no manuscrito escolar	25
2.3.1.1. O intertexto na criação de poemas	26
2.3.1.2. O intertexto nas histórias inventadas	27
2.3.1.3. O processo de nomeação dos personagens.....	29
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS	33
3.1. APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	33
3.2. AS ESCOLAS	34
3.3. A ANÁLISE	35
3.3.1. Análise quantitativa	36
3.3.1.1. Categorias.....	36
3.3.1.1.1. Subcategorias	37
3.3.2. Análise qualitativa	38
4. A INTERTEXTUALIDADE NAS NOMEAÇÕES	40
4.1. O QUE TRAZEM OS MANUSCRITOS ESCOLARES COLETADOS	40
4.1.1. Escola Pública	40
4.1.1.1. Descrição dos nomes dos personagens	40
4.1.1.1.1. Classificação por categoria e subcategoria.....	44
4.1.1.1.1.1. Histórias inventadas individualmente.....	44
4.1.1.1.1.2. Histórias inventadas em dupla.....	48
4.1.2. Escola Particular	53

4.1.2.1. Descrição dos nomes dos personagens	53
4.1.2.1.1. Classificação por categoria e subcategoria.....	57
4.1.2.1.1.1. Histórias inventadas individualmente.....	57
4.1.2.1.1.2. Histórias inventadas em dupla.....	61
4.1.3. Escola Pública X Escola Particular.....	65
4.1.3.1. Comparação interna.....	66
4.1.3.1.1. Escola Pública	66
4.1.3.1.1.1. Menino x Menina	66
4.1.3.1.1.2. Menino + Menino x Menina + Menina x Menino + Menina.....	73
4.1.3.1.2. Escola Particular	81
4.1.3.1.2.1. Menino x Menina	81
4.1.3.1.2.2. Menino + Menino x Menina + Menina x Menino + Menina.....	87
4.1.3.2. Comparação entre Escola Pública X Escola Particular.....	94
4.1.3.2.1. Menino x Menino.....	94
4.1.3.2.2. Menina x Menina.....	95
4.1.3.2.3. Menino + Menino x Menino + Menino	96
4.1.3.2.4. Menina + Menina x Menina + Menina	97
4.1.3.2.5. Menino + Menina x Menino + Menina	98
4.1.3.2.6. Nomeação de personagem de acordo com as categorias estabelecidas .	99
4.1.3.2.7. Nomeação de personagem de acordo com as subcategorias	101
5. CONCLUSÃO.....	104
REFERÊNCIAS.....	107
ANEXO A – Chapeuzinho Amarelo	113
ANEXO B – Mari Mar	114
ANEXO C – Stephanie	116
ANEXO D – O pai a Mãe e os Três Filhos.....	117
ANEXO E – Sem Título.....	118

ANEXO F – O Gato de Bota	119
ANEXO G – A Menina e o Gato.....	120
ANEXO H – A Princesa Catarina	121
ANEXO I – SOS Titanic O Mais Trágico Naufrágio de toda a humanidade. Titanic.....	122
ANEXO J – A Bruxinha Matilda e Brunilda.....	124
ANEXO K – A Bruxinha Sapeca	125
ANEXO L – Bad Boy, a vingança	126
ANEXO M – As aventuras da galera.....	128
ANEXO N – A Ovita.....	130

1. INTRODUÇÃO

A partir da noção de “dialogismo bakhtiniano”, entendida como elemento constitutivo de todo e qualquer discurso pretendemos discutir como os alunos do ciclo inicial do Ensino Fundamental nomeiam os personagens quando escrevem suas histórias inventadas. O principal objetivo desse estudo é identificar o que pode interferir nas suas escolhas (relacionadas às histórias de alunos de uma escola pública e uma escola particular) durante o processo de criação.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa PCNs (1997) orientam que um dos caminhos necessários para a garantia da formação do aluno enquanto leitor e produtor de textos é aquele que o insere em um universo discursivo significativamente heterogêneo. E, isso só será possível a partir da constituição de um amplo repertório de modelos que, ao mesmo tempo, deve focalizar o aprofundamento de um determinado tipo de texto.

A formação dos alunos enquanto escritor deve estar associada às possibilidades deles criarem seus próprios textos. Lembrando que é preciso ter boas referências, pois, não há como criar do nada. É importante destacar que a escola desempenha um papel fundamental para oferecer essas condições de criação. Por isso, formar bons escritores não depende somente da prática de produção de textos, deve-se também a uma prática constante de leitura.

Sabe-se que a produção textual é um dos quatro eixos de ensino de língua portuguesa. Conforme os PCNs é esperado que a produção de textos seja bastante comum nas escolas, pois permite focalizar aspectos relevantes no processo de autoria de crianças letradas que nos levam a ver em “histórias inventadas” (CALIL, 2004) modos de interferência do universo discursivo em que as crianças estão inseridas.

Considerando a escola uma das instituições responsáveis pela consecução do saber e pela inserção do aluno na sociedade letrada, adotamos como objeto de análise desta pesquisa um material que está intimamente relacionado ao processo de produção textual. Para tanto, elegemos como objeto de estudo os manuscritos

escolares de alunos, do primeiro ciclo das séries iniciais do Ensino Fundamental, de uma escola pública e uma escola particular da cidade de Maceió.

É importante elucidar que, a partir do que discute Calil (2008), o “manuscrito escolar” é tudo aquilo que o *scriptor* produz em sua condição de aluno. Sendo o produto de um processo escritural que tem a escola como pano de fundo – independente do local em que foi produzido, ou seja, se foi ou não escrito no ambiente escolar, por exemplo.

Calil (2008) pondera ainda que esses manuscritos escritos na escola trazem uma significativa heterogeneidade de material vinculado às diversas práticas de textualização, que pode ser organizada como objeto científico de grande valor documental, histórico e cultural.

Deste modo, tentaremos identificar como surge a heterogeneidade inscrita nesses manuscritos. Com base nesse *corpus* foi realizado um levantamento de como ocorrem as possíveis escolhas realizadas por esses alunos, buscando esclarecer como foi estabelecida a nomeação dos personagens em suas histórias inventadas. Em seguida, tentaremos identificar de que maneira esses nomes indiciam marcas dos textos que circulavam no universo em que os alunos estavam inseridos.

Essas interferências serão discutidas a partir dos nomes de personagens de histórias inventadas que alunos de 2ª e 3ª série¹ escrevem. Através desses nomes pretendemos indicar a força do dialogismo que atravessa o processo de criação e escritura desses alunos, o qual aparece refletido no manuscrito escolar.

Também estamos dispostos a analisar se esses nomes sofrem interferência do meio em que vivem, assim sendo, averiguamos se a televisão e a leitura de histórias são levadas em consideração por esses alunos ao fazerem certas escolhas, já que alguns deles têm forte contato com esses meios. Outro ponto relevante consiste em investigar como os meninos e as meninas nomeiam os seus personagens, posto que como se interessam, na maioria das vezes, por diferentes

¹No decorrer do trabalho será utilizada a nomenclatura empregada na época (1996, 1997 e 1998) da produção dos textos: 2ª e 3ª série que correspondem, respectivamente, ao atual 3º e 4º ano – do Ensino Fundamental de 9 anos.

assuntos, eles poderão apresentar diferenças na estrutura ou no tema tratado em seus manuscritos.

Sendo assim, o nosso propósito será investigar especificamente como a intertextualidade aparece refletida em textos inventados por alunos que vivem em realidade economicamente, socialmente e culturalmente distinta. Acreditamos que os alunos da escola particular nomeiam os seus personagens de forma letrada (mais próxima do contexto em que estão inseridos). Enquanto os alunos da escola pública se apropriam do contexto mais imediato, isto é, tentam, de certa forma, “reproduzir” o ambiente em que vivem.

É a partir do ato de escrever e das diversas práticas de textualização presentes nas escolas que tentaremos identificar as relações dialógicas no manuscrito escolar. Nesse sentido, os PCNs (1997) orientam que a produção de discursos não acontece no vazio, ele se relaciona de algum modo com os que já foram produzidos. Assim sendo, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros, ainda que isso não se explicita em sua linearidade.

De tal modo, acreditamos que o caráter dialógico que a criança apresenta, ao nomear os personagens, traz marcas do universo em que está inserida apresentando indícios que talvez façam parte do cotidiano desses alunos. Logo, partimos da ideia de que os nomes dos personagens possuem relação com o contexto em que os alunos estão inseridos.

2. A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NO TEXTO

2.1. A PRODUÇÃO TEXTUAL NAS SÉRIES INICIAIS

Sabe-se que os textos escritos, nas séries iniciais, “são geralmente propostos pela escola, em situações formais, fortemente marcadas por procedimentos didáticos relacionados aos métodos de ensino, cuja ênfase sobre aspectos gráficos, alfabéticos e ortográficos é historicamente conhecida.” (CALIL, 2008, P. 1). Entretanto, para nós o que interessa não é como o aluno escreveu e, sim o que ele escreveu.

É importante ressaltar que as crianças escrevem com uma linguagem própria, tentando, de diversas formas, reproduzir as suas descobertas. Em alguns momentos escrevem tentando reproduzir algum texto conforme o modelo que memorizou, e em outras situações criam o seu próprio texto, baseando-se em suas características próprias, singulares. Entretanto, Massini-Cagliari adverte que “não é possível produzir um texto em uma modalidade que não se conhece. Isto quer dizer que, se a criança não tiver a experiência de leitura de textos escritos, suas escrituras serão nada mais do que uma transcrição da fala.” (MASSINI-CAGLIARI, 2001, p. 34).

Ao analisar um texto verificam-se vestígios da herança cultura do sujeito e das ações sobre ela, percebendo que repetição e criação estão juntas nas diversas maneiras de retomar o vivido. É da realidade que o aluno tem o seu material de escrita, ele usa a maneira de pensar e refletir acerca dos acontecimentos para escrever o seu texto. Portanto, pode-se dizer que “a construção identidade individual no processo de produção de textos parece estar fundada na construção da identidade social.” (GOULART, 2003, p. 106).

Por conseguinte, ao considerarmos que durante a produção de textos é comum que os alunos escrevam acerca daquilo que está mais próximo à sua realidade, reafirmando o que foi posto por Leal ao ponderar que se o texto do aluno resulta de um “conjunto de saberes, de relações e de conhecimentos, podemos, do nosso ponto de vista de compreendente, entender que os conhecimentos linguísticos que os alunos possuem influenciam fortemente os textos produzidos.” (LEAL, 2003, p. 64).

Diante disso, de acordo com a concepção de Massini-Cagliari, “para que o aluno progrida em suas produções escritas é necessário que a produção textual esteja vinculada a leitura porque é principalmente por intermédio dela que o adquire experiência com a modalidade escrita.” (MASSINI-CAGLIARI, 2001, p. 34).

Deve-se ter consciência de que a consecução do saber precisa estar, como conforme Calil vem discutindo, relacionada à leitura de textos representativos, os quais criam um contexto favorável à aprendizagem, na medida em que constitui para os alunos um repertório textual de referência ao mesmo tempo em que se garante a função social dos textos que servirão como “modelos” estruturantes para a produção de texto.

2.2. CONTRIBUIÇÃO DA “VOZ” BAKHTINIANA

Adotamos como referencial teórico o estudo desenvolvido por Bakhtin que considera o dialogismo a característica essencial da linguagem e o princípio constitutivo de todo e qualquer discurso. Considerando que “os textos são diálogos porque resultam do embate de muitas vozes.” (BARROS, 1994, p. 6).

Com base nessa afirmação, estamos assumindo que um “enunciado sempre pressupõe enunciados que o precederam e que lhe sucederão; ele nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia” (BAKHTIN, 2004, p. 375) posto com a intenção de estabelecer o sentido no texto.

Destarte, esta teoria se marca através das relações com o outro. Ao considerar que todo texto é resultado de uma ação dialógica entre o texto escrito e outros textos conhecidos, pois traz em si fragmentos de outros textos. Os quais podem ser retomados com a finalidade de compor o seu sentido, se opor a ideia defendida por ele ou simplesmente assegurar o que foi dito.

Partindo desse ponto de vista, afirmamos que todo texto é resultado de outros textos. Como vimos, “o texto ‘original’ é uma ficção, ou melhor, é uma função da historicidade, num processo retroativo. São sempre vários, desde sua ‘origem’, os textos possíveis num ‘mesmo’ texto.” (ORLANDI, 2007, p. 14). O texto escrito é o congelamento desses conflitos.

Conforme Bakhtin, “o texto só vive em contato com outro texto (contexto). Somente em seu ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para frente, fazendo que um texto participe de um diálogo.” (BAKHTIN, 1992, p. 404). O princípio dialógico é marcado por uma concepção de linguagem que engloba a história e o sujeito, tendo em vista que esta relação dá-se por meio da interação entre o “eu” e o “outro” no texto. Sendo assim, o referido autor afirma que “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal.” (BAKHTIN, 2004, p. 124).

Segundo Bakhtin (2003), todas as palavras proferidas passam pela relação mútua da orientação dialógica com o outro, pois “ao se constituir na atmosfera do ‘já dito’, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é o diálogo vivo.” (BAKHTIN, 1997, p. 89). O autor ainda afirma que:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 1997, p. 88).

A partir da interação dialógica, várias “vozes” sociais se exprimem, se enfrentam, se entrecrocaram, manifestando diferentes pontos de vista acerca de determinado tema, remetendo a visões plurais de mundo, que representam diferentes elementos históricos, sociais e linguísticos. Logo, podemos afirmar que o diálogo é construído a partir das “relações de acordo-desacordo, afirmação-complemento, pergunta-resposta, etc.” (BAKHTIN, 1997, p. 188), estabelecendo, assim, relações puramente dialógicas. Com base nessa afirmação, considera-se que todo texto é composto por diversas vozes e diferentes enunciados, ora concordantes, ora divergentes, assinalando o caráter dialógico da linguagem humana.

Portanto, “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva”. (BAKHTIN, 2003, p. 297). Logo, na constituição do sentido no texto, é comum fazer referência ao papel do “outro” o que ocasiona uma “insistência em afirmar que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz.”

(BARROS, 1994, p. 3). Deste modo, reconhecemos que o papel do outro é de grande valia na construção do sentido, posto que nenhuma palavra é inteiramente nossa, pois traz em si a perspectiva de outra voz. Conforme Brait:

Bakhtin afirma que *tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala* (1994, p. 14).

Neste sentido, voltamos a citar Bakhtin quando ele menciona que “*a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida*” (BAKHTIN, 2004, p. 95), o autor afirma ainda que não é possível escapar da orientação dialógica, pois:

O objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes. O falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez. (BAKHTIN, 2003, p. 299-300).

Prosseguindo acerca da concepção bakhtiniana podemos verificar que as palavras são inseridas no texto como se fossem “ecos da voz” do outro ou simplesmente um reflexo de algo relacionado a determinado “episódio” da vida de quem está participando do processo de escritura. Logo, “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata.*” (BAKHTIN, 2004, p. 112).

Barros destaca que “outro aspecto do dialogismo a ser considerado é do diálogo entre os muitos textos da cultura, que se instala no interior de cada texto e o define” (1994, p. 4), fornecendo subsídios para o processo de criação. Sendo assim, ela afirma que “a intertextualidade na obra de Bakhtin é, antes de tudo, a intertextualidade ‘interna’ das vozes que falam e polemizam no texto, nele

reproduzindo o diálogo com outros textos.” (Barros, 1994, p. 4). Adiante veremos com a intertextualidade se manifesta durante o processo de criação.

2.3. SOBRE A INTERTEXTUALIDADE

A partir da linguística textual, a intertextualidade é definida como “o processo de incorporação de um texto em outro, seja para produzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo” (FIORIN, 1994, p.30), sendo assim, podemos afirmar que todo texto é um intertexto, pois outros textos aparecem nele. Por conseguinte, todo texto nasce do trabalho sobre outros textos, sendo atravessado por vários textos que o constituem. “Em um determinado texto pode aparecer mais de um tipo textual, embora geralmente um se faça predominante.” (BARROS; COSTA VAL, 2003, p. 139).

É através do sentido dado no processo histórico que a relação entre diferentes textos expede um discurso, ou como destaca Calil (2004), “é na articulação entre já-dito e o dito (não-dito), entre o conjunto do dizível, do interpretável e as condições de produção do dizer que se dá a busca pela concretude daquilo que se ‘deseja’ dizer.” (p. 45). Necessariamente determinado por sua exterioridade, todo discurso remete a outro discurso, presente nele por sua ausência necessária.

A intertextualidade ocorre quando fragmentos de um texto são inseridos em outro texto, essas “partículas” são chamadas de intertexto. Deste modo, diz-se que a intertextualidade nada mais é que um diálogo, ou seja, uma troca enunciativa entre textos. Fiorin (1994, p. 29) relata que “o conceito de intertextualidade concerne ao processo de construção, reprodução ou transformação do sentido.” Isto ocorre através do “processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo.” (FIORIN, 1994, p. 30). Desta maneira, podemos considerar que nos apropriamos dela para complementar um texto, em outros momentos, assegurar, ou, simplesmente, dar um novo sentido ao que foi dito.

De acordo com a concepção de Discini (2005) a intertextualidade nada mais é que “a imitação de um texto por outro, de modo a resultar, no texto que imita, um efeito de bivocalidade: a voz do imitado e a voz do que imita estão presentes e diluídas uma na outra.” (p. 166). Esse efeito é considerado bivocal porque, como o

próprio nome diz: contêm duas vozes, dois sentidos. Dessa forma, quem produz um discurso estará sempre o remetendo à voz do outro, reafirmando que dentro de um texto há outros textos. Quanto à bivocalidade, Bakhtin (1998), discorre da seguinte maneira:

Nesse discurso há duas vozes, dois sentidos, duas expressões. Ademais, essas duas vozes estão dialogicamente correlacionadas, como que se se conhecessem uma à outra (como se duas réplicas de um diálogo se conhecessem e fossem construídas sobre esse conhecimento mútuo), como se conversassem entre si. O discurso bivocal sempre é internamente dialogizado. (p. 127).

Do mesmo modo, considerando essa diversidade, veremos em Koch (2009) que todo texto é heterogêneo, pois revela uma relação entre seu interior e seu exterior. Dele fazem parte outros textos que lhe dão origem, predeterminam, dialogam, retoma, a que alude ou se opõe.

É comum fazer referência ao papel do “outro” na constituição do sentido no texto, o que confirma que a perspectiva de outra voz, pois “todo texto representa o repetível, o reproduzível e que o remete à língua enquanto sistema, em oposição ao que nele é acontecimento único, irrepetível e que o remete a outros textos, também irrepetíveis.” (LEMOS, 1994, p. 41).

Com o objetivo de construir o sentido no texto “o sujeito toma como suas as palavras da voz anônima produzida pelo interdiscurso (a memória discursiva)” (ORLANDI, 2007, p. 31), o que faz gerar novas possibilidades de interpretação para o que foi posto no texto. É importante lembrarmos que “cada termo, cada palavra abre e fecha concomitantemente campos de interpretação, possibilitando a cada instante a resignificação do que já-(está)-lá.” (CALIL, 2004, p. 109).

Sendo assim, voltamos a considerar que as palavras postas em cena, durante a produção do texto – por exemplo, nem sempre aparecem com o seu sentido “real”. Como já foi discutido, é comum encontrarmos alguns enunciados inseridos em uma situação “nova”, bem diferente da que estamos habituados.

A fim de ilustrar tal ocorrência, destacaremos a história “A família F Atrapalhada²” que foi inventada, em 1992, por duas meninas que cursavam a 1ª série em uma escola particular de São Paulo. Essa dupla recém-alfabetizada resolveu iniciar a história pelo “fim”, o que gerou um fato inusitado, porque “Fim” foi transformado em nome próprio e, a partir dele, os demais personagens foram nomeados. Isso revela o que estávamos tentando esclarecer. É sabido que a “palavra ‘fim’ não é nova, nem diferente, mas ao se descongelar, muda de lugar, rompendo com uma suposta ‘estrutura’.” (CALIL, 2004, p. 114).

A partir do ponto de vista de Koch (2004) veremos a sua classificação de acordo com a referência que pode ser feita ou não mediante o tipo de autoria, elegendo três tipos de intertextualidade: com intertexto alheio, com intertexto próprio ou com intertexto atribuído a um enunciador genérico; e, de acordo com o critério da expressão ou não da autoria, esses casos ela nomeia de intertextualidade explícita e implícita.

Ainda conforme a autora, na primeira categorização, o intertexto alheio ocorre quando há a inserção de fragmentos da voz de outro locutor que são introduzidos no texto através das expressões prototípicas (segundo, conforme, de acordo...). No intertexto próprio, as interseções são caracterizadas pela retoma de segmentos extraídos de textos do próprio autor, numa espécie de autotextualidade. Tal situação é recorrente no discurso acadêmico quando o autor faz menção a conteúdos utilizados em outro trabalho de sua autoria.

E, para finalizar, diz-se que o intertexto é atribuído a um enunciador genérico quando o fragmento do texto alheio não pode ser atribuído especificamente a um enunciador. Isto acontece ao mencionar um segmento que faz parte do repertório de uma comunidade, como os provérbios e os ditos populares.

A partir de agora, veremos em que consiste a divisão realizada entre a intertextualidade explícita e implícita. O primeiro caso, a autora define como os elementos nos quais a fonte (intertexto) é mencionada no próprio texto, isto acontece em citações, resenhas, resumos..., ou seja, o autor dá os devidos créditos a quem divulgou/publicou/mencionou determinado argumento.

² Adiante falaremos um pouco mais a respeito desse manuscrito.

Koch; Bentes; Cavalcante (2008, p. 28) afirmam que a intertextualidade pode estar relacionada também às “situações de interação face-a-face, nas retomadas do texto do parceiro, para encadear sobre ele ou contraditá-lo, ou mesmo para demonstrar atenção ou interesse na interação”. Desta forma, podemos perceber que a intertextualidade não se limita apenas aos textos, verificamos que a sua heterogeneidade é bem mais abrangente, pois pode trazer à tona outros diálogos ou outras formas de interação.

Entretanto, no outro tipo “o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p. 29-30), pois ele é introduzido no texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita. Caso isto não aconteça, a construção do sentido será prejudicada.

Conforme Koch (2004), tal situação pode ser evocada no intuito de garantir o sentido do texto através da ativação da memória coletiva da comunidade com a utilização de intertextos “de obras literárias, de músicas populares bem conhecidas ou textos de ampla divulgação pela mídia, bordões de programas humorísticos de rádio ou TV, assim como provérbios, frases feitas, ditos populares etc.” (p. 147).

Diante dessas circunstâncias, segundo a autora, é mais comum a recuperação do texto-fonte o que possibilita o interlocutor a “argumentar a partir dele; ou então, ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, adaptá-lo as novas situações, ou orientá-lo para um outro sentido, diferente do sentido original.” (2004, p. 148). Vejamos três dos exemplos, de intertextualidade implícita, dados por Koch (2004, p.149):

(2) E0: Penso, logo existo.

E1: Penso, logo hesito. (Luis Fernando Veríssimo, “Mínimas”).

(4) E0: Até que a morte os separe.

E1: Até que a bebida os separe. (*Veja*, 18 jul. 1988, mensagem da AAA).

(5) E0: Quem espera sempre alcança.

E1: Quem espera nunca alcança. (Chico Buarque, “Bom conselho”).

Nesses casos, o novo sentido dado às expressões conhecidas foi posto ironicamente, porém a intertextualidade “não ocorre apenas quando existe uma intenção de fazer humor com um texto preexistente. É uma noção mais abrangente, pois engloba todas as referências a outros textos constitutivos do sentido, e, portanto, da coerência do texto em questão.” (MASSINI-CAGLIARI, 2001, p. 58).

Ao mencionar a propagação que ocorre anonimamente por meio da sabedoria popular Koch (2008, p. 33) destaca que “a recuperação é praticamente certa”, pois elas são re-enunciadas no interior da comunidade, representando a “voxpopuli”. Tais enunciações de origem desconhecida as quais abrange: frases feitas, provérbios, ditos populares ou qualquer enunciação que faz parte da cultura popular.

Em relação aos demais tipos de textos-fonte como o literário, jornalístico, bordões de programas humorísticos entre outros, a autora considera que o reconhecimento do intertexto é menos garantido, já que isto depende da amplitude dos conhecimentos guardados na memória do interlocutor. Caso a ativação da memória não seja feita o texto pode perder o sentido.

2.3.1. A intertextualidade no manuscrito escolar

Há poucos estudos relacionados à intertextualidade no manuscrito escolar. Calil (2004, 2008), Calil e Lima (2007) apontam importantes indícios de como os alunos trazem à tona o que já foi dito (com o mesmo sentido – agindo como uma reprodução – ou ressignificando aquilo que estava estabilizado – atribuindo-lhe um novo sentido).

Isto acontece porque “a cada nova palavra posta em cena, há um movimento de volta sobre o que já havia sido escrito e de ida sobre as possibilidades de direção da história.” (CALIL, 2004, p. 49). O que abre um leque de possibilidades para a construção do sentido no texto, pois:

Esse movimento pode ser interpretado como uma tensão. A tensão entre o previsível e o imprevisível. Duas forças antagônicas que se articulam entre a dependência e a autonomia na relação sujeito/sentido. Há predominância de uma formação discursiva relacionada a produção de histórias. Isto equivale a uma dependência à cultura e a um universo de enunciados bastante estabilizados, cristalizados através do processo histórico, que

circulam invariavelmente nestas práticas de textualização “era uma vez”, “princesa/príncipe”, “um X que se chamava Y”, “de repente”, “um dia”, “mãe/madrasta”, “feitiço/encantamento”, “viveram felizes para sempre”, “fim”, “título”, etc. O previsível enquanto um conjunto de enunciados logicamente estabilizados. (CALIL, 2004, p. 113).

Neste caso, compreendemos como previsível qualquer enunciado que faz parte da cultura letrada desses alunos, uma característica marcante seria a retomada aos “contos de fadas”. Esses textos são fortemente difundidos em ambiente escolar e fazem parte do universo dos alunos em processo de alfabetização. Já o imprevisível estaria marcado pelo “novo”, pelas diversas possibilidades do dizer. A seguir veremos como o intertexto “ganha forma” no manuscrito escolar.

2.3.1.1. O intertexto na criação de poemas

Calil (2008) analisou os poemas escritos, em dupla - por alunos da 2ª série³, e constatou que em boa parte dos dados coletados é intensa a retomada de títulos, temas, versos, rimas, expressões, personagens. “Essas retomadas parecem tanto funcionar como um apoio para a produção em curso quanto trazer também as marcas de relações intertextuais com os próprios textos já escritos.” (p.68).

Um ponto relevante destacado nessa pesquisa foi em relação a tal retomada, pois ela não aconteceu exclusivamente com os poemas lidos pela professora. Em alguns casos, os alunos “trouxeram” fragmentos do seu próprio poema se inserindo naquilo que Koch; Bentes; Cavalcante (2008) chamam de intertexto próprio ou autotextualidade. No decorrer da discussão apresentaremos alguns casos de intertextualidade destacados por este autor.

Ao analisar os manuscritos, Calil (2008) observou que, após a leitura de dois poemas de Guimarães Rosa (1997), “Alaranjado” e “Verde”, uma dupla escreveu um poema intitulado “Azul”. A semelhança não está apenas no título – está claro que os três foram intitulados fazendo menção a uma cor. Além disso, há outras intertextualidades nesse manuscrito que remetem a fragmentos do poema “As

³ Os dados foram coletados nos anos 2000 e 2001, por isso, mencionamos que estes alunos cursavam a 2ª série, seguindo a nomenclatura empregada no período em que o trabalho foi realizado pelo pesquisador Eduardo Calil (2008).

borboletas”, de Vinícius de Moraes. E, ainda, retoma trechos do que foi escrito no poema “Quem vem me salvar”, de autoria da mesma dupla.

Essas relações intertextuais são intensas e constantes nos poemas escritos pelos alunos envolvidos no projeto didático “Poema de Cada Dia”, e, como se observa, elas funcionam como uma espécie de “matéria-prima” para o processo de criação, não entrando no poema como mera cópia ou paráfrase; palavras, expressões, versos, sintagmas e, até mesmo, fragmentos de estruturas poéticas, sintáticas e/ou gráficas são rearranjados e ressignificados durante o processo de escritura em ato, constituindo-se, através de diferentes articulações lingüísticas e discursivas, em novos textos. (CALIL, 2008, p. 74).

Sendo assim, percebemos que mesmo se tratando de manuscrito escolar é comum encontrarmos, além dos fragmentos de textos conhecidos, segmentos do que já foi escrito pelo próprio aluno em outro texto. A retomada se dá através da criação de novos textos, os quais, por vezes, talvez não intencionalmente, acabam resgatando aquilo que já foi dito.

2.3.1.2. O intertexto nas histórias inventadas

A entrada de outros textos, durante o processo de produção textual, é um fato corriqueiro e segue o mesmo rumo nas histórias inventadas, sejam elas relacionadas à linguagem oral ou escrita. Como vimos, o intertexto aparece nas histórias inventadas a fim de complementar, reafirmar ou contestar aquilo que foi dito. E, é com base nessa afirmação que veremos como ele pode aparecer nesse tipo de produção.

Iniciaremos esta discussão a partir da análise, realizada por Calil e Lima (2007), de uma história inventada por um aluno da 4^a série de uma escola particular⁴ de Maceió. Ela foi escrita após a professora solicitar a todos os alunos a produção de uma história inventada.

⁴ Foi nessa mesma escola que os nossos dados foram coletados, em 1997 e 1998. Essa história foi escrita no dia 26/11/1996.

O aluno atribuiu, à sua história, o título “O Rei Cagado” – que apresenta fortes relações com a novela “O Rei do Gado⁵”. Nesse trabalho, encontraram certos trocadilhos com a versão original que vão desde a seleção do título até a criação dos nomes dos personagens, cuja boa parte da escolha se deu através de adjetivos relacionados a insultos (“Mijada”, “Melado”, “Molhada”, “Abestado”...) que remetem ao adjetivo “Cagado” presente no título dessa história, o qual “contamina o processo de nomeação e contagia o *scriptor* que se movimenta sob os efeitos de um universo discursivo escatológico.” (p.121).

Os autores perceberam que “o manuscrito marcava ainda outras relações de semelhanças com esta novela através de significantes como ‘gado’, ‘fazenda’ e ‘rei’.” (p. 116). E, apesar de apresentar uma configuração que se aproxima dos contos de fadas, na medida em que são registrados certos elementos pertencentes a este gênero como o início da história marcado por “era uma vez” e em seu desfecho aparecer “viveram felizes para sempre”. O desenrolar de tal história toma um rumo completamente imprevisível.

Do mesmo modo, em “os três todinhos e a dona sabor” o “que parece saltar aos olhos nesta história é a filiação de diferentes textos remetendo a um discurso.” (CALIL, 2004, p. 18).

No manuscrito em questão, o autor ainda afirma que, acontece um cruzamento entre o texto publicitário da TV (propaganda do “Todinho”), a história “Os três porquinhos”, personagens característicos dos contos de fadas (fada/feiticeiro), discursos sobre as relações familiares (mãe/filhos, seus nomes etc.). Isto representa a marca do já-dito, mostrando que o sentido não nasce no contexto interacional, e sim, nas relações entre os textos e suas articulações com as formações discursivas. Pois, como afirma Calil (2004):

Estes textos estão filiados a uma *memória do dizer* (interdiscurso) que circula em determinadas condições de produção. Neste caso, a propaganda, o conto de fada, as relações “mãe/filho” fazem parte de um universo possível de enunciados que tecem e produzem sentidos na medida em que são postos em funcionamento e se congelam neste processo discursivo. (p. 18-19).

⁵ O manuscrito foi produzido em 1997. Período em que essa novela estava sendo exibida pela Rede Globo.

A inserção de diferentes enunciados no texto possibilita uma nova gama de sentidos, às vezes, bem diferentes daqueles que estamos habituados a ver. Eis que surge um jogo de palavras ditando diferentes formas para aquilo que foi estabilizado, atribuindo-lhe uma nova direção. Não estou querendo dizer que o que for inserido no texto sempre terá uma abordagem diferente do que foi dito anteriormente, ao contrário. Pode surgir uma miscigenação entre o que foi proferido e o que pode vir a ser, ou simplesmente, continuar perpetuando o já dito através do congelamento do sentido empregado originalmente. Portanto, podemos concluir que o intertexto pode ser empregado tanto para reafirmar quanto para contestar o que foi expresso.

2.3.1.3. O processo de nomeação dos personagens

Calil (2004) considera que o processo de nomeação não deve se restringir apenas à questão de nomear o personagem, mas sim uma questão discursiva muito mais ampla e complexa que se põe em xeque a própria coerência/unidade da história a ser produzida. A coerência não é dada previamente, nem aleatoriamente, bem como não está relacionada às experiências vividas e armazenadas na memória. Neste processo, procurou se mostrar que o autor precisa saber inserir-se, filiar-se historicamente nos sentidos, apresentar-se como o “já-dito”.

Essas experiências podem se refletir nas histórias inventadas e por diversos motivos ser inseridas no manuscrito escolar obtendo o estatuto de nomes próprios. “A historicidade do nome próprio parece se dar na medida em que ele se refaz, se singulariza no nome de alguém. Desse modo, pode ser dito que o nome próprio não tem sentido, não tem significado, é puro significante.” (CALIL, 2004, p. 115). Adiante veremos alguns casos de como surgem os nomes dos personagens.

Na história “O Rei Cagado” a imprevisibilidade se deve principalmente ao que se refere aos nomes próprios recebidos por seus personagens. Apesar da grande diferença em relação aos contos de fadas, essas nomeações trazem certas semelhanças aos nomes contidos na novela ou remete a alguma característica marcante de determinados personagens. Agora notemos dois dos exemplos apresentados:

O Rei do Gado	O Rei Caçado
Mezenga + Berdinazzi	Merdinasi
Luana	Mulamba

Os nomes expostos acima trazem à tona o que estamos discutindo desde o início do trabalho. Seguindo a análise de Calil e Lima (2007), no primeiro exemplo está explícita a condensação entre os nomes “Mezenga” + “Berdinazzi”, resultando em “Merdinasi”. No segundo caso, a personagem “Luana” era bóia-fria e andava feito uma “molamba”.

A partir do que foi discutido, está claro, nesse manuscrito, que foi constatado um jogo discursivo entre “nomear” e “qualificar”. Consoante a iniciativa do aluno que se apropriou de substantivos e adjetivos (predominantemente insultantes) transformando-os em nomes próprios diferenciando-se das *tradicionais possibilidades de nomeação*⁶.

Em outra história inventada intitulada “os três todinhos e a dona sabor” foi constatado que, no nome destes personagens, “há um congelamento de vários textos que circulam em um discurso.” (CALIL, 2004, p.32). Apesar dos “Três Todinhos” fazerem menção aos “Três Porquinhos” os nomes dos personagens, bem como, o enredo das histórias não se parecem em nada. O mesmo ocorre na retomada dos demais textos (e discursos) que foram inseridos nessa história como nome próprio. Porque mesmo se tratando de origens diferentes, notou-se, durante a análise desse manuscrito, que uma das preocupações das alunas era deixar claro que:

A mãe deve estar relacionada de alguma forma aos filhos: seja através da descrição física ou pelo fato do nome indicar que a mãe, “Todona”, é maior que os “Todinhos”, seja através da composição de nomes, como parece indicar a tentativa de Nara, ao inventar um nome para a mãe, formando a partir do nome dos filhos: - ...*chilcoo... morran... rreme...*”, seja através

⁶ Estou chamando de tradicionais possibilidades de nomeações aquilo que não foge às “regras convencionais”. Tentarei explicar melhor, ao nomear um personagem, em uma história inventada, é bastante comum a retomada de algum nome conhecido seja ele do seu dia a dia, proveniente da TV, de alguma história conhecida... Enfim, há uma variedade imensa. Porém, não é nada convencional encontrarmos adjetivos, principalmente insultantes, apresentados como nomes de personagens em histórias inventadas por um aluno do 1º ciclo do ensino fundamental, em ambiente escolar.

daquilo que tem efeito de sobrenome “Todona de Todos os Sabores”. (CALIL, 2004, p. 27).

O nome da mãe, além de marcar a relação de poder (Todona > os Três Todinhos) imposta pela necessidade de deixar claro que ela deve ser maior que os filhos, também reúne o nome (sabor) dos três - “Todona de Todos os Sabores”. O mesmo acontece na história “A família F Atrapalhada”. Nela, o “personagem fim/filho deve também estar relacionado aos pais. Talvez haja um lugar de ancoramento do sentido, resgatando-se novamente uma suposta unidade.” (CALIL, 2004, p. 115).

A relação entre “Fim” (filho) e os seus pais, que a princípio foram chamados de “Fimo” e “Fima”, retomando assim o nome do filho. Transformou-se em “Fumo” e “Fina”, que são nomes já conhecidos, porém ganham nova forma após adquirir o estatuto de nome próprio.

Um fato curioso é que o nome do personagem “Fim”, no manuscrito “A família F Atrapalhada”, surgiu da necessidade dessas alunas em estabelecer um título para a sua história. Tendo em vista que, no contexto em que estavam inseridas, a palavra “título evoca “fim” – normalmente essas alunas iniciavam as suas histórias com um título e, a maioria delas, eram finalizadas com a palavra “fim”.

“Esse efeito parece estar relacionado a outros ‘textos’ em que tal palavra surge, como por exemplo, em gibis e certos filmes. Nesse lugar, o sentido de ‘fim’ está congelado, tem um sentido cristalizado que funciona como se fosse único” (CALIL, 2004, p. 114) ao criar certa “garantia” de término do que foi dito/escrito.

É interessante destacar que durante a conclusão desse manuscrito foi posto o enunciado “fim” – que além de possuir um efeito de cristalização do processo histórico, caracteriza como ocorreu o processo de criação dessa dupla. Dessa forma, foi através do “jogo” entre as palavras, e ao lado da brincadeira com o título, que iniciou o modo como os personagens foram nomeados, interferindo desde o desenvolvimento até o desfecho da história.

Deste modo, fica claro que, em todos os casos, esses alunos se apropriaram da cultura letrada em que estavam inseridos, retomando aspectos relacionados à TV (como a propaganda do “Toddyinho” e a novela “O Rei do Gado”, por exemplo) ou aos contos de fadas – quando se referem aos “Três Porquinhos” e ao enunciado

“fim” que “equivale a uma dependência à cultura de enunciados bastante estabilizados, cristalizados através do processo histórico, que circulam invariavelmente nestas práticas de textualização.” (CALIL, 2004, p. 113).

Vimos, nesses casos, que houve uma apropriação de termos existentes, os quais foram transformados em nomes próprios – sejam eles através da reprodução de palavras existentes, incorporação de adjetivos, composição de palavras... Enfim, abrem-se infinitas possibilidades relacionadas ao processo de nomeação de personagens em histórias inventadas.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1. APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

O trabalho foi desenvolvido a partir da análise de 65 manuscritos escolares⁷. Dos quais 41 foram escritos, por alunos 2^a série - da rede pública, no ano de 1996 e os outros 24 entre os anos de 1997 e 1998, por alunos da 3^a série, de uma escola particular, ambas situadas na cidade de Maceió. Esses dados são formados por histórias inventadas escritas em dupla e individualmente.

a) A coleta dos dados

Neste aspecto, é relevante salientar que, infelizmente, não tivemos acesso à prática didática adotada pelas professoras, portanto, não sabemos o que os alunos liam, nem o que circulava na sala de aula durante o período em que os manuscritos foram coletados. A única informação obtida a respeito das condições de produção dos manuscritos é que foram escritos a partir da seguinte orientação: a professora solicitava aos seus alunos que escrevessem uma história inventada, a proposta era efetuada sem títulos dados previamente por ela, visando menor interferência no processo de criação de seus alunos para que escrevessem de maneira mais informal e espontânea.

b) A seleção dos dados para a análise

Inicialmente, o nosso objetivo restringia-se apenas em analisar os dados da escola privada, entretanto, após algumas análises, chegamos à conclusão de que uma comparação entre realidades distintas enriqueceria bastante a nossa pesquisa. Portanto, adicionamos os manuscritos oriundos da rede pública. Durante a seleção desses “novos dados” nos deparamos com um problema: não foram localizados manuscritos, com as mesmas características (o nosso *corpus* é composto somente por histórias inventadas, nas quais os alunos tiveram livre escolha para decidir o título), escritos por alunos da 2^a série. Desta forma, fomos obrigados a recorrer à

⁷ Este acervo encontra-se armazenado no banco de dados “Práticas de Textualização na Escola - PTE”. Pertencente ao Laboratório do Manuscrito Escolar (L'ÂME) organizado pelo Prof. Dr. Eduardo Calil, no Centro de Educação (CEDU) na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Todos os dados estão digitalizados.

série seguinte – 3ª série⁸, e nos deparamos com outra dificuldade: o ano em que foram escritos, neste caso, recorreremos ao ano em que antecedeu as primeiras produções da escola particular (1997), sendo assim, adotamos os manuscritos de 1996.

Além da distinção entre os manuscritos escritos por alunos de escola particular e pública, os nossos dados ainda são desmembrados em dois conjuntos, textos produzidos em dupla e individualmente, ou seja, das 24 histórias inventadas, escritas pelos alunos da escola particular, nove foram produzidas em dupla, no ano de 1997, enquanto as outras quinze foram escritas individualmente, em 1998. O mesmo aconteceu na escola pública, na qual encontramos dezesseis histórias escritas em dupla e, conseqüentemente, vinte e cinco escritas individualmente, em 1996, totalizando quarenta e um manuscritos.

3.2. AS ESCOLAS

Como mencionamos, os dados foram coletados em duas escolas de Maceió pertencentes a realidades distintas. Uma delas está localizada em um dos bairros mais valorizados⁹ da cidade, trata-se de uma escola particular que atende aos alunos de classe média. Já a outra escola faz parte da rede municipal de ensino e está situada em um dos bairros mais populosos de Maceió, com mais de 200 mil habitantes¹⁰, abriga, em sua maior parte, moradores com baixa renda. Além disso, é cercado por favelas, sofre com a falta de infraestrutura e a criminalidade. O seu corpo discente é formado por alunos que vivem nessa região e possuem uma classe econômica desfavorecida.

Acreditamos que o contato com o universo letrado, para a maioria desses alunos, limitava-se principalmente ao que era transmitido através do ambiente escolar. Provavelmente, em suas casas, não havia a circulação de jornais, livros, revistas ou qualquer outro material cuja finalidade seja difundir o hábito da leitura. Realidade bem diferente da vivenciada pelos alunos da escola particular.

⁸ Demos prioridade a esta série porque o nosso objetivo é analisar o nome dos personagens que foram criados nessas histórias. Ficamos com receio de retroceder e nos deparar com manuscritos de alunos não alfabetizados, o que dificultaria a nossa análise.

⁹ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gruta_de_lourdes>. Acesso em: 28/03/2012.

¹⁰ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Jacintinho>>. Acesso em: 28/03/2012.

Pois, apesar de não possuir o projeto (ou projetos) didático, podemos inferir que os alunos da escola privada possuíam forte contato com as riquezas culturais daquela época como os livros que fazem parte da literatura infantil, revistas, histórias em quadrinhos, programas de televisão, filmes, novelas, desenhos animados, etc. Enquanto os alunos da escola pública que tem uma prática diferente, partimos da ideia que ficavam restritos ao contexto imediato ao escrever as suas histórias inventadas.

3.3. A ANÁLISE

A partir do levantamento dos nomes dos personagens foi possível averiguar a relação com o ambiente em que esses alunos estavam inseridos. Também verificamos como os personagens são nomeados em dupla e individualmente, tanto pelos meninos quanto pelas meninas.

É importante salientar que estamos chamando de personagem o nome em si, independente da quantidade que ele represente, ou seja, um nome equivale a um personagem. Adotamos essa referência a fim de estabelecer certa “exatidão”¹¹ ao quantificar as nomeações encontradas.

Outro questionamento significativo diz respeito à escolha do nome dos personagens o que nos fizeram refletir se sofreram interferência do meio em que os alunos vivem, assim sendo, investigamos de que modo a televisão e a leitura de histórias também são levadas em consideração por eles ao fazerem certas escolhas, já que possuem forte contato com esses meios.

Deste modo, o nosso propósito foi investigar como a intertextualidade aparece refletida em histórias inventadas por alunos que vivem em realidade economicamente, socialmente e culturalmente distinta. Partimos do pressuposto que os alunos da escola particular nomeiam os seus personagens de forma letrada (mais próxima do contexto em que estão inseridos). Enquanto os alunos da escola pública utilizam nomes mais próximos da sua realidade.

¹¹ Não temos como quantificar exatamente os nomes que aparecem nessas histórias inventadas. Tendo em vista que nem todos os personagens aparecem de maneira individualizada (Mãe, Princesa, Pedro). É comum encontrarmos nomes genéricos que expressam a coletividade dos personagens (Cortadores, Todos os moradores da cidade, Amigos), o que impossibilita determinar quantos personagens está por trás dos nomes dados.

Para atingir o nosso objetivo, tentamos resgatar os fatos marcantes relacionados à cultura, ocorridos na época em que os textos foram escritos, bem como o que circulava na mídia naquele período (como filmes, novelas, desenhos animados, acontecimentos históricos, políticos e econômicos) e no universo escrito (histórias em quadrinhos, fábulas, lendas, conto de fadas, etc.) para, em seguida, encontrarmos possíveis relações entre os nomes dados aos personagens nas histórias inventadas pelos alunos e tais acontecimentos.

Vale ressaltar que não temos registro de diálogos destas crianças, e como esta pesquisa está voltada para um processo de produção interno, as análises terão algumas suposições. Os dados foram organizados em tabelas a fim de quantificar e classificar os nomes dos personagens em categorias. Logo, a pesquisa foi realizada em duas etapas: uma quantitativa e outra qualitativa.

3.3.1. Análise quantitativa

A primeira etapa realizada quantitativamente a fim de caracterizar os nomes dos personagens, deu-se a partir da criação de três categorias:

3.3.1.1. Categorias

a) Ficcional – Abrange os nomes relacionados à natureza cultural, como mídia ou material escrito conhecido – exemplo: Chapeuzinho Vermelho;

I. Meios de comunicação

a. TV

- i. Novela
- ii. Filme
- iii. Desenho animado
- iv. Esporte
- v. Seriado

b. Rádio

- i. Cantor
- ii. Letra de música

II. Material impresso conhecido

a. Contos de fada

- a. História em quadrinho
- b. Livro
 - i. Literatura infantil
 - ii. História
- c. Fábula
- d. Bíblia Sagrada
- III. Histórias narradas a partir da oralidade/tradição oral
 - a. Lenda
- IV. Peça de Teatro
 - a. Musical infantil

b) Não-Ficcional – Utiliza nomes ligados ao cotidiano dos alunos – exemplo: Amanda;

- I. Cotidiano
 - a. Utiliza o próprio nome, ou seja, o aluno se insere na história
 - b. Ambiente escolar
 - i. Colega de classe
 - ii. Professora
 - iii. Relação familiar/Grau de parentesco

c) Ficcional-Não-Ficcional – Reúne os nomes relacionados ao universo cultural e ao cotidiano das crianças – exemplo: Princesa Raquel.

- I. Meio de comunicação + Cotidiano
- II. Meio de comunicação + Ambiente escolar
- III. Material impresso conhecido + Cotidiano
- IV. Material impresso conhecido + Ambiente escolar

Dentro dessas categorias podemos encontrar, ainda, três subcategorias.

3.3.1.1.1. Subcategorias

As subcategorias podem ser definidas quanto à forma apresentada, ou seja, se nomeia ou não o personagem e, em relação, a sua quantificação.

a) Individualizado – Refere-se somente a um personagem, o qual recebeu nome “próprio” – exemplo: Gato de Bota;

b) Genérico – Ocorre quando o personagem não recebe um nome próprio (exemplo: Filho), este ainda pode ser subdividido em:

- I. Genérico Coletivo – Quando se trata de mais de um personagem (exemplo: Irmãs);
- II. Genérico Individualizado – Quando se refere a um personagem, apenas (exemplo: Menino).

Essa classificação foi estabelecida de acordo com o nome dos personagens, contidos nos textos escritos pelos alunos, tendo por objetivo expor a organização da nomeação dada. Apesar de ser bastante limitada, ela nos ajudará a descrever o modo como os nomes se configuram e, a partir disso, estabelecermos algumas observações para a nossa reflexão.

3.3.2. Análise qualitativa

Com base no que foi apresentado fica claro que o nosso objetivo é, além de identificar as influências recebidas pelos alunos, comparar os dados da escola pública aos da escola particular com o intuito de identificar possíveis diferenças e semelhanças entre os nomes dos personagens pertencentes a realidades sócio-cultural e economicamente distintas, ao tipo de agrupamento (em diáde e individualmente) e ao sexo dos alunos que escreveram tais manuscritos.

Deste modo, o nosso propósito foi investigar especificamente de que modo a intertextualidade (diálogo entre textos) está presente no processo de construção de um texto inventivo de crianças que vivem em realidade economicamente, socialmente e culturalmente distinta. Em produções infantis é comum encontrarmos textos baseados em fatos vivenciados pelos alunos e a partir de temáticas que os atraem.

Consequentemente, a intertextualidade “indiciou os caminhos” para que fosse identificada a presença de outros textos para a constituição do sentido nas nomeações. E, isso só foi possível a partir das pistas deixadas no próprio manuscrito

escolar, elas indicaram os reflexos do que interferiu (ou pode ter interferido¹²) durante o processo de criação.

¹² Como foi dito, não temos como afirmar o que realmente aconteceu.

4. A INTERTEXTUALIDADE NAS NOMEAÇÕES

4.1. O QUE TRAZEM OS MANUSCRITOS ESCOLARES COLETADOS

4.1.1. Escola Pública

O nosso *corpus* apresenta 41 manuscritos produzidos pelos alunos da escola pública, no ano de 1996. Desses manuscritos, 16 foram escritos em dupla – neles, verificamos a presença 71 personagens (conforme a Tabela 1) – e 25 manuscritos escritos individualmente – com 100 personagens (Tabela 2). Logo, os alunos dessa escola criaram 171 personagens. Veremos, a seguir, como esses alunos da 2ª e 3ª série nomearam os personagens em suas histórias inventadas.

4.1.1.1. Descrição dos nomes dos personagens

Tabela 1 - Discriminação dos personagens contidos nas histórias inventadas, em dupla, no dia 22/11/1996

QUANTIDADE	CATEGORIA		
	FICCIONAL	NÃO-FICCIONAL	FICCIONAL-NÃO-FICCIONAL
1	Gato de Bota	Menina	Princesa Raquel
2	Jogadores de futebol do Vasco da Gama	Quatro Irmãs	Princesa Karla
3	Bruxa	Pai	Princesa Amanda
4	Gatinha	Mãe	
5	Galinhas	Pai	
6	Cinderela	Mãe	
7	Gato	Três Filhos	
8	Fada	Velha	
9	Ratinhos	Família	
10	Cavalos Brancos	Menina	
11	Rei	Mãe	
12	Galinha	Primos	
13	Pata	Nadine	
14	Pintinho Feio	Carmem	
15	Homem Amaldiçoado	Pessoa	
16	Feiticeira	Cleverton	
17	Todo Mundo	Primas	
18	Fada	Raianne	
19	Príncipe Chico Lopes	Fernanda	
20	Rapunzel	Janice	
21	Cinderela	Ana	
22	Maria Joaquina	Roberto	
23	Gato Pripri	Pai	
24	Beunice	Fernanda	
25	Príncipe	Luiz	
26	Bruxa	Wilma	
27	Juíza	Pedro	
28	Três Meninas Gêmeas	Família	
29	Chapeuzinho Amarelo	Mãe	
30	Lobo Mau	Amigos	
31	Princesa Isabel	Namorados	
32	Rei Ricardo	Pai	
33		Quatro Meninos	
34		O Primo	
35		Vovó	
36		Mãe	

Esses personagens foram extraídos das histórias inventadas, em dupla. Neles, verificamos forte incidência de personagens (trinta e dois) advindos do universo ficcional, os quais remetem ao ambiente cultural em que estavam inseridos. Entretanto, o que predomina é a nomeação relacionada ao universo não-ficcional (com trinta e seis personagens) que traz em si reflexos do cotidiano. Apenas três personagens foram nomeados de acordo com a categoria ficcional-não-ficcional através da junção entre as outras duas categorias.

Entre os trinta e seis personagens classificados na categoria não-ficcional, chamamos a atenção para a grande referência (dezessete) aos personagens “Mãe” (cinco vezes), seguido de “Pai” (quatro vezes), “Família” (duas vezes), “Irmãs”, “Filhos”, “Primos”, “Primas” e “Prima” (cada nome apareceu uma vez) que representam laços afetivos importantes e estão fortemente relacionados ao cotidiano dos alunos devido a posição que ocupam de acordo com a relação familiar.

Considerando ainda os personagens não-ficcionais observamos um significativo número (cinco) de personagens que foram extraídos do ambiente escolar, pois possuem o mesmo nome de alguns colegas de classe como “Raianne”, “Fernanda” (aparece em dois manuscritos) e “Ana”, além da professora “Janice”. “Karla” e “Amanda” também se inserem nesse grupo, porém estão classificados na categoria ficcional-não-ficcional porque aparecem como “Princesas”.

Logo, podemos considerar que dos trinta e seis personagens inseridos nesse conjunto de manuscritos vinte e quatro nomes estão diretamente relacionados ao cotidiano desses alunos, o que confirma a nossa hipótese quanto à origem dos nomes porque representam o contexto em que estavam inseridos. Além disso, a maioria (vinte e um) foi nomeada genericamente, ou seja, o personagem não recebeu um “nome próprio”.

Por outro lado, não podemos negar a expressiva relação ao universo ficcional, com a inserção de trinta e dois personagens classificados nessa categoria. Nela, identificamos nomes relacionados a diversas origens. Para exemplificar demonstraremos um dos casos que remete tanto a um “conto de fadas” quanto à personagem de um livro.

No manuscrito escolar “Chapeuzinho Amarelo¹³” identificamos a presença de quatro personagens: “Chapeuzinho Amarelo”, “Vovó”, “Mãe” e o “Lobo Mau”. O título da história é o nome da protagonista, o mesmo acontece no livro “Chapeuzinho Amarelo” – de Chico Buarque (2003). A protagonista dessa história era amarela de medo, tinha medo de tudo, não brincava, não corria... O seu medo mais medonho era do Lobo, até que ela o enfrenta e supera todo o medo que sentia.

No entanto, a personagem da história inventada por uma dupla formada por meninas não se parece em nada com a “Chapeuzinho” de Chico Buarque. O enredo dessa história remete ao conto dos Irmãos Grimm – “Chapeuzinho Vermelho”, com direito à “Vovó”, “Mãe” e o temido “Lobo Mau”. Como acontece no conto, a menina, a pedido da sua “Mãe”, vai levar comida para a “Vovozinha”. Ela vai cantando e no meio do caminho encontra o “Lobo Mau”, conversaram um pouco e o “Lobo” foi correndo até a casa da avó da menina.

Com base nessa breve apresentação dos dados, podemos inferir que a “Chapeuzinho Amarelo”, dessa dupla, não tinha medo de nada! Bem diferente da encontrada no livro de Chico Buarque, aproximando-se bastante da personagem dos Irmãos Grimm, o que nos leva a ver que nesse manuscrito, as alunas, “recorreram” a dois materiais impressos conhecidos (“conto de fadas” e livro) para nomear as suas histórias, mostrando que fazem uso da leitura de histórias conhecidas.

E, mais, essas histórias se fizeram presentes durante o seu processo de criação, pois foram utilizadas através da “ativação do texto-fonte em sua memória discursiva.” (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2008, p. 31). A articulação entre esses textos se deu a partir do plágio – com a reprodução do conto, porém com a utilização do nome de uma personagem presente em outra história, talvez na tentativa de “camuflar” tal ocorrência.

¹³ Cópia digitalizada do manuscrito no ANEXO A.

Tabela 2 - Relação de nomes de personagens criados, individualmente, por alunos da 2ª série, em 18/12/1996

QUANTIDADE	CATEGORIA		
	FICCIONAL	NÃO-FICCIONAL	FICCIONAL-NÃO-FICCIONAL
1	Rapunzel	Filha	Princesa Eliza
2	Bruzo	Filho	
3	Príncipe Coração de Leão	João	
4	Guardas do castelo	Amigos	
5	Leão	Botaram	
6	Rato	Menina	
7	Maiores (Ratos)	Amiguinho	
8	Mari Mar	Mãe	
9	Sérgio	Vovo	
10	Avôs	Fernanda	
11	Seu Chico	Pessoas	
12	Padre Torres	Fabiane	
13	Gata Mimosa	Fabício	
14	Homem do carro	Flavia	
15	Gatinha Mimi	Família	
16	Chapeuzinho Azul	Mãe	
17	Bebê Dinossauro	Pai	
18	Dinossaura	Avó	
19	Raposa	Avó	
20	Rato	Pai	
21	Cinderela	Filho	
22	Gato Pripri	Eu	
23	Cinderela	Mãe	
24	Gato	Menina	
25	Fada	Vovozinha Emília	
26	Príncipe	Gustavo	
27	Três Gatinhos	Mãe	
28	Cachorro	Mãe	
29	Polícia	Primas	
30	Chapeuzinho Vermelho	Filhinho	
31	Lobo Mau	Homem	
32	Caçador	Velho	
33	Cachorro	Velha	
34	Doutor	Pais	
35	Gata Bolota	Três Irmãos	
36	Deus	Pais	
37	Rei	Meninos	
38	Jesus	Outros Pais	
39	Gatinho Fofó	Mãe	
40	Bruza	Vovó	
41	Cobra	Amanda	
42	Bruzinha	Mãe	
43	Gato	Eu	
44		Pais	
45		Janice	
46		Tereza Cristina	
47		Mamãe	
48		Pai	
49		Família da Filha	
50		Juquinha	
51		Vizinha	
52		Pai	
53		Todos os colegas	
54		Janice	
55		Mãe	
56		Papai	

De acordo com os nomes dispostos na Tabela 2, verificamos que, assim como na Tabela 1, os personagens foram, em sua maioria, nomeados de acordo com a categoria não-ficcional (cinquenta e seis), seguida da ficcional (quarenta e três) e apenas um personagem se enquadra na categoria ficcional-não-ficcional.

Além disso, houve novamente um significativo número (trinta e dois) de personagens que fazem parte da relação familiar. Os quais foram chamados de “Mãe” (oito), “Pai” (quatro), “Pais” (três), “Filho” (dois), “Mamãe”, “Outros Pais”, “Três Irmãos”, “Papai”, “Filha”, “Vovô”, “Família”, “Avó”, “Avô”, “Vovozinha Emília”, “Primas”, “Filhinho”, “Vovó” e “Família da Filha” (aparecem apenas uma vez).

Os nomes relacionados ao ambiente escolar também voltaram a aparecer – dessa vez com menor intensidade. Dos quatro nomes, apenas um (“Tereza Cristina”) não apareceu nos manuscritos escritos em dupla, enquanto os outros três (o da professora: “Janice” e de duas colegas de classe: “Fernanda” e “Amanda”) foram inseridos nos dois grupos.

Sendo assim, de modo geral, podemos afirmar que não constatamos diferença significativa em relação aos nomes contidos nas histórias inventadas em dupla e individualmente, ao contrário, identificamos as mesmas incidências quanto à classificação.

Posteriormente, veremos de que forma os personagens foram escritos, levando em consideração a distinção por sexo: manuscritos produzidos por meninos (Tabela 3) e meninas (Tabela 4); e, em relação ao agrupamento: com a formação de díades compostas somente por meninos, meninas e menino + menina (conforme a Tabela 5, Tabela 6 e Tabela 7, respectivamente).

4.1.1.1.1. Classificação por categoria e subcategoria

4.1.1.1.1.1. Histórias inventadas individualmente

Ao que se refere às quinze produções individuais, a divisão foi a seguinte: dez histórias inventadas por meninos (Tabela 3) e as outras quinze por meninas (Tabela 4).

Tabela 3 - Categoria e subcategoria nas histórias inventadas individualmente por meninos

QUANTIDADE	TÍTULO	PERSONAGENS	CATEGORIA	SUBCATEGORIA
1	Rapunzel	Rapunzel	Ficcional	Individualizado
		Filha	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Filho	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
2	A Princesa Caçula e o Príncipe	Princesa Eliza	Ficcional-Não-Ficcional	Individualizado
		Bruzo	Ficcional	Genérico Individualizado
		Príncipe Coração de Leão	Ficcional	Genérico Individualizado
		Guardas Do Castelo	Ficcional	Genérico Coletivo
3	João, Homem atrás do Leãozinho	João	Não-Ficcional	Individualizado
		Amigos	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Leão	Ficcional	Genérico Individualizado
4	A Menina	Menina	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Amiguinho	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Mãe	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Vovó	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
5	Mari Mar	Mari Mar	Ficcional	Individualizado
		Sérgio	Não-Ficcional	Individualizado
		Avós	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Seu Clico	Não-Ficcional	Individualizado
		Paí	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Padre Torres	Não-Ficcional	Individualizado
		Filho	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
6	O Menino e o Dinossauro	Gustavo	Não-Ficcional	Individualizado
		Bebê Dinossauro	Ficcional	Genérico Individualizado
		Mãe	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Dinossaura	Ficcional	Genérico Individualizado
7	Três Gatinhos e o Homem	Três Gatinhos	Ficcional	Genérico Coletivo
		Homem	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Cachorro	Ficcional	Genérico Individualizado
		Velho	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Velha	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Pais	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Polícia	Ficcional	Genérico Individualizado
8	O Três Irmãos e os Pais	Três Irmãos	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Pais	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Meninos	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Outros Pais	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
9	Chapeuzinho Vermelho e Cor de Rosa	Amanda	Não-Ficcional	Individualizado
		Mãe	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
10	A Bruxinha e a Cobra	Bruza	Ficcional	Genérico Individualizado
		Cobra	Ficcional	Genérico Individualizado
		Bruxinha	Ficcional	Genérico Individualizado
		Gato	Ficcional	Genérico Individualizado

As estatísticas mostram claramente que foram inventados, pelos meninos, 42 personagens. Entre eles, quinze pertencem à categoria ficcional, quanto às subcategorias classificam-se do seguinte modo: dois personagens aparecem individualizados; onze pertencem a genérico individualizado; e dois a genérico coletivo. No que concerne à categoria não-ficcional (26 personagens), a classificação quanto as subcategorias é a seguinte: seis aparecem individualizados; quatorze genérico individualizado e seis genérico coletivo. Para finalizar, apenas um personagem se enquadra em ficcional-não-ficcional de maneira individualizado.

Em relação a esse conjunto de manuscritos, gostaria de chamar a atenção para a história que tem como título (e personagem principal) o nome “Mari Mar¹⁴”. Antes de iniciarmos a nossa análise gostaria de contextualizar a “origem” dessa nomeação.

“Marimar” é uma novela mexicana (a qual – como “Rapunzel”, “A Bela Adormecida” e “Cinderela” – têm como título o nome da protagonista da história e isso, se repete, mais uma vez, em nossos dados – o mesmo aconteceu no manuscrito “Chapeuzinho Amarelo”) exibida pela primeira vez no Brasil em 1996 – ano em que o texto foi escrito. A trama foi protagonizada por Thalía que viveu a personagem “Marimar”.

Localizamos também, no manuscrito, um personagem chamado “Sérgio” – que poderia perfeitamente fazer parte do cotidiano deste aluno, o qual se enquadraria na categoria não-ficcional. Isso, se não fosse por um detalhe imprescindível: este personagem, por pertencer ao manuscrito citado acima, nos leva a crer que foi igualmente inspirado na novela “Marimar”, cujo seu par romântico e também protagonista da novela chamava-se “Sérgio”. O mesmo acontece no manuscrito analisado. Assim sendo, somos obrigados a caracterizá-lo de maneira ficcional e individualizado.

Verificamos que a protagonista “Mari Mar” encontrada na história inventada, por este aluno, estabelece grande relação com a da novela. Ambas são pobres, se apaixonam por “Sérgio” – com quem se casa e tem uma filhinha – são humilhadas pela família do rapaz e expulsas da fazenda em que viviam.

Outros personagens da novela – “Seu Chico”, “Padre Torres” e os “Avós de Marimar” – também estão presentes no manuscrito intitulado “Mari Mar”. Todavia, as semelhanças com a novela não param por aqui, além do nome dos personagens, percebemos que o aluno tentou fazer uma síntese do que foi exibido pelo SBT. Podemos afirmar que ele era um fiel telespectador e acompanhou a cada capítulo o desenrolar da história. Ela foi tão marcante que ele resolveu reproduzi-la no ambiente escolar, confirmando que a “intertextualidade é a imitação de um texto por outro, para captá-lo ou para subvertê-lo.” (DISCINI, 2005, p. 150).

¹⁴ Cópia digitalizada do manuscrito no ANEXO B.

Tabela 4 - Personagens inventados por meninas

QUANTIDADE	TITULO	PERSONAGENS	CATEGORIA	SUBCATEGORIA
1	O Rato	Rato	Ficcional	Genérico Individualizado
		Botaram	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Maiores (Ratos)	Ficcional	Genérico Coletivo
2	A Cinderela	Fernanda	Não-Ficcional	Individualizado
		Pessoas	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Fabiane	Não-Ficcional	Individualizado
		Fabício	Não-Ficcional	Individualizado
		Flavia	Não-Ficcional	Individualizado
		Família	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Mãe	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Pai	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Avô	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Avô	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
3	A Gata	Gata Mimosa	Ficcional	Individualizado
		Eu	Não-Ficcional	Individualizado
		Mãe	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Homem Do Carro	Ficcional	Genérico Individualizado
4	Sem Título	Gatinha Mimi	Ficcional	Individualizado
		Menina	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
5	Chapeuzinho Azul	Chapeuzinho Azul	Ficcional	Individualizado
		Vovozinha Emília	Não-Ficcional	Individualizado
6	A Raposa e o Rato	Raposa	Ficcional	Genérico Individualizado
		Rato	Ficcional	Genérico Individualizado
7	Cinderela	Cinderela	Ficcional	Individualizado
		Gato Pripri	Ficcional	Individualizado
8	Cinderela	Cinderela	Ficcional	Genérico Individualizado
		Mãe	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Primas	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Gato	Ficcional	Genérico Individualizado
		Fala	Ficcional	Genérico Individualizado
		Príncipe	Ficcional	Genérico Individualizado
		Filho	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
9	O Chapeuzinho Vermelho	Chapeuzinho Vermelho	Ficcional	Individualizado
		Mãe	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Vovó	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Lobo Mau	Ficcional	Individualizado
		Caçador	Ficcional	Genérico Individualizado
10	Stephanie	Eu	Não-Ficcional	Individualizado
		Cachorro	Ficcional	Genérico Individualizado
		Doutor	Ficcional	Genérico Individualizado
		Pais	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
11	A Gata Bolota	Gata Bolota	Ficcional	Individualizado
		Janice	Não-Ficcional	Individualizado
12	Chapeuzinho Amarelo	Tereza Cristina	Não-Ficcional	Individualizado
		Mamãe	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Deus	Ficcional	Individualizado
		Pai	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Família da Filha	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
13	O Rei Bom	Rei	Ficcional	Genérico Individualizado
		Jesus	Ficcional	Individualizado
14	Sem Título	Juquinha	Não-Ficcional	Individualizado
		Vizinha	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Pai	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Todos os Colegas	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
15	O Gatinho Fofó	Gatinho Fofó	Ficcional	Individualizado
		Janice	Não-Ficcional	Individualizado
		Mãe	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Papai	Não-Ficcional	Genérico Individualizado

Quanto aos 58 personagens inventados, por essas alunas, verificamos vinte e quatro personagens classificados de acordo com a categoria ficcional (encontramos onze personagens individualizados, doze genérico individualizado e um genérico coletivo) e trinta e quatro com a categoria não-ficcional (onze individualizado, dezessete genérico individualizado e seis genérico coletivo). Neste conjunto, não aparecem personagens que se enquadram na categoria ficcional-não-ficcional.

Gostaríamos de chamar a atenção para o manuscrito intitulado “Stephanie¹⁵”. Ele foi escrito por uma aluna chamada Stephanie. Apesar de o manuscrito fazer menção à aluna em nenhum momento, com exceção do título, ela cita o seu nome na história, a qual foi narrada em 1ª pessoa. De acordo com as informações contidas no manuscrito (“fui à escola e encontrei um cachorro que queria me pegar...”) talvez a aluna descreveu (ou tentou descrever) um episódio ocorrido com ela.

4.1.1.1.1.2. Histórias inventadas em dupla

Para escrever essas histórias as díades foram organizadas da seguinte maneira: três duplas formadas exclusivamente por meninos (Tabela 5); oito por meninas (Tabela 6) e cinco com menino e menina (Tabela 7).

Tabela 5 - Nome dos personagens em história inventada, escrita em dupla – formada por meninos

QUANTIDADE	TÍTULO	PERSONAGENS	CATEGORIA	SUBCATEGORIA
1	O Pai a Mãe e os Três Filhos	Pai	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Mãe	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Três Filhos	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Bruxa	Ficcional	Genérico Individualizado
		Velha	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Família	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
2	Cavalo e o Rei	Cinderela	Ficcional	Genérico Individualizado
		Mãe	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Primos	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Gato	Ficcional	Genérico Individualizado
		Fada	Ficcional	Genérico Individualizado
		Ratinhos	Ficcional	Genérico Coletivo
		Cavalos Brancos	Ficcional	Genérico Coletivo
Rei	Ficcional	Genérico Individualizado		
3	O Pintinho Feio	Galinha	Ficcional	Genérico Individualizado
		Pata	Ficcional	Genérico Individualizado
		Pintinho Feio	Ficcional	Individualizado

Em 1998, foram produzidas três histórias inventadas, em dupla formada apenas por meninos. Nas quais constatamos dezessete personagens: dez relacionados ao universo ficcional (um individualizado, sete genérico individualizado

¹⁵ Cópia digitalizada do manuscrito no ANEXO C.

e dois genérico coletivo) e sete ao universo não-ficcional (quatro genérico individualizado e três genérico coletivo).

A história inventada “O Pai a Mãe e os Três Filhos¹⁶”, se enquadra no que foi discutido por Calil (2004), pois “a tentativa de ‘nomear’ a história traz uma forma de ‘resumo’ daquilo que ela é. Os personagens são filho, pai e mãe, portanto, ‘família’.” (p. 124).

Entretanto, o enredo dessa história não se limita a relação familiar. Ele se aproxima bastante da história “João e Maria” – assim sendo, mais uma vez, aparece um conto dos Irmãos Grimm. Nos dois casos, os filhos saem de casa e se perdem, quando estão com bastante fome encontram uma casa coberta por chocolate.

Tabela 6 - Personagens em história inventada, escrita por meninas, em dupla

QUANTIDADE	TÍTULO	PERSONAGENS	CATEGORIA	SUBCATEGORIA
1	As Gêmeas	Menina	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Quatro Irmãs	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Pai	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Mãe	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
2	O Palácio Assombrado	Carmem	Não-Ficcional	Individualizado
		Homem Amaldiçoado	Ficcional	Genérico Individualizado
		Feiticeira	Ficcional	Genérico Individualizado
		Todo Mundo	Ficcional	Genérico Coletivo
		Fada	Ficcional	Genérico Individualizado
3	Sem Título	Pessoa	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Príncipe Chico Lopes	Ficcional	Individualizado
		Princesa Raquel	Ficcional-Não-Ficcional	Individualizado
		Princesa Karla	Ficcional-Não-Ficcional	Individualizado
		Princesa Amanda	Ficcional-Não-Ficcional	Individualizado
		Rapunzel	Ficcional	Individualizado
4	As Duas Irmãs	Cleverton	Não-Ficcional	Individualizado
		Raianne	Não-Ficcional	Individualizado
		Fernanda	Não-Ficcional	Individualizado
		Janice	Não-Ficcional	Individualizado
		Beunice	Ficcional	Individualizado
5	O Garoto Perdido	Ana	Não-Ficcional	Individualizado
		Roberto	Não-Ficcional	Individualizado
		Pai	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Fernanda	Não-Ficcional	Individualizado
		Luiz	Não-Ficcional	Individualizado
		Wilma	Não-Ficcional	Individualizado
6	Pedro e o pé de maçãs	Juíza	Ficcional	Genérico Individualizado
		Pedro	Não-Ficcional	Individualizado
		Família	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Mãe	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
7	Três Meninas gêmeas	Amigos	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Três Meninas Gêmeas	Ficcional	Genérico Individualizado
		Namorados	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Pai	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Quatro Meninos	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
8	Chapeuzinho	O primo	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Chapeuzinho Amarelo	Ficcional	Individualizado

¹⁶ Cópia digitalizada do manuscrito no ANEXO D.

	Amarelo	Vovó	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Mãe	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Lobo Mau	Ficcional	Individualizado

As alunas da escola pública escreveram oito histórias inventadas em dupla. Nelas, foram encontrados 40 personagens: onze relacionados ao universo ficcional (oito individualizados, cinco genérico individualizado e um genérico coletivo); vinte e seis ao não-ficcional (onze individualizados, dez genérico individualizado e cinco genérico coletivo) e três que se enquadram ao universo ficcional-não-ficcional (todos de maneira individualizada).

Nesse conjunto de manuscritos, o nome que mais chama a atenção foi encontrado em uma história inventada sem título¹⁷. O personagem “Príncipe Chico Lopes” aparece individualizado e se enquadra duplamente na categoria ficcional porque além de ser um “Príncipe” - termo facilmente encontrado em contos de fada – o seu nome “Chico Lopes” provavelmente está relacionado à música “Fã de Eliane” (trecho da música: *Alô, Eliane, ô me atenda pelo telefone, quem tá falando é Chico Lopes. O novo astro lá do Mossoró...*), que está no CD: Chico Lopes e Banda Aquarius “Fã de Eliane”, gravada e bastante difundida nas rádios locais, em 1996, ano em que este manuscrito foi escrito.

Apesar desse “Príncipe” conquistar todas as “Princesas” – retomando, mais uma vez, o que é posto nos contos de fada (é comum, nesse tipo de história, que as mulheres se apaixonem por ele) – até que um dia ele se casou com a “Princesa Raquel” foram pais e, depois, avós. Esse personagem se diferencia das demais nomenclaturas porque, mesmo inserido na categoria ficcional, não possui relação com a literatura “clássica” (livros, contos...), nem com personagens vindos da TV, surgindo um fato diferenciado do que foi suposto na nossa hipótese.

¹⁷ Cópia digitalizada do manuscrito no ANEXO E.

Tabela 7 - Nome dos personagens em história inventada por menino e menina

QUANTIDADE	TÍTULO	PERSONAGEM	CATEGORIA	SUBCATEGORIA
1	O Gato de Bota	Gato de Bota	Ficcional	Individualizado
		Jogadores de futebol do Vasco da Gama	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
2	A Gatinha	Gatinha	Ficcional	Genérico Individualizado
		Menina	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Galinhas	Ficcional	Genérico Coletivo
3	O aniversário de Nadine	Nadine	Não-Ficcional	Individualizado
4	A Menina e o Gato	Cinderela	Ficcional	Individualizado
		Maria Joaquina	Ficcional	Individualizado
		Primas	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Gato Pripri	Ficcional	Individualizado
5	O Príncipe e a Princesa	Princesa Isabel	Ficcional	Individualizado
		Príncipe	Ficcional	Genérico Individualizado
		Rei Ricardo	Ficcional	Individualizado
		Bruxa	Ficcional	Genérico Individualizado

Nas cinco histórias escritas por meninos e meninas localizamos quatorze personagens. Dez deles se insere na categoria ficcional (com seis personagens individualizados, três genérico individualizado e um genérico coletivo); quatro na não-ficcional (um individualizado, um genérico individualizado e dois genérico coletivo).

Encontramos aqui mais um personagem, individualizado, que está diretamente relacionado ao universo ficcional “O Gato de Botas”. Entretanto, o personagem analisado, de acordo com descrição realizada pela dupla (menino e menina), não tem nada a ver com o personagem do conto de fadas - de autoria do escritor francês Charles Perrault. O “Gato de Bota¹⁸” é uma mistura de príncipe com jogador de futebol muito habilidoso. Ele era o Capitão do time, jogava no Vasco da Gama.

É sabido que os jogadores de futebol são personagens que estão intensamente presentes na cultura de muitos brasileiros. E, conseqüentemente, essa modalidade esportiva é bastante difundida entre as crianças, considerando que a população brasileira dá muita importância ao futebol, as crianças são imersas nesse meio desde muito cedo – vão aos jogos, acompanham os campeonatos e programas esportivos transmitidos através da rádio, TV...

O interessante é que esse jogador foi escalado em um time que não pertence ao estado habitado por esses alunos (Alagoas), tal personagem poderia

¹⁸ Cópia digitalizada do manuscrito no ANEXO F.

perfeitamente fazer parte do CRB (Clube de Regatas do Brasil - Campeão Alagoano 25 vezes) ou CSA (Centro Sportivo Alagoano - maior Campeão do Estado, com 37 conquistas) – times de Maceió que acumulam a maior parte dos títulos do futebol alagoano.

Contudo, o “Gato de Bota” ocupa uma posição bem melhor, pois compõe um dos times mais renomados do Brasil. O Club de Regatas Vasco da Gama foi fundado em 21 de agosto de 1898, com sede no Rio de Janeiro. No dia 26 de novembro de 1915 foi formado um time de futebol e o Vasco começava a construir a história de um dos clubes mais respeitáveis do futebol brasileiro, colecionando diversos títulos importantes a nível nacional e internacional. Citelli faz uma observação interessante que podemos relacionar a essa miscigenação que envolve o “Gato de Bota” porque é:

Na medida em que os alunos elaboram essas pequenas histórias, reorganizam, à sua maneira, o mundo usando para tanto o imaginário. Utilizam a criatividade como organização e concatenação das idéias, deixando em cada texto as marcas da individualidade: contam as “velhas histórias”, diferenciando-as, a partir da maneira como são construídas e reconstruídas. (2008, p. 114).

Nessa história, a reconstrução se dá a partir da nova configuração do personagem, o qual rompe as “barreiras” estabelecidas nas “velhas histórias”. O “príncipe” não condiz com os tradicionalmente encontrados nos “contos de fada” que ao ser inserido na história desse aluno adquire novas características surgindo, assim, uma nova versão.

Enquanto isso, no manuscrito intitulado “A Menina e o Gato¹⁹” a protagonista da história, inicialmente, foi chamada de “Cinderela” – personagem do “conto de fadas” bastante conhecido. No entanto, na terceira linha a dupla alterou o nome da personagem, nesse momento ela passou a se chamar “Maria Joaquina”.

“Maria Joaquina” é o nome de uma das personagens da telenovela Carrossel das Américas, transmitida no Brasil, em 1996, pelo SBT. Esta trama fez muito sucesso entre as crianças. Ela era uma menina rica, filha de um renomado médico, bonita e egoísta que menosprezava seus colegas, em especial o Cirilo (menino

¹⁹ Cópia digitalizada do manuscrito no ANEXO G.

pobre e negro) que era apaixonado por ela. Devido a sua beleza era admirada por muitas meninas, o que deve ter motivado a sua inserção nessa história. Tendo vista que a personagem do “conto” também possuía essa característica.

Talvez esses alunos realizaram essa substituição no título (“Cinderela” aparece rasurado) e o nome da personagem com o objetivo de “disfarçar” o que ainda estava por vir, a essa “estratégia” Koch (2009) dá o nome de intertextualidade implícita. Apesar de receber um novo nome, suas características se assemelham às da “Cinderela”: ambas viviam em um castelo e eram tratadas como empregadas – na versão original, pelas “suas irmãs” (filhas da madrasta), e na versão dessa dupla, por suas primas. Além disso, as duas fazem parte do universo ficcional.

4.1.2. Escola Particular

Os alunos dessa escola escreveram vinte e quatro manuscritos, entre os anos de 1997 e 1998. Dos quais encontramos 55 personagens inventados em dupla e 50 individualmente – apresentados na Tabela 8 e Tabela 9, respectivamente. Portanto, foram identificados 105 personagens.

4.1.2.1. Descrição dos nomes dos personagens

Tabela 8 - Personagens inventados em dupla por alunos da 3ª série, no dia 14/11/1997

Nº	CATEGORIA		
	FICCIONAL	NÃO-FICCIONAL	FICCIONAL-NÃO-FICCIONAL
1	Bad Boy	Henrique	
2	Bad Dog	Paloma	
3	Kate	Laila	
4	Jec	Fernando	
5	Jeine	Fabio	
6	Advogados	Lihan	
7	Kuragora	Ricardo	
8	Bichinhos	Felipe	
9	Família Rica	Daniel	
10	Todos os moradores da cidade	Pai de Ricardo e Felipe	
11	Homem da capital	Velho	
12	Pulga	Seu José	
13	Pulga fêmea	Dona Maria	
14	Vários animais	Dono da Casa	
15	Cachorros	Avós	
16	Gatos	Pessoas	
17	Formiga	Habitantes dessa Terra	
18	Dragão	Crianças	
19	Aves	Adultos	
20	Cobra	País	
21	Ovita	Menino	
22	Veterinário	Menina	
23	Passarinho doente	João	
24		Roberto	
25		Marcos	

26		Carlos	
27		Zé	
28		Menino	
29		Professora	
30		Pai	
31		Irmão	
32		Vó	

Com base nessa tabela, verificamos que a maioria dos personagens pertence à categoria não-ficcional (trinta e dois personagens) e os outros vinte e três compõem a categoria ficcional. Neste ano, os alunos não utilizaram nomes advindos da categoria ficcional-não-ficcional.

Como aconteceu nas histórias da escola pública, aqui a maioria dos personagens também receberam nomes genéricos, dos trinta e dois personagens contidos na categoria não-ficcional, dezessete não recebeu “nome próprio”.

Tabela 9 - Personagens inventados individualmente por alunos da 3ª série, no dia 03/04/1998

Nº	CATEGORIA		
	FICCIONAL	NÃO-FICCIONAL	FICCIONAL-NÃO-FICCIONAL
1	Elefante	Rosa	Princesa Catarina
2	Formiga	Isabel	
3	Leonardo DiCaprio	Médico	
4	Bruixinha Matilda	Menina	
5	Brunilda	Arthur Alencar	
6	Prenda	Bruno	
7	Papai Noel	Pai do Bruno	
8	Bruxa Mã	Mariana Gonzaga	
9	Lulu	Pai	
10	Malévola	Menino	
11	Amigos de Lulu	Moça	
12	Preta	Manuel	
13	Príncipe Cuturinu	Filho do Manuel	
14	Ernestina	Menino	
15	Índio Chefe	Rosa	
16	Índios	Isabel	
17	Sr Wiin	Médico	
18	Passageiros da 1ª Classe	Menina	
19	Capitão Eduard J. Smith	A gente	
20	Passageiros	Nossos pais	
21	Carphatia	Nós (Aparece Omitido)	
22	Bruixinha Matilda	Nossos pais	
23	Brunilda	Mulher	
24	Prenda		
25	Macaco		
26	Rei		

Aqui, acontece um caso singular porque há a predominância de nomes ligados à categoria ficcional (com a presença de vinte e seis personagens), seguidos da não-ficcional (vinte e três) e somente um personagem relacionada à ficcional-não-ficcional.

Como podemos observar, esse foi o único conjunto de manuscritos em que foram criados mais personagens oriundos do universo ficcional. Nos outros casos (Tabela 1, Tabela 2 e Tabela 8), os personagens foram inscritos, em sua maioria, no universo não-ficcional. Outra singularidade presente nesse conjunto de manuscritos está relacionada ao nome “Princesa Catarina²⁰” – único personagem da escola particular que se insere na categoria ficcional-não-ficcional.

A personagem “Princesa Catarina” poderia perfeitamente estar relacionada à “Princesa Catarina de Bragança”, filha do “Rei D. João IV”, Princesa de Portugal e Rainha da Inglaterra, casada com o “Rei Carlos II”. Entretanto, o manuscrito intitulado “A Princesa Catarina” apresenta fortes indícios de que o seu nome teve outra “origem”.

Ao analisar essa história, constatamos duas marcas dialógicas do “dialogismo bakhtiniano” (2004) que confirmam a nossa hipótese: a primeira aparece refletida no enunciado “Princesa” e, a segunda, presente no nome “Catarina”. É importante destacar que essa história foi escrita por uma aluna que tinha como colega de classe uma menina chamada “Catarina”.

Diante dessas informações, classificamos essa personagem na categoria ficcional-não-ficcional porque o seu nome nada mais é que a junção entre um personagem contido em um material escrito conhecido (conto de fadas) e um personagem que faz parte do cotidiano (ambiente escolar) dessa aluna.

Certamente essas alunas eram amigas e, por este motivo, a colega “deu-lhe” o título de “princesa”, personagem que tem como características marcantes bondade e beleza estonteante. Logo, a aluna tenta – através da comparação implícita – transferir à sua colega as qualidades de uma “princesa”.

²⁰ Cópia digitalizada do manuscrito no ANEXO H.

Essa interpretação caracteriza um processo dialógico realizado pela aluna ao escolher metaforicamente o nome da personagem de sua história, tendo em vista que o seu nome poderia ser associado a qualquer princesa existente – como “Cinderela”, “Rapunzel”, “Bela Adormecida”, “Branca de Neve”, “Ariel”, entre outras – nas histórias conhecidas. Porque, além de estar relacionada à cultura letrada em que essa aluna estava imersa, trata-se de uma figura importante no imaginário da maioria das meninas que está cursando as séries iniciais do ensino fundamental, é bastante admirada por elas. No entanto, metonimicamente falando, a menina “Catarina” – personagem que possui forte presença no cotidiano da aluna que escreveu o manuscrito – surge no texto como uma personagem digna de receber tal título, sendo nomeada, portanto, como “Princesa Catarina”.

Na mesma história, aparece um personagem chamado “Cuturinu”, pois como em todo “conto de fadas”, a “princesa” deve ter um “príncipe”, e nessa história não foi diferente! A aluna certamente se apropriou do conhecimento adquirido na escola para definir os gêneros masculinos (geralmente marcado pelas letras O ou U) e femininos (geralmente marcado pela letra A) possivelmente influenciada pelo discurso da professora, posto que essa marca dialógica é característica do ambiente escolar, a aluna provavelmente apropriou-se da seguinte estratégia: no nome “CATARINA”, aonde tinha a letra A, ela substituiu por U, identificando o masculino de “Catarina”, sendo assim, o nome do “príncipe” ficou definido como: “CUTURINU”.

Está explícita que a intenção era vincular o nome da “Princesa” ao nome do “Príncipe”. Algo semelhante aconteceu na história “A Família F Atrapalhada”, na qual o nome dos pais deveria estar relacionado ao nome do filho. Conforme a análise realizada por Calil (2004, p. 118):

Desse modo, o nome dos personagens ‘pai’ e ‘mãe’ foi dado a partir de uma ‘derivação’ do termo ‘fim’: para o ‘pai’, fim + o; para a ‘mãe’, fim + a. De acordo com as regras da língua, tal variação seria suficiente e correta, pois uma das regras de formação de gênero é exatamente esta. Além do que, o modo de funcionamento do nome próprio admite o não-sentido.

E, para finalizar essa história encontramos uma “Bruxa”. Como os demais personagens, a “bruxinha” também recebeu um nome: foi chamada de “Ernestina”, nome dado a uma personagem da novela infantil Chiquititas, exibida pelo SBT no

período de 1997 a 2001, vale ressaltar que a história foi escrita durante o segundo ano de exibição da novela, ou seja, em 1998. A personagem “Ernestina” é a zeladora do orfanato e dá medo nas crianças – entre outras coisas, cria aranhas no quarto e manda as meninas limparem o orfanato, também é chamada (comparada) de bruxa por estas crianças. Talvez por este motivo, a “bruxinha” dessa história recebeu esse nome.

Uma das peculiaridades dessa personagem, no manuscrito, é que ela surgiu na história com uma vassoura quebrada e uma das características das “bruxas” presentes nos “contos de fada” é a sua relação/ligação com a vassoura. Outro ponto chama a atenção, pois bem diferente do que acontece nos demais contos, nessa história, a “princesa” foi trocada pela “bruxa”. O “Príncipe Cuturinu” se apaixona pela “Bruxa Ernestina” e a “Princesa Catarina” foi chorando para casa – ao invés de “viver feliz para sempre” com o seu príncipe encantado como nos tradicionais “contos de fadas”.

4.1.2.1.1. Classificação por categoria e subcategoria

4.1.2.1.1.1. Histórias inventadas individualmente

Tabela 10 – Personagens em histórias inventadas, por meninos, individualmente

Nº	TÍTULO	PERSONAGENS	CATEGORIA	SUBCATEGORIA
1	O Elefante E A Formiga Filme 2	Elefante	Ficcional	Genérico Individualizado
		Formiga	Ficcional	Genérico Individualizado
		Arthur Alencar	Não-Ficcional	Individualizado
		Bruno	Não-Ficcional	Individualizado
		Pai	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Mariana Gonzaga	Não-Ficcional	Individualizado
		Leonardo DiCaprio	Ficcional	Individualizado
		Caçador	Ficcional	Genérico Individualizado
		Pai	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Menino	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
2	A Preta	Preta	Ficcional	Genérico Individualizado
		Menino	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
3	Sos Titanic O Mais Trágico Naufrágio de toda a humanidade. Titanic	Sr Wiin	Ficcional	Individualizado
		Passageiros da 1ª Classe	Ficcional	Genérico Coletivo
		Eduard J. Smith	Ficcional	Individualizado
		Todos os passageiros	Ficcional	Genérico Coletivo
		Carphatia	Ficcional	Individualizado
4	O dia Três de Abril de 1998	A gente	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Nossos pais	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
5	O dia Três de Abril de 1998	Nós (aparece omitido)	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Nossos pais	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
6	O Macaco Esperto	Macaco	Ficcional	Genérico Individualizado
7	A Pedra Mágica	Rei	Ficcional	Genérico Individualizado
		Mulher	Não-Ficcional	Genérico Individualizado

As alunas dessa escola criaram vinte e quatro personagens individualmente: doze ficcional (quatro individualizados, seis genérico individualizado e dois genérico coletivo) e doze não-ficcional (três individualizados, cinco genérico individualizado e quatro genérico coletivo).

No manuscrito “Sos Titanic O Mais Trágico Naufrágio de toda a humanidade. Titanic²¹” encontramos, como na história “Mari Mar” – escrita por um aluno da escola pública, uma reprodução do que foi exibido na TV.

O filme Titanic foi protagonizado por Leonardo Dicaprio e alcançou, em 1997, a maior bilheteria da história. Na época em que este filme foi exibido, recebeu muito destaque na mídia. Portanto, devido a grande divulgação provavelmente interferiu no desenvolvimento dessa história.

Tabela 11 – Personagens inventados individualmente - por meninas

Nº	TÍTULO	PERSONAGENS	CATEGORIA	SUBCATEGORIA
1	Sem Título	Rosa	Não-Ficcional	Individualizado
		Isabel	Não-Ficcional	Individualizado
		Médico	Ficcional	Genérico Individualizado
		Menina	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
2	A Bruxinha Matilda e Brunilda	Bruxinha Matilda	Ficcional-Não-Ficcional	Individualizado
		Brunilda	Ficcional	Individualizado
		Prenda	Ficcional	Individualizado
		Papai Noel	Ficcional	Genérico Individualizado
3	A Bruxinha Sapeca	Malévola	Ficcional	Individualizado
		Lulu	Ficcional	Individualizado
		Amigos de Lulu	Ficcional	Genérico Coletivo
4	Sangue Verde	Moça	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Manuel	Não-Ficcional	Individualizado
		Filho do Manuel	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
5	A Princesa Catarina	Princesa Catarina	Ficcional-Não-Ficcional	Individualizado
		Príncipe Cuturinu	Ficcional	Individualizado
		Ernestina	Ficcional	Individualizado
6	Sem Título	Rosa	Não-Ficcional	Individualizado
		Isabel	Não-Ficcional	Individualizado
		Médico	Ficcional	Genérico Individualizado
		Menina	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
7	A Destruição da Floresta	Índio Chefe	Ficcional	Genérico Individualizado
		Índios	Ficcional	Genérico Coletivo
8	A Bruxinha Matilda e Brunilda	Bruxinha Matilda	Ficcional-Não-Ficcional	Individualizado
		Brunilda	Ficcional	Individualizado
		Prenda	Ficcional	Individualizado

²¹ Cópia digitalizada do manuscrito no ANEXO I.

Essas alunas nomearam vinte e seis personagens. Dos quais, três personagens individualizados inscritos na categoria ficcional-não-ficcional, quatorze ficcional (oito individualizado, quatro genérico individualizado e dois genérico coletivo) e nove não-ficcional (cinco individualizado e quatro genérico individualizado).

A personagem “Matilda” pode ter vindo do filme ou da novela “Chiquititas” que na época em que a história “A Bruxinha Matilda e Brunilda²²” foi escrita, em 03/04/1998, a novela fazia o maior sucesso entre as crianças. De acordo com o desenrolar da história, acreditamos que a personagem do filme foi quem de fato interferiu no momento da escolha.

“Matilda” é um filme de comédia estadunidense de 1996, dirigido por Danny DeVito e estrelado por Mara Wilson e Embeth Davidtz. Ela é uma garotinha esperta e inteligente, que gosta de ler e vai bem nos estudos. Mas os pais não percebem isso e a colocam num colégio infernal. Lá ela descobre que tem poderes mágicos e assim vai poder acertar as contas com todos, inclusive a cruel diretora da escola. A Matilda do manuscrito também tem poderes mágicos. Aqui, ela é descrita como uma bruxinha muito atrapalhada que como a do filme: sempre apronta alguma coisa.

Outro personagem encontrado nessa história é o “Papai Noel”. Sabemos que o “Papai Noel” é uma figura lendária que, em muitas culturas ocidentais, traz presentes aos lares de crianças bem-comportadas na noite da véspera de Natal, o dia 24 de dezembro. Diz a lenda que ele realiza os sonhos de todos aqueles que acreditam na magia do Natal. O “bom velhinho” mora no Pólo Norte, local cercado por neve e distribui os presentes em seu trenó. Talvez por ser uma figura bastante difundida no meio cultural, principalmente no final do ano, “Papai Noel” foi inserido nessa história inventada.

É importante destacar que o manuscrito foi escrito no início de abril, ou seja, pouco mais de três meses após o natal. Este personagem entrou na história após a protagonista “Matilda” ter perdido a sua tarântula chamada “Brunilda” na neve, ele encontrou “Brunilda” a embrulhou em um papel de presente e devolvendo-a a “Matilda” e juntas viveram um feliz natal!

²² Cópia digitalizada do manuscrito no ANEXO J.

Acreditamos que o caráter dialógico que o aluno apresenta, ao nomear os personagens, certamente traz marcas do universo em que está inserida apresentando indícios que talvez façam parte do cotidiano desses alunos. Conseqüentemente, “as palavras podem entrar no nosso discurso a partir de enunciações individuais alheias, mantendo em menor ou maior grau os tons e ecos dessas enunciações individuais” (BAKHTIN, 2003, p. 293). O diálogo é um aspecto recorrente como elemento fundamental e constitutivo do processo autoral.

Uma prova de tal afirmação aparece refletida no trabalho de Rojo (2003). A autora identificou que durante a produção textual os alunos do 1º e 2º ciclos do ensino fundamental utilizaram como fontes privilegiadas para essas construções “conhecimentos advindos da mídia visual (filmes de TV e vídeo, sobretudo) e, nas melhores classificações, esta fonte se coloca para mídias escritas (quadrinhos e livros).” (ROJO, 2003, p. 198).

E, é com base nessas “fontes privilegiadas” que daremos continuidade a nossa análise ao discutir as relações encontradas nos personagens inseridos no manuscrito “A Bruxinha Sapecá²³”.

Iniciaremos a nossa análise com a personagem “Malévola”, esse é o nome da bruxa má presente no conto de fadas “A Bela Adormecida”. Provavelmente por tratar-se de uma bruxa (originalmente) que tem por característica a maldade, a aluna utilizou o nome dessa bruxa. O interessante é que ao invés de trazer a “Princesa” para a história, como geralmente acontece, a aluna preferiu a “Bruxa do Mal”, como é caracterizada pelos irmãos Grimm. Outro personagem também conhecido é a “Luluzinha”

“Luluzinha” é uma personagem feminina, norte-americana, de história em quadrinhos e desenho animado – na época em que o manuscrito foi escrito o desenho era exibido, no Brasil, pelo SBT. Ela é uma menina muito esperta, teimosa e com uma imaginação incrível, sua idade é entre 8 a 10 anos e gosta de aprontar várias peripécias, principalmente manter na linha seu amigo “Bolinha” (líder do grupo de meninos que têm como lema de seu clube a frase: Menina não entra!). Acredito que esta aluna foi influenciada pela TV porque o desenho era exibido diariamente,

²³ Cópia digitalizada do manuscrito no ANEXO K.

logo, a acessibilidade era bem maior, porém não descarto a possibilidade dela ter lido algumas histórias em quadrinhos.

Assim como a personagem norte-americana, “Luluzinha” também é chamada de “Lulu”, tem vários amigos e é muito sapeca. Qualquer coisa que aprontassem com ela já era motivo para “Luluzinha” por os seus “planos de pé”, mas logo ela se arrependia, faziam as pazes voltavam a brincar como se nada estivesse acontecido.

4.1.2.1.1.2. Histórias inventadas em dupla

Tabela 12 - História inventada, em dupla, composta por meninos

Nº	TÍTULO	PERSONAGENS	CATEGORIA	SUBCATEGORIA
1	Bad Boy, a vingança	Bad Boy	Ficcional	Genérico Individualizado
		Bad Dog	Ficcional	Genérico Individualizado
		Kate	Ficcional	Individualizado
		Jec	Ficcional	Individualizado
		Jeine	Ficcional	Individualizado
		Advogados	Ficcional	Genérico Coletivo
2	O Passarinho Doente	Passarinho Doente	Ficcional	Individualizado
		Menino	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Professora	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Pai	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Irmão	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
Vó	Não-Ficcional	Genérico Individualizado		

Nas histórias inventadas pelos alunos, em dupla, encontramos doze personagens: sete relacionados à categoria ficcional (quatro individualizado, dois genérico individualizado e um genérico coletivo) e cinco a não-ficcional (todos aparecem genericamente individualizados).

O título do manuscrito “Bad Boy, a vingança²⁴” remete a uma famosa marca (Bad Boy) de roupas, caderno, entre outros adereços e título de um filme, no plural, de 1995 com Will Smith (Bad Boys). Sabe-se que “Bad Boy” quer dizer garoto mal, em inglês, e é comum a utilização de termos, palavras, expressões de outras línguas para a constituição do discurso, certamente o Bad Boy foi trazido para a história com base no garoto mal.

Jec assemelha-se a nomes (ou pronúncias) relacionados a alguns personagens que circulavam com frequência na mídia como o Jack que aparece no

²⁴ Cópia digitalizada do manuscrito no ANEXO L.

seriado “Infelizes Para Sempre” – exibido pelo SBT e nos filmes: Titanic e O médico e o monstro. Diante dessa diversidade relacionada ao nome desse personagem, destacamos que “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis como contextos possíveis” (Bakhtin, 2004, p. 106)

Com base no que foi posto no manuscrito, acredito que este personagem foi inspirado no filme ou no livro “O médico e o monstro”, de Robert Louis Stevenson. Além do nome, ambas as histórias tratam de perseguição, assassinato e envolvem advogados.

Tabela 13 - História inventada em dupla formada somente por meninas

Nº	TÍTULO	PERSONAGENS	CATEGORIA	SUBCATEGORIA
1	As Aventuras da Galera	Henrique	Não-Ficcional	Individualizado
		Paloma	Não-Ficcional	Individualizado
		Laila	Não-Ficcional	Individualizado
		Fernando	Não-Ficcional	Individualizado
		Fabio	Não-Ficcional	Individualizado
		Lihan	Não-Ficcional	Individualizado
2	Caverna dos Barcos	Ricardo	Não-Ficcional	Individualizado
		Felipe	Não-Ficcional	Individualizado
		Daniel	Não-Ficcional	Individualizado
		Pai de Ricardo e Felipe	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Velho	Não-Ficcional	Genérico Individualizado

Nas duas histórias inventadas por essas alunas todos os onze personagens pertencem à categoria não-ficcional, se diferenciando dos demais conjuntos analisados. Apenas dois se apresentam genericamente individualizados (“Pai de Ricardo e Felipe”, “Velho”), enquanto, os nove restantes, foram nomeados de maneira individualizada. Veremos a seguir como a intertextualidade aparece refletida no manuscrito intitulado “As aventuras da galera²⁵”.

Na história inventada por essa dupla, “galera” é o nome dado a um grupo, de meninos e meninas, com o objetivo de viajar para descobrir um pouco mais sobre o litoral. Depois de pensarem bastante resolveram pegar um voo para Noan, e em seguida, outro para Johannia. Então, juntaram dinheiro e iniciou o percurso, o primeiro voo foi calmo. Porém, no segundo, “Lihan” teve um pressentimento de que algo ruim estava prestes a acontecer e “Fernando” disse que ele não precisava se

²⁵ Cópia digitalizada do manuscrito no ANEXO M.

preocupar, pois em breve estariam no seu destino, sãos e salvos, mas de repente, o avião começou a perder altitude, até que caiu numa floresta. O piloto e o co-piloto do avião morreram.

A “galera” estava faminta e decidiram comer frutas, até que “Paloma” avistou uma caverna, na qual passaram a noite, acordaram com uma tempestade que inundou a floresta, e eles tiveram que subir nas árvores para se proteger da correnteza, que estava bastante forte, mas mesmo assim não adiantou e eles foram arrastados. “Fábio” se agarrou em uma pedra e pediu para que os outros segurassem nos seus pés, pois estavam indo em direção a uma catarata. Assim, todos conseguiram sobreviver. Após três meses “Henrique” avistou de longe um helicóptero de resgate, logo, fizeram uma fogueira para atrair a atenção de quem estava no helicóptero. Todos foram salvos e levados de volta para casa.

Assim, como nos outros manuscritos, nesse identificamos forte relação dialógica com a categoria ficcional. Certos elementos contidos nesse manuscrito lembram a história de um filme - "O Senhor das Moscas", de 1990 - inspirado no livro de William Golding, publicado em 1954, no qual um grupo de estudantes entre 9 e 15 anos de idade sofre um desastre de avião e cai em uma ilha deserta. Esse grupo faz de tudo para lutar pela sobrevivência.

O livro retrata a regressão à selvageria de um grupo de crianças inglesas de um colégio interno, presos em uma ilha deserta sem a supervisão de adultos, após a queda do avião que as transportava para longe da guerra.

O interessante é que entre os seis nomes contidos no manuscrito nenhum deles remete aos personagens presentes na obra "O Senhor das Moscas", nem aos colegas de classe dessas alunas. O que o torna diferente dos demais manuscritos analisados.

Tabela 14 - Personagens inventados em dupla composta por meninos e meninas

Nº	TÍTULO	PERSONAGENS	CATEGORIA	SUBCATEGORIA
1	Kuragora	Kuragora	Ficcional	Genérico Individualizado
		Bichinhos	Ficcional	Genérico Coletivo
2	Castelo Mal-Assombrado	Família Rica	Ficcional	Genérico Individualizado
		Todos os Moradores da cidade	Ficcional	Genérico Coletivo
		Homem da capital	Ficcional	Genérico Individualizado
		Seu José	Não-Ficcional	Genérico Individualizado

		Dona Maria	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Dono da casa	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
3	Uma Pulga Sem Lá	Pulga	Ficcional	Genérico Individualizado
		Pulga fêmea	Ficcional	Genérico Individualizado
		Vários animais	Ficcional	Genérico Coletivo
		Avós	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
4	A Terra do Contrário	Cachorros	Ficcional	Genérico Coletivo
		Gatos	Ficcional	Genérico Coletivo
		Formiga	Ficcional	Genérico Individualizado
		Dragão	Ficcional	Genérico Individualizado
		Pessoas	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Habitantes dessa Terra	Ficcional	Genérico Coletivo
		Crianças	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Adultos	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Pais	Não-Ficcional	Genérico Coletivo
		Menino	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Menina	Não-Ficcional	Genérico Individualizado
		Aves	Ficcional	Genérico Coletivo
		Cobra	Ficcional	Genérico Individualizado
5	A Ovita	Ovita	Ficcional	Individualizado
		João	Não-Ficcional	Individualizado
		Veterinário	Ficcional	Individualizado
		Roberto	Não-Ficcional	Individualizado
		Marcos	Não-Ficcional	Individualizado
		Carlos	Não-Ficcional	Individualizado
		Zé	Não-Ficcional	Individualizado

Essas duplas criaram trinta e dois personagens. Entre eles, encontramos dezessete relacionados ao universo ficcional (dois individualizado, oito genérico individualizado e sete coletivo) e quinze ao não-ficcional (cinco individualizado, seis genérico individualizado e quatro genérico coletivo).

“A Ovita²⁶” é o título de uma história inventada por uma dupla composta por um menino e uma menina e, como é comum, o título traz o nome do principal personagem da história. A trama relata a história de uma galinha que vive em um sítio e põe ovos de ouro.

Esse manuscrito está relacionado ao universo ficcional, focalizando um material impresso conhecido, posto que ele remete a duas fábulas conhecidas “O Ganso de Ouro” – dos Irmãos Grimm, e “A Galinha dos Ovos de Ouro” – de autoria de Esopo.

O primeiro relata a história de um homem velho (e muito pobre) que perdeu a sua esposa, e então viveu solitário, até que surgiu uma fada. Ela agitou a sua varinha de condão em direção ao ganso do camponês e desde então, o ganso

²⁶ Cópia digitalizada do manuscrito no ANEXO N.

passou a botar vários ovos de ouro. Estando o camponês muito rico, ele pensou que dentro do ganso havia milhares de ovos esperando para sair.

Convencido disto, ele pegou uma faca e matou o ganso. Infelizmente o ganso era inteiramente igual aos outros. Arrependido e desesperado, ele implorou que a fada retornasse, mas ela não voltou. E então o homem passou o resto de seus dias pobre e solitário de novo.

Já a segunda fábula relata a história de um fazendeiro que descobriu que sua galinha colocava ovo de ouro. A partir daí, todos os dias ele apanhava os ovos e os vendia no mercado por um bom preço. E, assim aconteceu durante muitos dias. Mas, quanto mais rico ficava o fazendeiro, mais dinheiro queria. Até que pensou: “se esta galinha põe ovos de ouro, dentro dela deve haver um tesouro!” Matou a galinha e ficou admirado, pois, por dentro, a galinha era igual a qualquer outra.

Logo, verificamos que nos dois casos a moral da história foi a mesma: “Quem tudo quer, tudo perde”. Porém, podemos dizer que apesar de tal semelhança, a “Ovita”, personagem desse manuscrito, provavelmente recebeu interferência da fábula de Esopo, pois ambas referem-se à “galinha dos ovos de ouro”.

4.1.3. Escola Pública X Escola Particular

Após a descrição dos dados (tópico 4.1.1.1 e tópico 4.1.2.1), aprofundamos a nossa análise a fim de caracterizar como ocorreu o processo de nomeação dos personagens, em histórias inventadas, por alunos recém-alfabetizados oriundos de realidades sociocultural e economicamente distintas.

A partir de agora faremos um estudo detalhado acerca dos nomes inscritos de acordo com o tipo de agrupamento: individual (menino ou menina) e em dupla (menino + menino, menina + menina ou menino + menina), e, por fim, fizemos uma comparação entre as escolas seguindo a maneira em que os manuscritos foram escritos (meninos x meninos, meninas x meninas, menino + menino x menino + menino, menina + menina x menina + menina, menino + menina x menino + menina).

4.1.3.1. Comparação interna

4.1.3.1.1. Escola Pública

Os alunos da escola pública escreveram 41 manuscritos escolares no ano de 1996 – distribuídos conforme as Tabelas 1 e 2.

4.1.3.1.1.1. Menino x Menina

Foram escritos vinte e cinco manuscritos, individualmente, no dia 18/12/1996. Dos quais dez foram escritos pelos meninos, com 42 personagens (Tabela 15), e quinze pelas meninas – neles encontramos 58 personagens (Tabela 16), distribuídos da seguinte forma:

Tabela 15 - Personagens inventados por meninos

FICCIONAL - 15			NÃO-FICCIONAL - 26			FICCIONAL-NÃO-FICCIONAL - 1		
Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico	
2	Col.	Ind.	6	Col.	Ind.	1	Col.	Ind.
	2	11		6	14		-	-

Diante do que foi exposto, na Tabela 15, verificamos que a maioria dos personagens (26), inventados pelos meninos, foi inscrita de acordo com a categoria não-ficcional, seguidos da ficcional e ficcional-não-ficcional. Tal predominância da categoria ficcional também aparece refletida unanimemente nas três subcategorias, conforme o Gráfico 1 – a seguir.

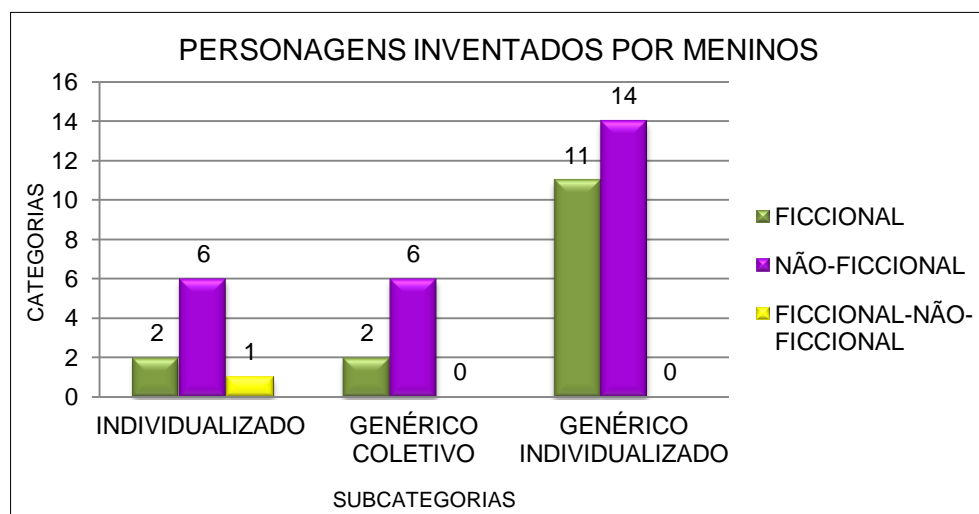


Gráfico 1 – Personagens inventados pelos meninos da escola pública

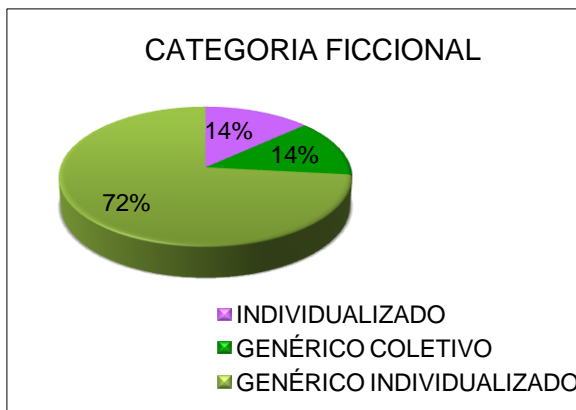


Gráfico 2 - Personagens da categoria ficcional inventados por meninos

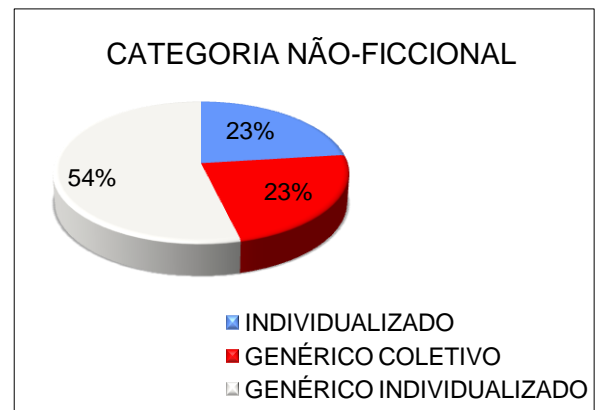


Gráfico 3 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por meninos

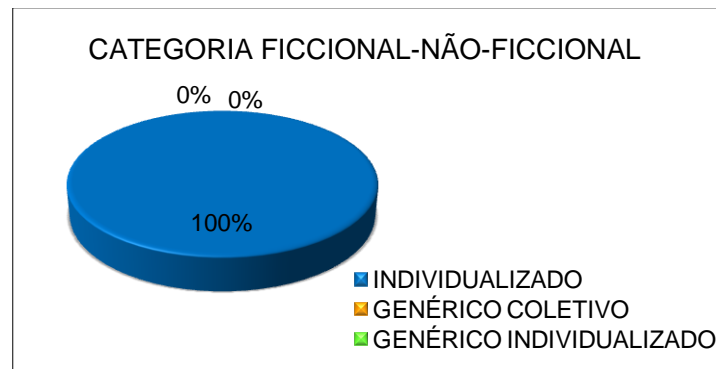


Gráfico 4 – Personagens da categoria ficcional-não-ficcional inventados por meninos

Está claro, ainda, que grande parte dos nomes dos personagens, contidos nas histórias inventadas pelos meninos, foi apresentada de maneira individualizada. Consoante os Gráficos 2 e 3 – representativos da categoria ficcional e categoria não-ficcional, respectivamente.

Notamos estatisticamente a predominância de nomes inseridos na subcategoria genérico individualizado – com 72% dos personagens na categoria ficcional (Gráfico 2) e 54% contidos na categoria não-ficcional (Gráfico 3). Ao que se refere à categoria ficcional-não-ficcional (Gráfico 4), o único personagem deste grupo foi representado individualmente como indica a Tabela 15.

Tabela 16 - Personagens inventados por meninas

FICCIONAL - 24			NÃO-FICCIONAL - 34			FICCIONAL-NÃO-FICCIONAL - 0		
Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico	
	Col.	Ind.		Col.	Ind.		Col.	Ind.
11	1	12	11	6	17	-	-	-

Em relação aos personagens inventados pelas meninas houve um percentual maior em relação à categoria não-ficcional – com 34 personagens – seguida da categoria ficcional – 24. Não identificamos personagens pertencentes à categoria ficcional-não-ficcional.

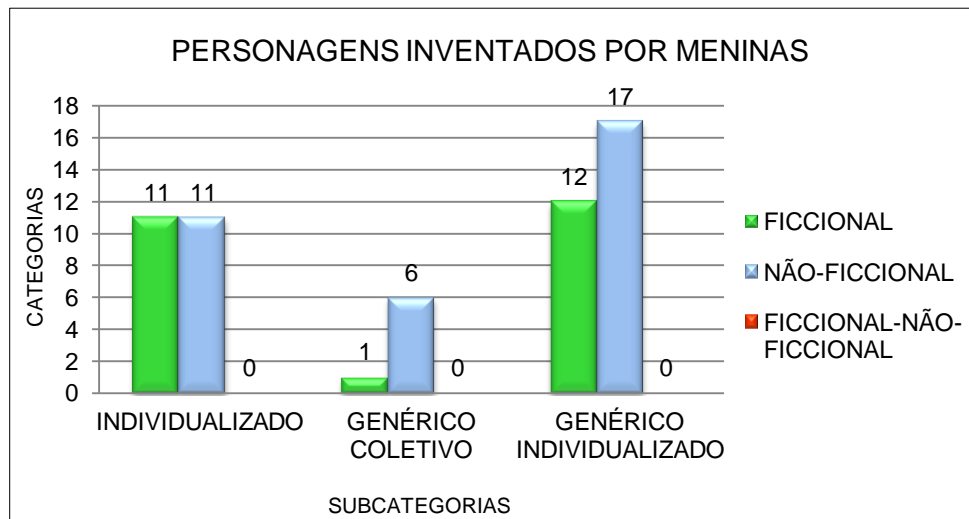


Gráfico 5 – Personagens inventados pelas meninas da escola pública

O Gráfico 5 revela que grande parte dos personagens (51 nomes) foram inventadas individualmente, independente de terem recebido “nome próprio” - como os personagens individualizados – ou um nome genérico – podendo remeter ao grau de parentesco (“filho”, “filha”...), amizade (“amigo”, “colega”...), enfim, a qualquer nomenclatura que não esteja diretamente relacionada a um “nome próprio”.

Logo após, no Gráfico 6 e Gráfico 7 veremos como se deu, proporcionalmente, a distribuição dessas nomeações – inventadas pelas meninas – dentro de cada categoria.

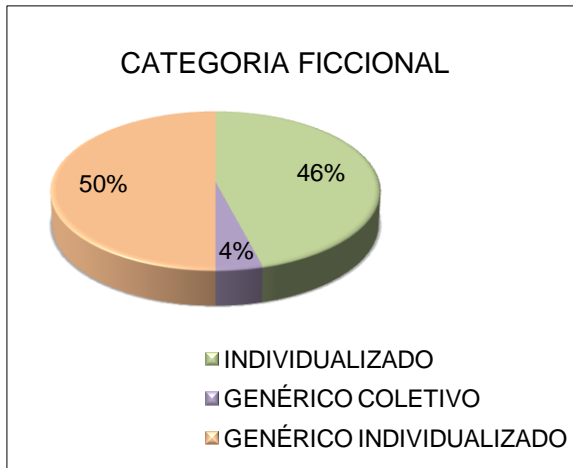


Gráfico 6 – Personagens da categoria ficcional inventados por meninas

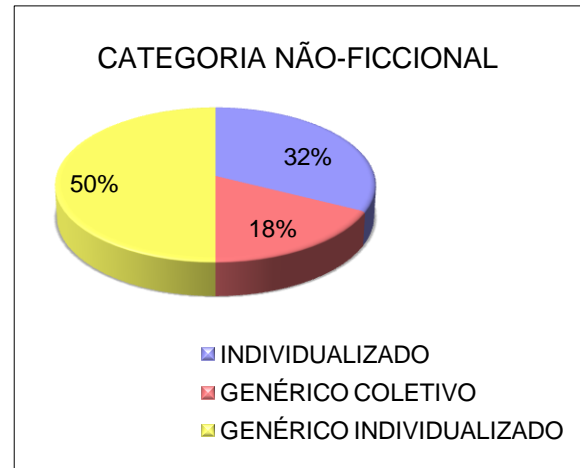


Gráfico 7 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por meninas

Como podemos perceber, tanto na categoria ficcional (Gráfico 6) quanto na categoria não-ficcional (Gráfico 7), metade dos personagens (exatamente 50%) – foi enquadrada na subcategoria genérico individualizado, isto é, foram nomeados individualmente, ou seja, não receberam um “nome próprio”.

Os demais personagens receberam nomes individualizados – 46% na categoria ficcional (Gráfico 6) e 32% categoria não-ficcional (Gráfico 7) – seguidos de personagens nomeados genericamente coletivo – 4% na categoria ficcional (Gráfico 6) e 18% categoria não-ficcional (Gráfico 7).

O que nos leva a concluir que as alunas da escola pública se apropriaram, na maior parte dos casos, de personagens individualizados - sejam eles representados genericamente ou não – para nomear as “pessoas” (os seres) que aparecem em seus manuscritos escolares.

Considerando o que foi discutido, adiante (Gráfico 8, Gráfico 9, Gráfico 10 e Tabela 17) iremos comparar a nomeação dos personagens contidos nas histórias inventadas pelos meninos e pelas meninas

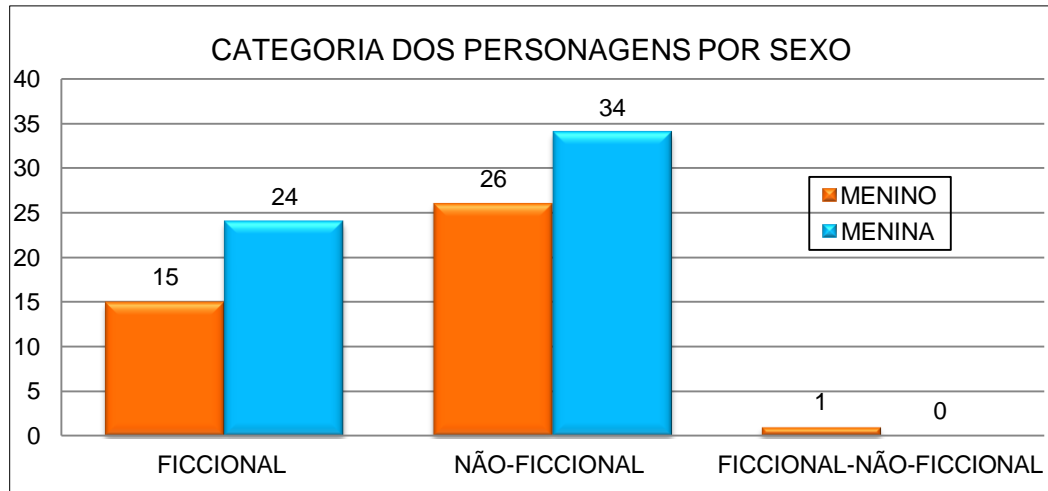


Gráfico 8 – Distribuição dos personagens, por sexo, de acordo com a categoria

As meninas escreveram um número maior de manuscritos escolares – quinze – enquanto os meninos escreveram apenas dez, ou seja, cinco a menos. Por conseguinte, o número de personagens inventados pelas meninas também foi maior – elas criaram 58, enquanto eles nomearam 42 personagens – distribuídos de acordo com o Gráfico 8.

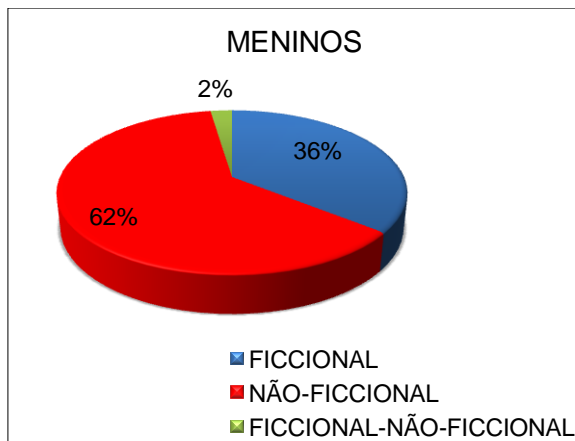


Gráfico 9 – Personagens inventados por meninos

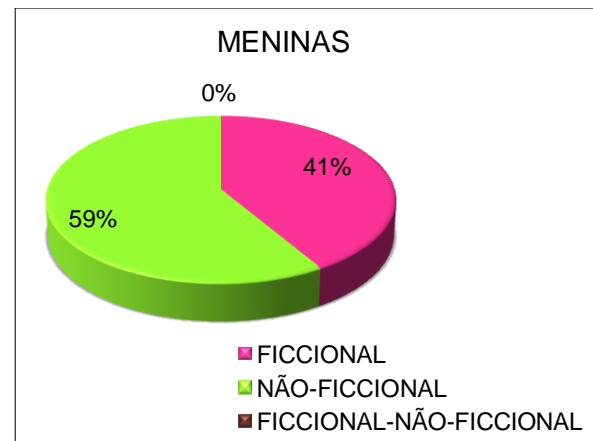


Gráfico 10 – Personagens inventados por meninas

Ao analisar o Gráfico 9 e o Gráfico 10, verificamos – proporcionalmente – grande similitude entre os nomes de personagens inventados por meninos e meninas individualmente. Em ambos os casos ocorreu a predominância de personagens relacionados ao cotidiano dos alunos – 62% inventados pelos meninos

(Gráfico 9) e 59% pelas meninas (Gráfico 10) – com a inserção de nomes ligados ao universo não-ficcional.

Entretanto, não podemos deixar de mencionar a grande incidência de personagens que fazem parte da cultura (seja ela letrada ou não²⁷) em que esses alunos estavam inseridos. Dessa forma, destacamos a inclusão de 36% dos personagens inventados pelos meninos (Gráfico 9) e 41% inventados pelas meninas (Gráfico 10) que estão diretamente relacionados à categoria ficcional.

Ao que se refere à categoria ficcional-não-ficcional, como dissemos, apenas os meninos possuem personagens contidos nessa categoria. O que invalida a nossa hipótese de que as meninas são mais propícias a atribuir esse tipo de nomeação - que reúne nomes relacionados às outras categorias - adentrando com maior fidedignidade no universo “mágico” dos “contos de fadas” em que são imersas desde muito cedo.

A tabela (Tabela 17) a seguir, sintetiza tudo o que foi discutido até aqui – com a inclusão da distribuição dos personagens de acordo com as subcategorias inscritas em cada categoria.

Tabela 17 - Personagens inventados por menino x menina

SUBCATEGORIA	SEXO	CATEGORIA		
		Ficcional	Não-Ficcional	Ficcional-Não-Ficcional
Individualizado	Menino	2 ≅ 14%	6 ≅ 23%	1 ≅ 100%
	Menina	11 ≅ 46%	11 ≅ 32%	-
Genérico Coletivo	Menino	2 ≅ 14%	6 ≅ 23%	-
	Menina	1 ≅ 4%	6 ≅ 18%	-
Genérico Individualizado	Menino	11 ≅ 72%	14 ≅ 54%	-
	Menina	12 ≅ 50%	17 ≅ 50%	-

²⁷ Estamos chamando de “Cultura Letrada” os nomes advindos de material impresso conhecidos – como livros, “contos de fadas”, histórias em quadrinhos... E, os nomes que “não se enquadram” nessa lista estão relacionados aos meios de comunicação – como os personagens oriundos de novela, filme, seriado, desenho animado, letra de música, isto é, refere-se a personagens diretamente relacionados ao rádio, TV...

Como vimos, na Tabela 4, as meninas escreveram mais manuscritos que os meninos (Tabela 3). A diferença foi de cinco manuscritos – elas escreveram quinze e eles dez, conseqüentemente, isso refletiu na quantidade de personagens criados – 58 e 42, respectivamente.

Após avaliar a Tabela 17, concluímos que a única diferença entre os sexos (menino x menina) foi em relação ao personagem inscrito na categoria ficcional-não-ficcional porque apenas os meninos o fez. Portanto, podemos afirmar que, em relação às categorias, os meninos e as meninas, da escola pública, mantiveram os mesmos procedimentos ao nomear os personagens em histórias inventadas.

Enquanto isso, se considerarmos as subcategorias veremos que as semelhanças se repetem. É interessante enfatizar que esses alunos, coincidentemente, adotaram o mesmo procedimento ao nomear os personagens de suas histórias na categoria ficcional e não-ficcional.

Ao observar a Tabela 17, percebemos que, tanto na categoria ficcional quanto na não-ficcional, a maioria – 72% (onze) e 54% (quatorze), respectivamente - dos personagens foram representados genericamente individualizados. Além disso, o número de personagens e a porcentagem dos nomes inscritos na subcategoria com personagens individualizados e genérico coletivo é exatamente igual nos dois casos.

Isto é, os meninos nomearam dois personagens de maneira individualizada e dois genericamente coletivos, o que equivale – em cada ocorrência – a 14% dos nomes inventados na categoria ficcional. Quanto à categoria não-ficcional, eles inventaram seis personagens individualizados e seis genericamente coletivo, representando – em ambos os casos – 23% dos nomes inventados na categoria ficcional.

Em relação, às meninas essa coincidência se deu gradativamente apenas. Elas nomearam, nos dois casos – categoria ficcional e não-ficcional – a metade dos personagens (exatamente 50%) conforme a subcategoria genérico individualizado – com a presença de doze e dezessete personagens, respectivamente.

Os demais personagens foram representados, na categoria ficcional, por 46% - onze - e 32% - onze - individualizados e, para finalizar os 4% - um - e 18% - seis –

restantes, da categoria não-ficcional, foram inseridos na subcategoria genérico coletivo. Deste modo, constatamos que a diferença entre o sexo não interferiu na nomeação dos personagens, pois, tanto os meninos quanto as meninas, da escola pública, nomearam de forma semelhante os seus personagens.

4.1.3.1.1.2. Menino + Menino x Menina + Menina x Menino + Menina

Os alunos da escola pública escreveram dezesseis manuscritos em dupla, no dia 22/11/1996. Dos quais três foram escritos em dupla formada apenas por meninos, com 17 personagens (Tabela 18), oito manuscritos em dupla formada pelas meninas – neles localizamos 40 personagens (Tabela 19), e cinco manuscritos produzidos por menino + menina, com 14 personagens (Tabela 20), assim distribuídos:

Tabela 18 - Personagens inventados por menino + menino

FICCIONAL - 10			NÃO-FICCIONAL - 7			FICCIONAL-NÃO-FICCIONAL - 0		
Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico	
1	Col.	Ind.	-	Col.	Ind.	-	Col.	Ind.
	2	7		3	4		-	-

As três duplas, compostas exclusivamente por meninos, criaram dezessete personagens em seus manuscritos escolares – distribuídos conforme a Tabela 18. Diante do que foi analisado, na Tabela 18, verificamos que a maioria dos personagens (10) pertence à categoria ficcional, seguido da não-ficcional. Nesse conjunto de manuscritos nenhum personagem se insere na categoria ficcional-não-ficcional.

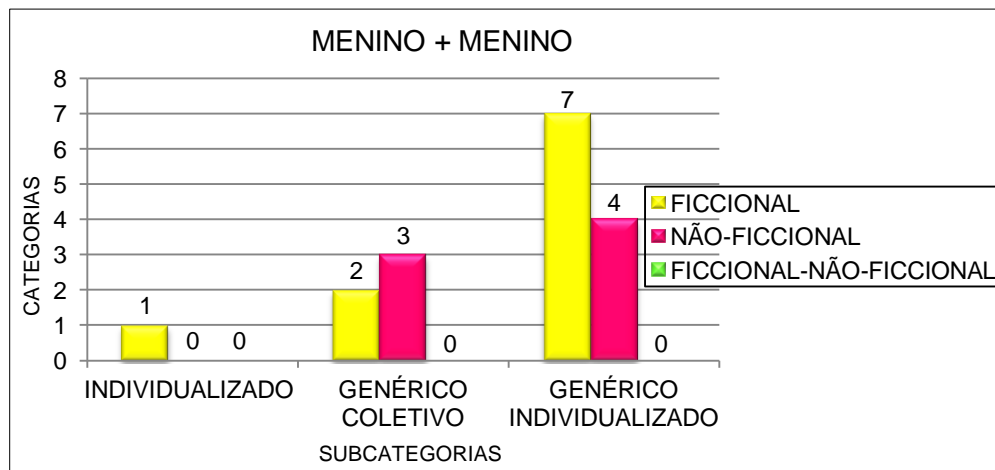


Gráfico 11 – Personagens inventados em dupla – composta por menino + menino

O Gráfico 11 mostra que a maioria (onze nomes) dos personagens aparece genericamente individualizada nas duas categorias (sete na ficcional e quatro contidos na não-ficcional) apresentadas. Não há personagem classificado na categoria ficcional-não-ficcional.

Veremos, a seguir, no Gráfico 12 e Gráfico 13 como os personagens foram, estatisticamente, distribuídos entre a categoria ficcional e não-ficcional, respectivamente, considerando as subcategorias.

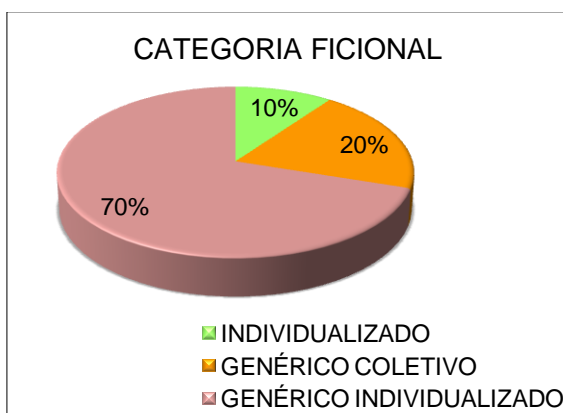


Gráfico 12 – Personagens da categoria ficcional inventados por meninos + meninas

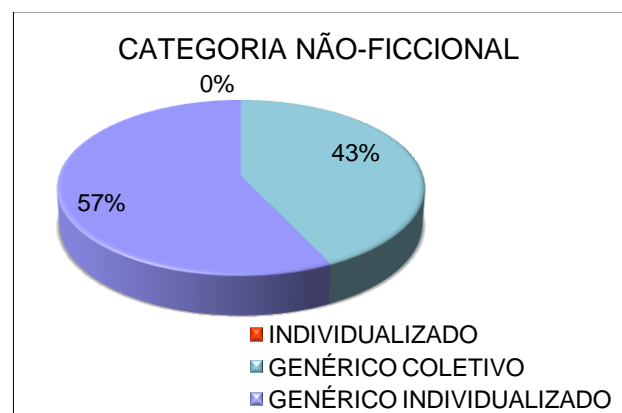


Gráfico 13 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por meninos + meninas

Conforme o Gráfico 12 e o Gráfico 13, averiguamos que os personagens em dupla, formada apenas por meninos, possuem as mesmas características. Como dissemos, a maioria dos personagens pertencem à subcategoria genérico individualizado. Seguidos do genérico coletivo – 20% categorizados ficcionalmente (Gráfico 12) e 43% contidos na categoria não-ficcional (Gráfico 13). E, para finalizar somente a categoria ficcional (Gráfico 12) apresenta personagens individualizados – com 10% dos nomes.

Tabela 19 - Personagens inventados por menina + menina

FICCIONAL - 11			NÃO-FICCIONAL - 26			FICCIONAL-NÃO-FICCIONAL - 3		
Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico	
	Col.	Ind.		Col.	Ind.		Col.	Ind.
5	1	5	11	5	10	3	-	-

Foram compostas oito duplas compostas por alunas da escola pública. Nesse conjunto de manuscritos identificamos personagens contidos nas três categorias – conforme a exposição contida na Tabela 19.

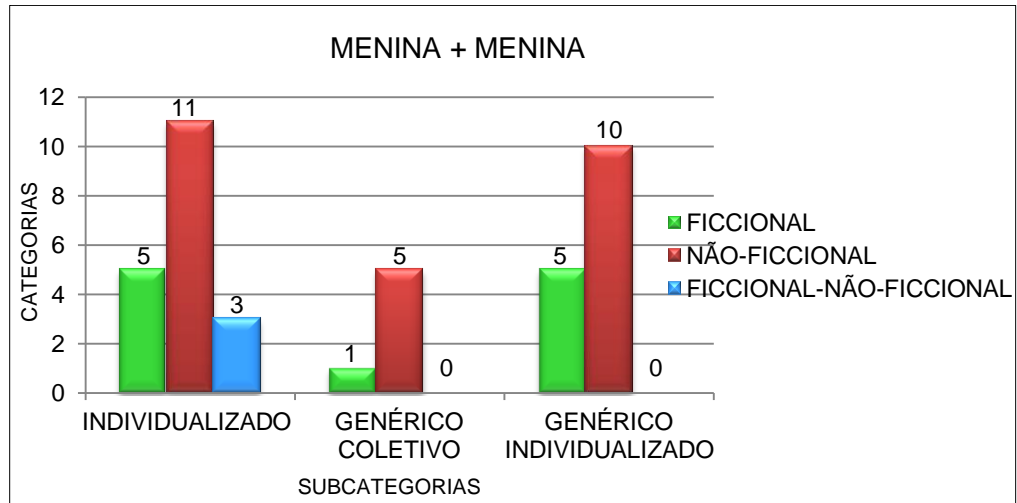


Gráfico 14 – Personagens inventados em dupla – composta por menina + menina

O Gráfico 14 apresenta a distribuição dos personagens inventados em dupla formada apenas por meninas. Está claro que houve a predominância – em relação às três subcategorias: individualizado (onze personagens), genérico coletivo (cinco) e genérico individualizado (dez) – de personagens relacionados à categoria não-ficcional, seguidos da ficcional e ficcional-não-ficcional. A seguir, veremos como as subcategorias foram proporcionalmente distribuídas.

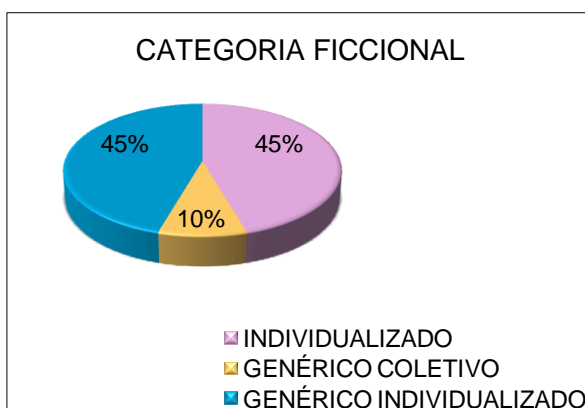


Gráfico 15 – Personagens da categoria ficcional inventados por menina + menina

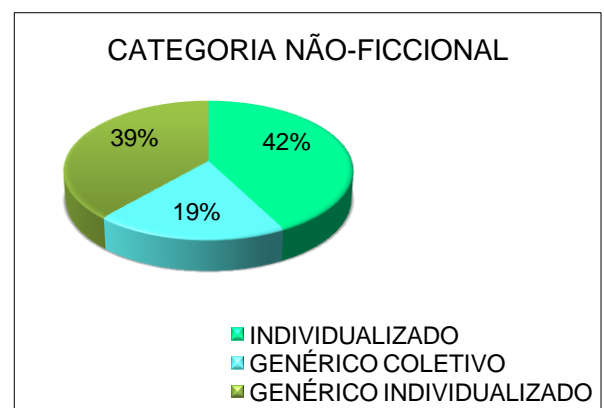


Gráfico 16 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por menina + menina

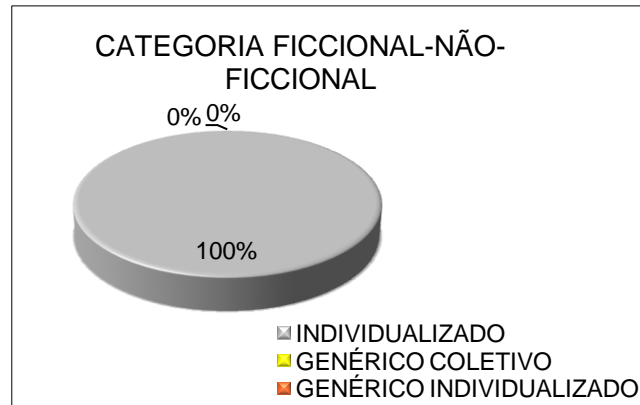


Gráfico 17 – Personagens da categoria ficcional-não-ficcional inventados por menina + menina

De acordo com o que foi exposto na categoria ficcional (Gráfico 15), não-ficcional (Gráfico 16) e na ficcional-não-ficcional (Gráfico 17) a maioria dos personagens recebeu nomeação individualizada – com 45%, 42% e 100% dos personagens, respectivamente.

Logo após, encontramos os personagens contidos na subcategoria genérico individualizado – 45% na categoria ficcional (Gráfico 15) e 39% categoria não-ficcional (Gráfico 16) – seguidos de personagens nomeados genericamente coletivo – 10% na categoria ficcional (Gráfico 15) e 19% categoria não-ficcional (Gráfico 16).

Tabela 20 - Personagens inventados por menino + menina

FICCIONAL - 10			NÃO-FICCIONAL - 4			FICCIONAL-NÃO-FICCIONAL - 0		
Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico	
	Col.	Ind.		Col.	Ind.		Col.	Ind.
6	1	3	1	2	1	-	-	-

Ao que se refere aos personagens inventados por menino + menina foram identificadas cinco duplas. Conforme a apreciação da Tabela 20, constatamos que nesse conjunto de manuscritos escolares não foram inventados personagens que se enquadram na categoria ficcional-não-ficcional. Adiante, observamos como esses personagens foram distribuídos considerando os Gráficos 18, 19 e 20.

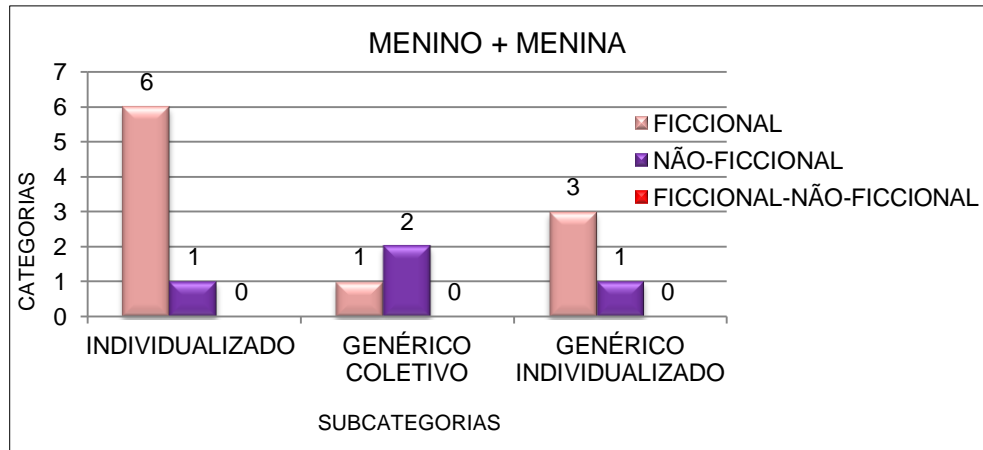


Gráfico 18 – Personagens inventados em dupla – composta por menino + menina

O Gráfico 18 explicita que grande parte dos personagens foi inventada de acordo com a categoria ficcional – seis individualizados, um genérico coletivo e três genérico individualizado – enquanto a categoria não-ficcional apresenta um personagem individualizado, dois genérico coletivo e um genérico individualizado. Como vimos, só a subcategoria genérico coletivo apresentou um número maior de personagem relacionado à categoria não-ficcional.

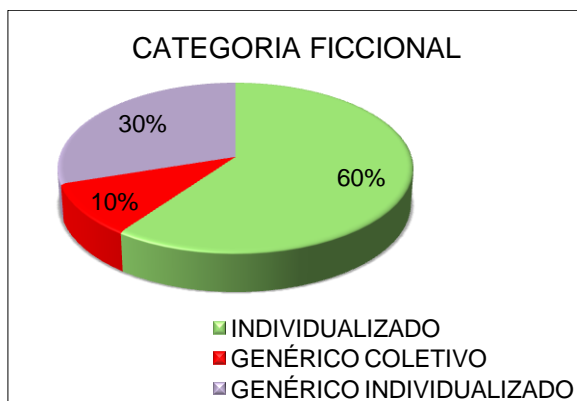


Gráfico 19 – Personagens da categoria ficcional inventados por menino + menina

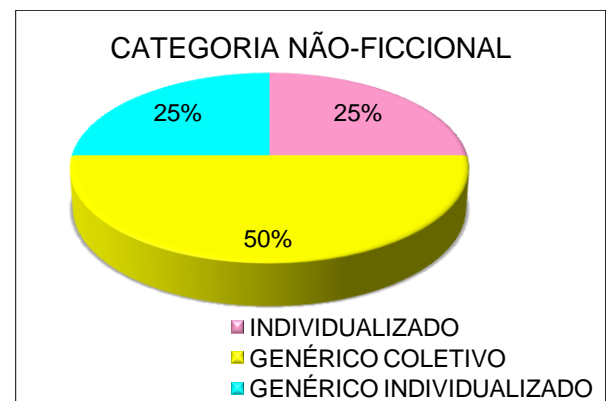


Gráfico 20 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por menino + menina

Esses gráficos explicitam a referida divergência entre a categoria ficcional – 60% dos personagens estão individualizados, 30% genérico individualizado e 10% genérico coletivo – (Gráfico 19) e a categoria não-ficcional – 50% dos personagens são genericamente coletivos e os 50% restantes foram igualmente divididos em 25% individualizados e 25% genérico individualizado – (Gráfico 20).

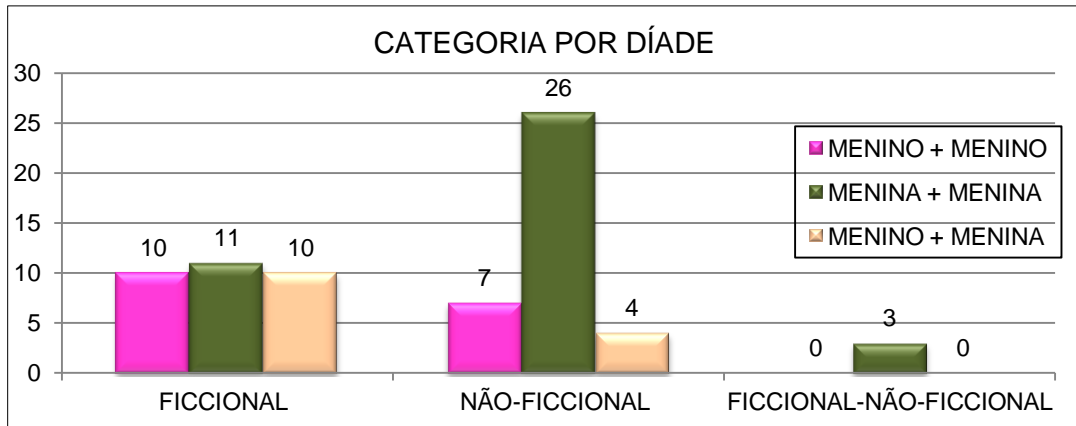


Gráfico 21 – Personagens inventados em dupla por alunos da escola pública

O Gráfico 21 apresenta a distribuição dos nomes de personagens entre os três tipos de agrupamentos – dupla formada por: menino + menino, menina + menina e menino + menina. Observamos que nos três tipos de díades houve certo equilíbrio relacionado à categoria ficcional – com 10 personagens inventados por menino + menino e menino + menina, e 11 personagens inventados por menina + menina.

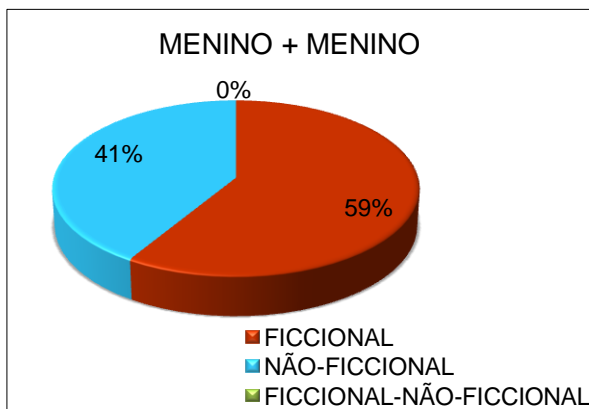


Gráfico 22 – Personagens inventados por menina + menina

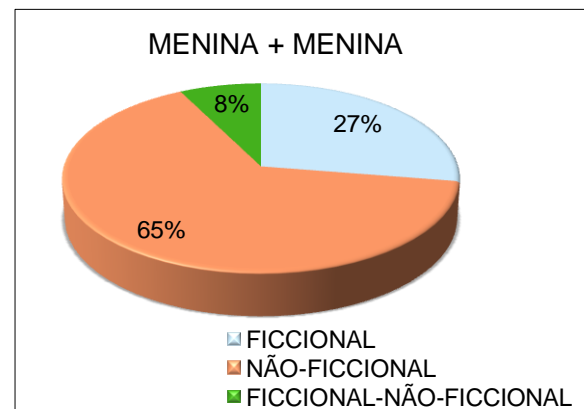


Gráfico 23 – Personagens inventados por menino + menino

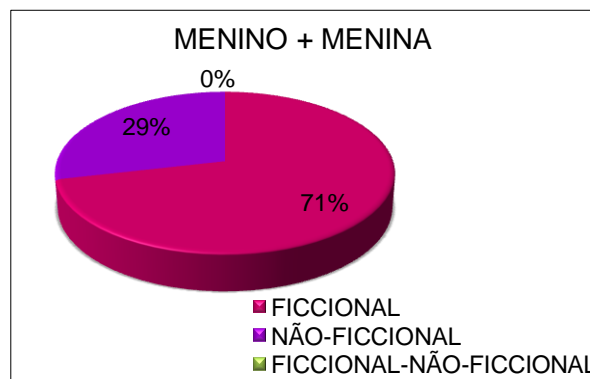


Gráfico 24 – Personagens inventados por menino + menina

Após a análise dos dados fica evidente que as duplas compostas por menino + menino (Gráfico 22) e menino + menina (Gráfico 24) se apropriaram das mesmas estratégias para nomear os personagens das suas histórias inventadas.

Verificamos que a maioria dos personagens foi nomeada com nomes relacionados à categoria ficcional – 59%, 71% (conforme Gráfico 22 e Gráfico 24, nesta ordem) – seguidos da não-ficcional – 41%, 29% (inventados por menino + menino e menino + menina, respectivamente) – em ambos os casos não identificamos personagens contidos na categoria ficcional-não-ficcional.

Enquanto o Gráfico 23 apresenta personagens contidos nas três categorias – com a presença de 27% dos personagens na categoria ficcional, 65% na não-ficcional e 8% na categoria ficcional-não-ficcional. Esse tipo de nomenclatura retoma a hipótese de que as meninas estão mais propícias a se apropriarem da junção entre categoria ficcional e a não- ficcional.

Tabela 21- Personagens inventados em dupla

SUBCATEGORIA	DÍADE	CATEGORIA		
		Ficcional	Não-Ficcional	Ficcional-Não-Ficcional
Individualizado	Menino + Menino	1 ≅ 10%	-	-
	Menina + Menina	5 ≅ 45%	11 ≅ 42%	3 ≅ 100%
	Menino + Menina	6 ≅ 60%	1 ≅ 25%	-
Genérico Coletivo	Menino + Menino	2 ≅ 20%	3 ≅ 43%	-
	Menina + Menina	1 ≅ 10%	5 ≅ 19%	-
	Menino + Menina	1 ≅ 10%	2 ≅ 50%	-
Genérico Individualizado	Menino + Menino	7 ≅ 70%	4 ≅ 57%	-
	Menina + Menina	5 ≅ 45%	10 ≅ 39%	-
	Menino + Menina	3 ≅ 30%	1 ≅ 25%	-

A Tabela 21 sintetiza os 71 nomes de personagens contidos nos dezesseis manuscritos escritos, em dupla, pelos alunos da escola pública. Como dissemos, no Gráfico 23, apenas as duplas compostas por menina + menina apresentam personagens contidos na categoria ficcional-não-ficcional. Deste modo, os demais personagens foram distribuídos entre as demais categorias.

Em relação a esses dados destacamos o tipo de nomeação e a sua incidência dentro das categorias analisadas. Sendo assim, verificamos que os personagens

inventados por menino + menino estabeleceram um “critério” durante a nomeação. A maioria dos nomes, tanto na categoria ficcional quanto na não-ficcional, se inserem na subcategoria genérico individualizado – 70% (sete) e 57% (quatro), respectivamente, seguidos de genérico coletivo – 20% (dois) e 43% (três) – e, por fim, apenas a categoria ficcional apresenta 10% (um) individualizado.

As duplas compostas por menina + menina não seguiu a “mesma organização” das duplas analisadas anteriormente. Ao que diz respeito à categoria ficcional 10% (um) apareceu genericamente coletivo e os 90% restantes foram igualmente divididos: 45% (cinco) na subcategoria individualizada e 45% (cinco) genérico individualizado. Quanto a categoria não-ficcional os personagens foram distribuídos da seguinte forma: 42% (onze) apareceu individualizado, 19% (cinco) genérico coletivo e 39% (dez) genérico individualizado.

Quanto às duplas formadas por menino + menina também não houve uma “ordem” para nomear os personagens. De acordo com a categoria ficcional identificamos 60% (seis) individualizado, 10% (um) genérico coletivo e 30% (três) genérico individualizado. E, em relação à categoria não-ficcional a distribuição foi a seguinte: metade (50% \cong 2) dos personagens apareceram coletivamente generalizado – chamados por “Galera”, “família”... – e a outra metade foi dividida em duas partes iguais 25% (um) individualizado, e 25% (um) genérico individualizado.

Dessa forma, a Tabela 21 deixa claro que cada díade (menino + menino, menina + menina e menino + menina) – formada pelos alunos da escola pública – estabeleceu um critério diferente ao nomear os personagens em suas histórias inventadas.

Localizamos mais manuscritos (oito) – e, conseqüentemente, mais personagens (40) – escritos por duplas compostas somente por meninas (Tabela 6). A maioria, vinte e seis, desses personagens se insere na categoria não-ficcional. Seguidos dos cinco manuscritos formados por menino + menina (Tabela 7) – com a presença de quatorze personagens e, a maioria (dez) deles, se enquadra na categoria ficcional.

Contudo, as três duplas formadas por meninos (Tabela 5), apesar de possuir dois manuscritos a menos, criaram mais personagens (dezessete) que as duplas

formadas por menino + menina. Também houve a incidência de mais personagens contidos na categoria ficcional.

4.1.3.1.2. Escola Particular

4.1.3.1.2.1. Menino x Menina

Os alunos da escola particular escreveram quinze manuscritos escolares, individualmente, no dia 03/04/1998. Dos quais sete foram escritos por meninas – com 24 personagens (Tabela 22) – e os oito restantes foram escritos pelos meninos – com 26 personagens (Tabela 23).

Tabela 22- Personagens inventados por meninos

FICCIONAL - 12			NÃO-FICCIONAL - 12			FICCIONAL-NÃO-FICCIONAL - 0		
Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico	
4	Col.	Ind.	3	Col.	Ind.	-	Col.	Ind.
	2	6		4	5		-	-

Com base na Tabela 22 verificamos que, em relação às categorias, não constatamos divergência, pois foram inscritos doze personagens na categoria e doze na não-ficcional. Ao que se refere à categoria ficcional-não-ficcional não há personagens nessa categoria.

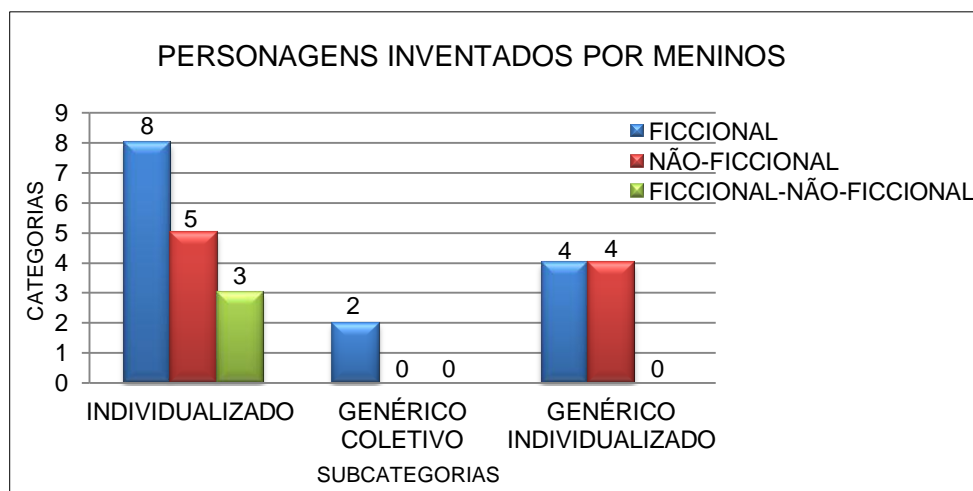


Gráfico 25 – Personagens inventados pelos meninos da escola pública

O Gráfico 25 deixa explícito que grande parte dos personagens foi inventada de maneira individualizada (dezesseis). Os nomes genéricos individualizados também merecem destaque – com oito personagens.

Logo a seguir, os Gráficos 26, 27 e 28 expõem, proporcionalmente, como ocorreu a distribuição dessas nomeações – inventadas pelos meninos da escola particular – dentro de cada categoria.

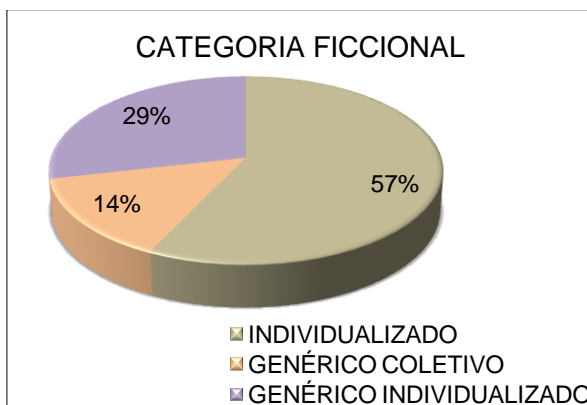


Gráfico 26 – Personagens da categoria ficcional inventados por meninos

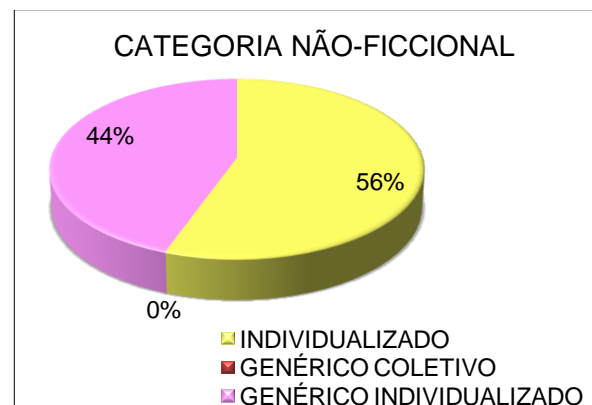


Gráfico 27 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por meninos

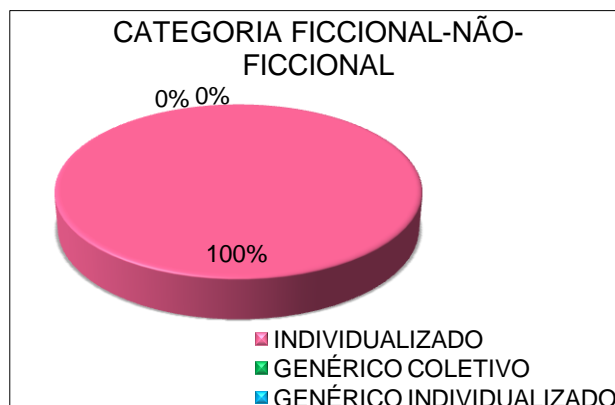


Gráfico 28 – Personagens da categoria ficcional-não-ficcional inventados por meninos

É notória a forte presença da subcategoria individualizada nas três categorias – 57% na categoria ficcional (Gráfico 26), 56% não-ficcional (Gráfico 27) e 100% na ficcional-não-ficcional (Gráfico 28). Logo atrás, segue a subcategoria genérico individualizada – com 29% na categoria ficcional (Gráfico 26), 44% não-ficcional (Gráfico 27). E, apenas categoria ficcional (Gráfico 26) apresenta 14% dos nomes na

genérico coletivo. Como vimos, apenas a categoria ficcional apresenta nomes presentes nas três subcategorias.

Tabela 23 - Personagens inventados por meninas

FICCIONAL - 14			NÃO-FICCIONAL - 9			FICCIONAL-NÃO-FICCIONAL - 3		
Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico	
8	Col.	Ind.	5	Col.	Ind.	3	Col.	Ind.
	2	4		-	4		-	-

A Tabela 23 volta a confirmar que as meninas possuem condições mais favoráveis a adicionar personagens presentes nas três categorias – com destaque para a categoria ficcional, qual apresenta quatorze personagens.

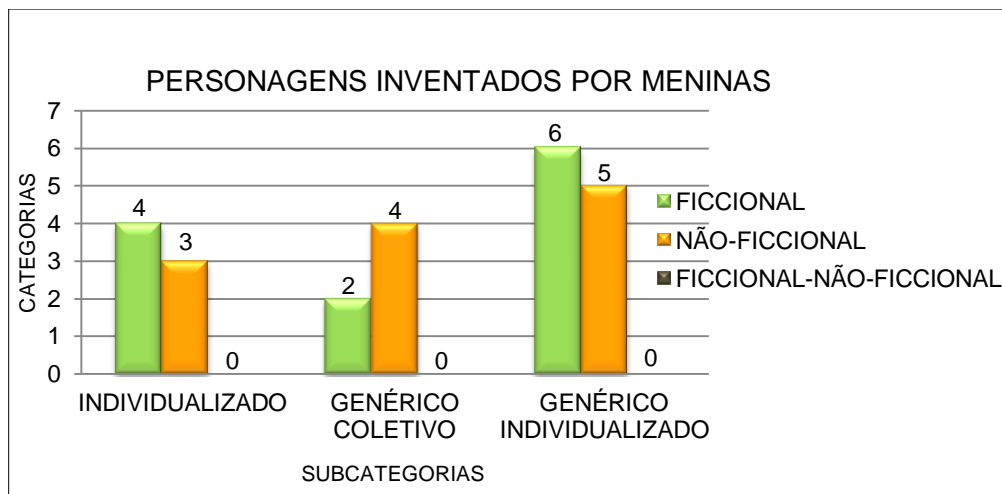


Gráfico 29 – Personagens inventados pelas meninas da escola pública

Consoante os dados contidos no Gráfico 29 as meninas nomearam os seus personagens com nomes relacionados aos meios de comunicação ou material impresso conhecido, ou seja, categoria ficcional ou se apropriaram de nomes relacionados ao seu cotidiano. A seguir, o Gráfico 30 e Gráfico 31 apresentam como tais personagens foram distribuídos dentro dessas categorias.

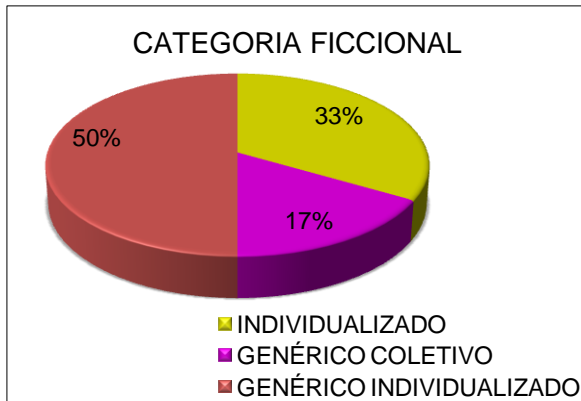


Gráfico 30 – Personagens da categoria ficcional inventados por meninas

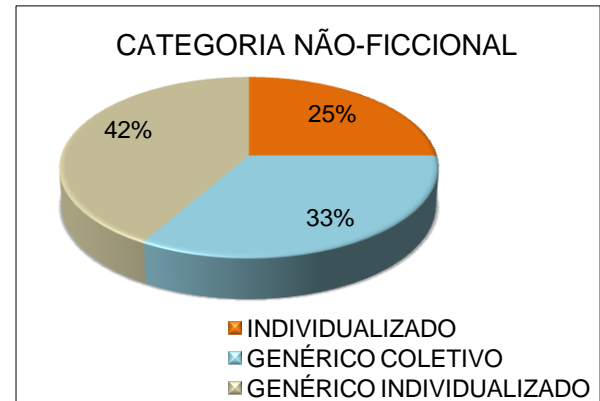


Gráfico 31 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por meninas

O Gráfico 30 apresenta a distribuição na categoria ficcional com 50% dos personagens genérico individualizado, 33% individualizado e 17% genérico coletivo. Em contrapartida, apresentamos o Gráfico 31 – categoria não-ficcional – que também possui um número superior de nomes enquadrados na subcategoria genérico individualizado - com 42% personagens.

Todavia, a ordem – decrescente – de incidência nas demais subcategorias se inverte. Considerando ainda o Gráfico 31 localizamos 33% personagens genérico coletivo e 25% individualizado. Dessa forma, constatamos que, nos dois casos, há a presença de personagens contidos em todas as subcategorias.

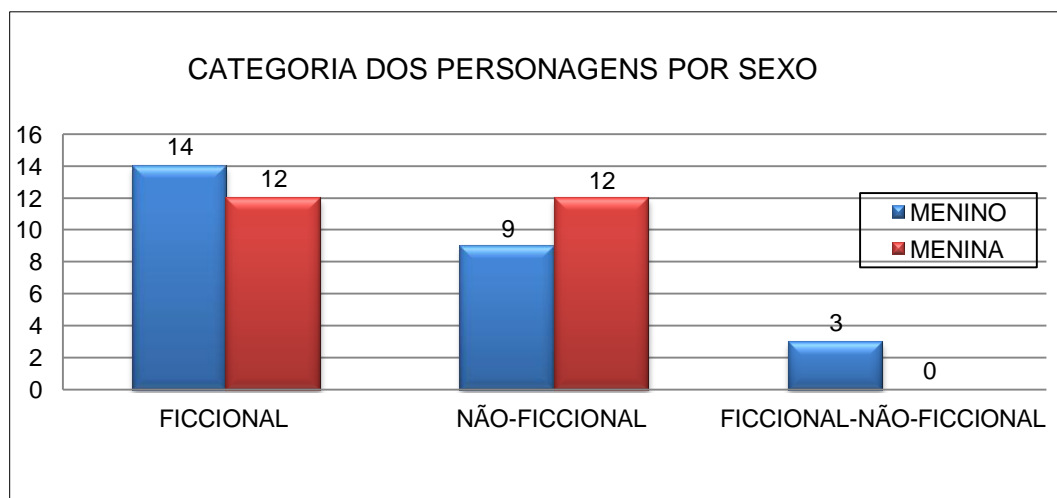


Gráfico 32 – Distribuição dos personagens, por sexo, de acordo com a categoria

O Gráfico 32 evidencia que não houve grande divergência - quanto às categorias - entre os nomes inventados por meninos e meninas, individualmente. Exceto no tocante à categoria ficcional-não-ficcional porque, como vimos, apenas os meninos utilizaram esse tipo de personagem.

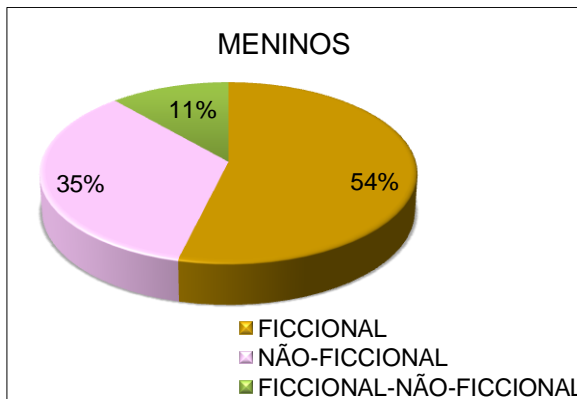


Gráfico 33 – Personagens inventados por meninos

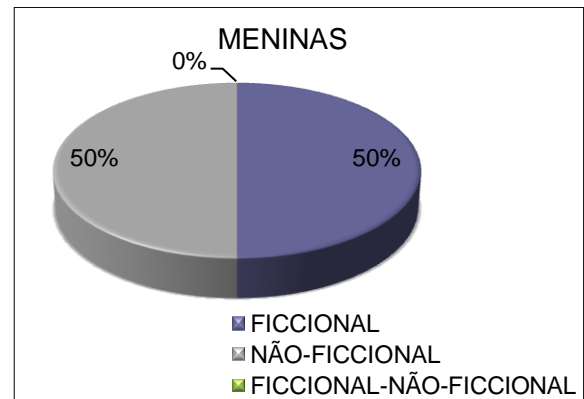


Gráfico 34 – Personagens inventados por meninas

O Gráfico 33 deixa claro que os alunos da escola particular se apropriaram das três categorias ao nomear os personagens em suas histórias inventadas. Enquanto as alunas (Gráfico 34) da mesma escola utilizaram apenas nomes relacionados à categoria ficcional e a categoria não-ficcional.

Os meninos (Gráfico 33) nomearam 54% dos personagens de acordo com a categoria ficcional, 35% com a categoria não-ficcional e 11% ficcional-não-ficcional. Enquanto o Gráfico 34 revela que metade dos personagens inventados pelas meninas foram nomeados conforme a categoria ficcional (50%) e os outros 50% utilizaram a categoria não-ficcional.

Deste modo, concluímos que os meninos da escola particular se aprofundaram mais na cultura letrada em que estavam imersos para nomear os personagens em suas histórias inventadas. Enquanto as meninas ficaram divididas entre o universo cultural e o contexto imediato em que estavam inseridas.

Tabela 24 - Personagens inventados por menino x menina

SUBCATEGORIA	SEXO	CATEGORIA		
		Ficcional	Não-Ficcional	Ficcional-Não-Ficcional
Individualizado	Menino	8 ≅ 57%	5 ≅ 56%	3 ≅ 100%
	Menina	4 ≅ 33%	3 ≅ 25%	-
Genérico Coletivo	Menino	2 ≅ 14%	-	-
	Menina	2 ≅ 17%	4 ≅ 33%	-
Genérico Individualizado	Menino	4 ≅ 29%	4 ≅ 44%	-
	Menina	6 ≅ 50%	5 ≅ 42%	-

A partir da análise da Tabela 24 concluímos que apenas os meninos utilizaram três personagens inscritos na categoria ficcional-não-ficcional. Entretanto, os demais personagens foram distribuídos nas duas categorias restantes. Vejamos como essa organização se deu dentro das subcategorias.

Ao averiguar a Tabela 24, notamos que os alunos da escola particular nomearam a maioria dos seus personagens de maneira ficcional (quatorze) e de forma individualizada – se apropriando ou não de um “nome próprio”.

Os meninos nomearam oito personagens de maneira individualizada, quatro genérico individualizado e dois genérico coletivo, isto equivale a 57%, 29% e 14%, respectivamente – dos nomes inventados na categoria ficcional. Em relação à categoria não-ficcional, eles inventaram cinco personagens individualizados e quatro genericamente individualizados, o que representa 56% e 44%, respectivamente.

Quanto às meninas metade dos personagens (doze) inventados pertencem à categoria ficcional e a outra metade (doze) a não-ficcional. Os mesmos foram divididos da seguinte maneira: seis (33%) personagens genérico individualizado na categoria ficcional e dezessete (42%) na não-ficcional.

Em relação aos personagens com “nome próprios” – individualizados – encontramos quatro (33%) relacionados à categoria ficcional e três (25%) a não-ficcional. E, para concluir, apenas dois (17%) personagens foram nomeados conforme a subcategoria genérico individualizado, na categoria ficcional, e quatro (33%) na não-ficcional.

Sendo assim, consideramos que a diferença entre os sexos (menino x menina) não afastou a forma de nomeação dos personagens em histórias inventadas, pelos alunos da escola particular, pois apesar das poucas diferenças o que predominou foi a maneira individualizada de nomear os personagens.

4.1.3.1.2.2. Menino + Menino x Menina + Menina x Menino + Menina

Os alunos da escola particular escreveram nove manuscritos em dupla, no dia 14/11/1997. Dos quais dois manuscritos foram escritos em dupla formada por meninos – com 12 personagens (Tabela 25) – dois manuscritos escolares escritos em dupla formada pelas meninas – neles localizamos 11 personagens (Tabela 26), e cinco manuscritos produzidos por menino + menina, com 32 personagens (Tabela 27), assim distribuídos:

Tabela 25 - Personagens inventados por menino + menino

FICCIONAL - 7			NÃO-FICCIONAL - 5			FICCIONAL-NÃO-FICCIONAL - 0		
Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico	
4	Col.	Ind.	-	Col.	Ind.	-	Col.	Ind.
	1	2		-	-		5	-

Na Tabela 25 verificamos que a maior parte dos personagens faz parte da categoria ficcional e, como em grande parte dos dados, não identificamos personagens incluídos na categoria ficcional-não-ficcional.

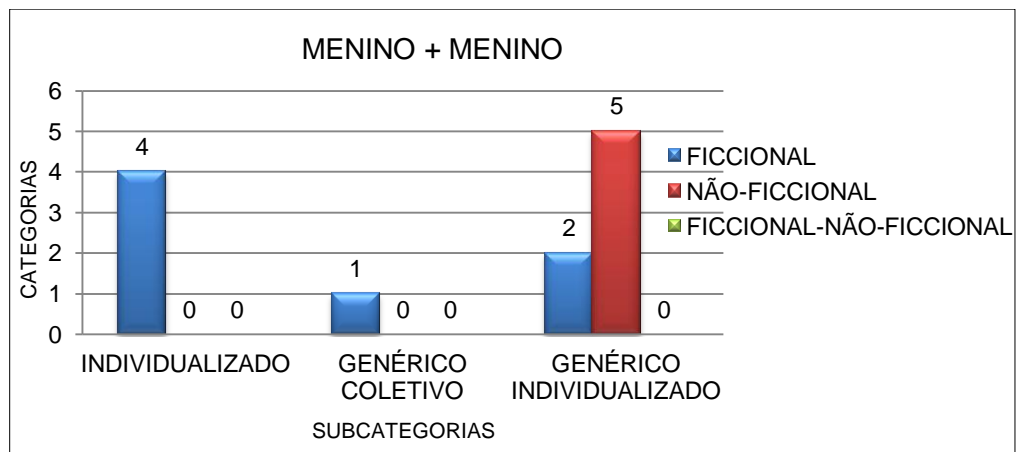


Gráfico 35 – Personagens inventados em dupla – composta por menino + menino

É manifesta, no Gráfico 31, a limitação dos nomes dos personagens à categoria ficcional e a não-ficcional. Vale considerar que apenas a primeira categoria possui personagem entre as três subcategorias.

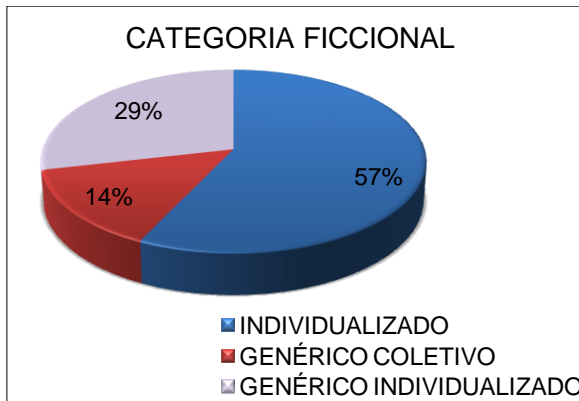


Gráfico 36 – Personagens da categoria ficcional inventados por meninos + meninas

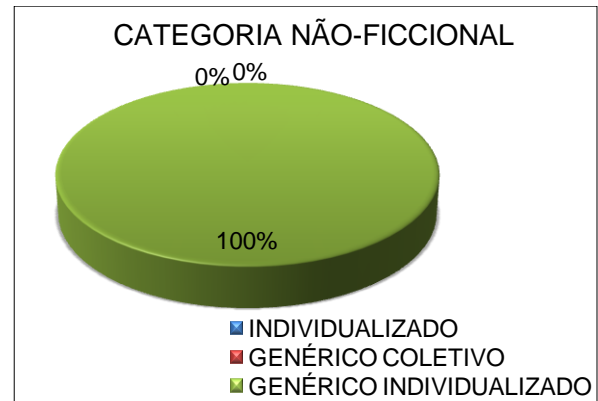


Gráfico 37 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por meninos + meninas

Os Gráficos 32 e 33 mostram como as duplas formadas apenas por meninos nomearam os personagens em suas histórias inventadas. Como vimos, no Gráfico 31, a categoria não-ficcional (Gráfico 33) é composta exclusivamente de nomes genérico individualizado.

Enquanto o Gráfico 32 apresenta como os personagens foram divididos na categoria ficcional, entre as três subcategorias. Aqui, identificamos 57% dos personagens individualizados, 29% genérico individualizado e 14% genérico coletivo.

Tabela 26 - Personagens inventados por menina + menina

FICCIONAL - 0			NÃO-FICCIONAL - 11			FICCIONAL-NÃO-FICCIONAL - 0		
Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico	
	Col.	Ind.		Col.	Ind.		Col.	Ind.
-	-	-	9	-	2	-	-	-

Quanto aos onze personagens inventados pelas duas duplas formadas por menina + menina encontramos uma peculiaridade. A Tabela 26 revela que todos esses nomes foram inscritos na categoria não-ficcional.

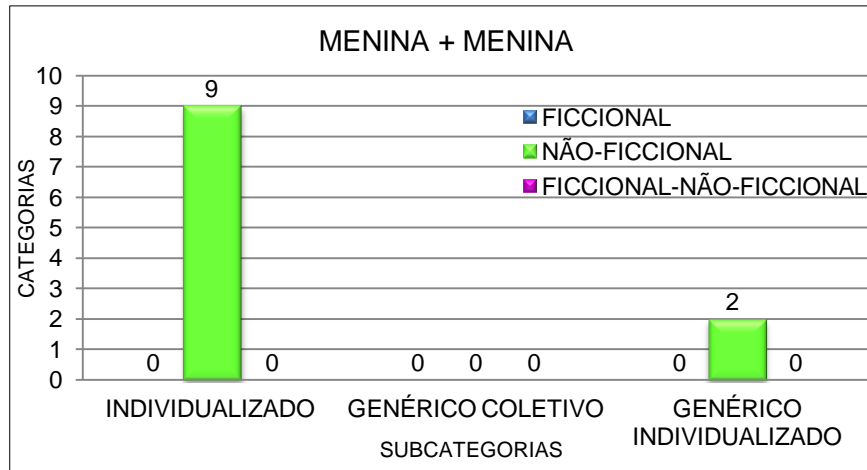


Gráfico 38 – Personagens inventados em dupla – composta por menina + menina

É inegável a centralização da categoria não-ficcional. O Gráfico 38 reafirma o que mostramos na Tabela 26 – os personagens inventados em dupla, pelas meninas, foram nomeados de acordo com o cotidiano dessas alunas – com nomes do ambiente escolar, relação familiar ou com a inclusão do seu próprio nome no manuscrito escolar.

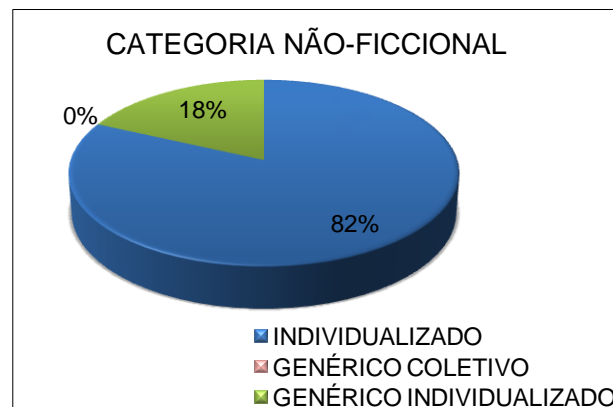


Gráfico 39 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por menina + menina

O Gráfico 39 representa a incidência das subcategorias contidas na categoria não-ficcional. Nele, fica evidente que os personagens foram inscritos individualmente. Localizamos 82% individualizado e, conseqüentemente, 18% genérico individualizado.

Tabela 27 - Personagens inventados por menino + menina

FICCIONAL - 17			NÃO-FICCIONAL - 15			FICCIONAL-NÃO-FICCIONAL - 0		
Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico		Individualizado	Genérico	
2	Col.	Ind.	5	Col.	Ind.	-	Col.	Ind.
	7	8		4	6		-	-

Ao que se refere aos trinta e dois personagens contidos nas cinco histórias inventadas por menino + menina há a inserção de personagens na categoria ficcional e não-ficcional.

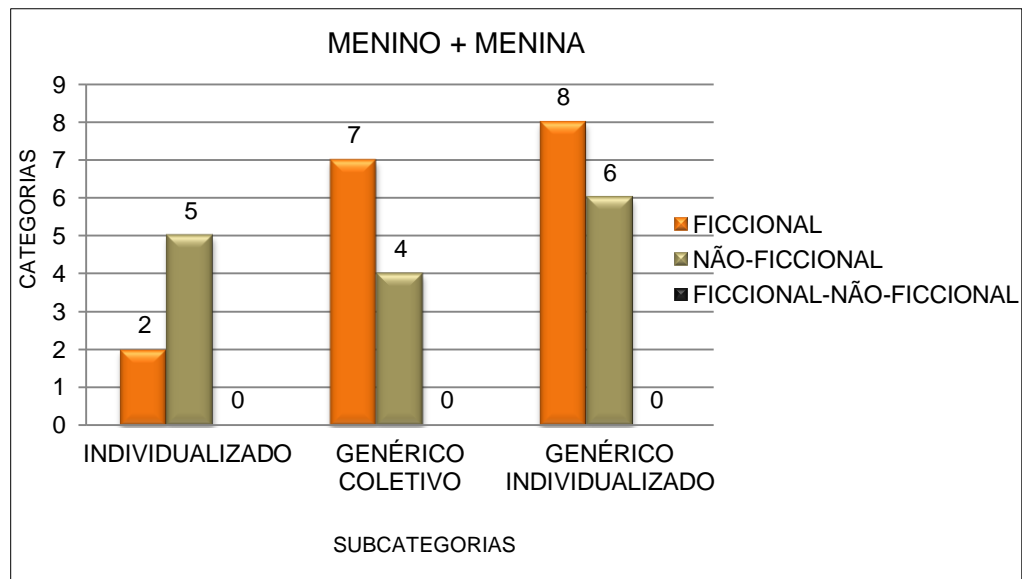


Gráfico 40 – Personagens inventados em dupla – composta por menino + menina

O Gráfico 36 traz informações a respeito dos manuscritos escritos em dupla – formada por menino + menina. Ele revela que há a presença de nomes contidos nas três subcategorias ao analisarmos a categoria ficcional e a não-ficcional. Nos Gráficos 37 e 38, apresentados a seguir, veremos como ocorre essa distribuição, proporcionalmente.

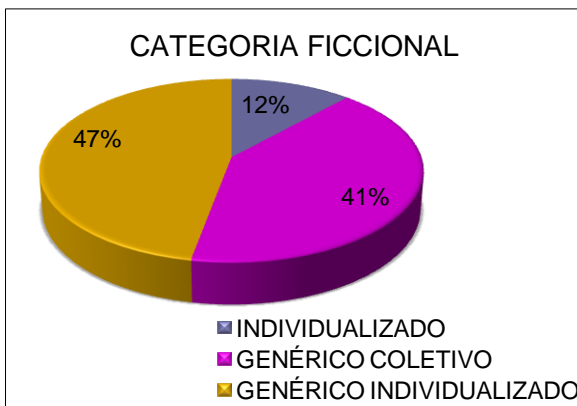


Gráfico 41 – Personagens da categoria ficcional inventados por menino + menina

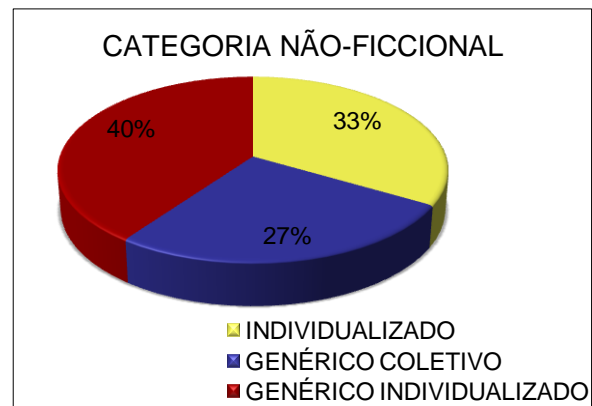


Gráfico 42 – Personagens da categoria não-ficcional inventados por menino + menina

Diante do que foi exposto no Gráfico 37 e no Gráfico 38, constatamos que a maior parte dos personagens aparece genericamente individualizada – com 47% e 40%, respectivamente. Na categoria ficcional também houve grande incidência de personagens na subcategoria genérico coletivo (41%) e 12% dos nomes aparecem individualizados.

Entretanto, a categoria não-ficcional reúne 33% personagens individualizados e 27% genérico coletivo, ou seja, houve uma inversão proporcional entre as duas subcategorias, com menor incidência, considerando a categoria ficcional e não-ficcional.

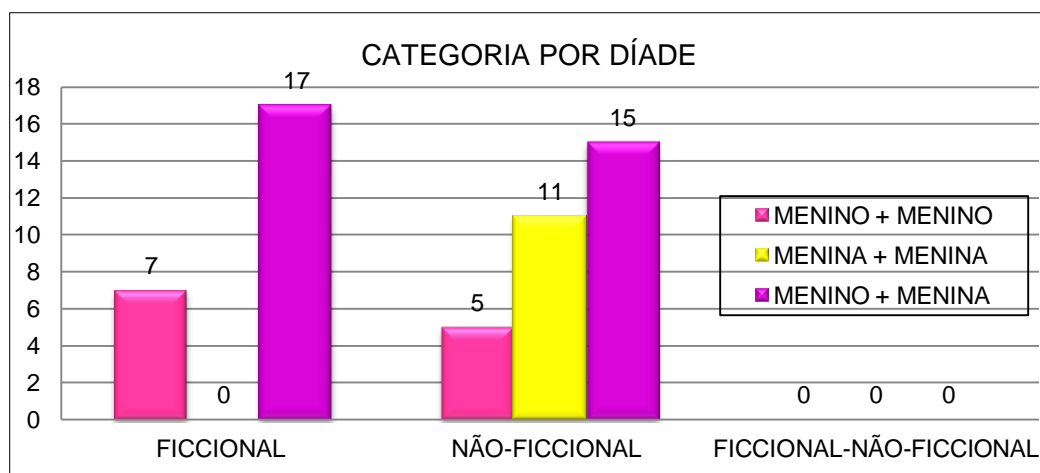


Gráfico 43 – Personagens inventados em dupla por alunos da escola particular

O Gráfico 43 explicita como ocorreu a distribuição dos sessenta e cinco personagens entre os três tipos díades: menino + menino, menina + menina e menino + menina, formadas pelos alunos da escola particular. Constatamos o predomínio de personagens relacionados à categoria não-ficcional – com trinta e um personagens.

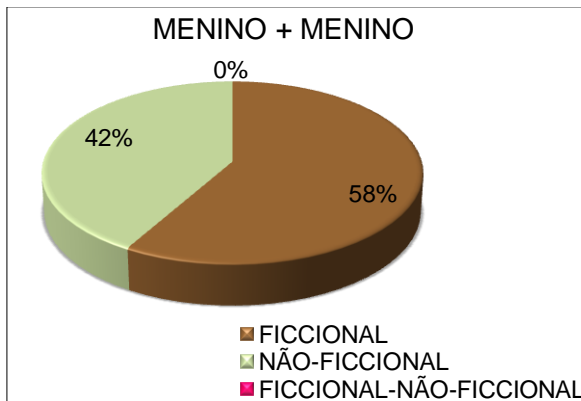


Gráfico 44 – Personagens inventados por menino + menino

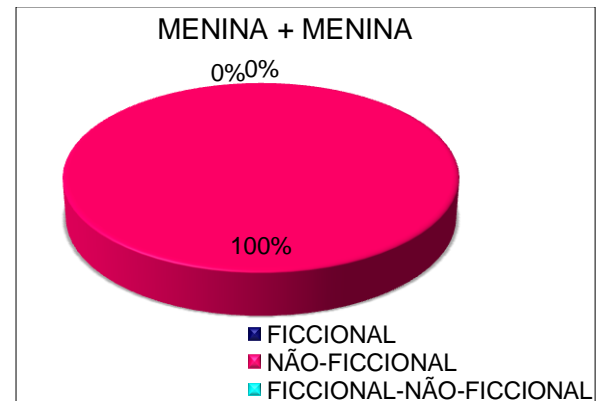


Gráfico 45 – Personagens inventados menina + menina

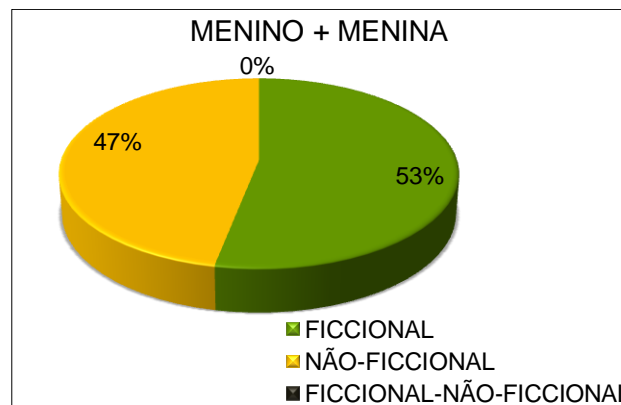


Gráfico 46 – Personagens inventados por menino + menina

Diante do que foi exposto, verificamos que as duplas formadas por menino + menino (Gráfico 40) e menino + menina (Gráfico 42) nomearam grande parte dos personagens com nomes relacionados a materiais impressos conhecidos ou aos meios de comunicação.

Sendo assim, constatamos que a maioria dos personagens foi nomeada com nomes relacionados à categoria não-ficcional – 58%, 53% (conforme Gráfico 40 e

Gráfico 42, nesta ordem) – seguidos da ficcional – 42%, 47% (inventados por menino + menino e menino + menina, respectivamente) – em ambos os casos não identificamos personagens contidos na categoria ficcional-não-ficcional.

Nas histórias inventadas pelas duplas formadas por menina + menina aconteceu uma peculiaridade. Nesse conjunto foram inventados onze personagens – todos inseridos na categoria não-ficcional, ou seja, as duplas formadas pelas alunas da escola particular se apropriaram exclusivamente dos nomes presentes em seu cotidiano.

Tabela 28 - Personagens inventados em dupla

SUBCATEGORIA	DÍADE	CATEGORIA		
		Ficcional	Não-Ficcional	Ficcional-Não-Ficcional
Individualizado	Menino + Menino	4 \cong 57%	-	-
	Menina + Menina	-	9 \cong 82%	-
	Menino + Menina	2 \cong 12%	5 \cong 33%	-
Genérico Coletivo	Menino + Menino	1 \cong 14%	-	-
	Menina + Menina	-	-	-
	Menino + Menina	7 \cong 41%	4 \cong 27%	-
Genérico Individualizado	Menino + Menino	2 \cong 29%	5 \cong 100%	-
	Menina + Menina	-	2 \cong 18%	-
	Menino + Menina	8 \cong 47%	6 \cong 40%	-

A Tabela 28 explicita como foi realizada a distribuição dos 65 nomes de personagens contidos nos nove manuscritos escolares escritos em dupla. A Tabela 28 deixa claro que as duplas formadas pelos alunos da escola particular não inventaram personagens contidos na categoria ficcional-não-ficcional.

A seguir destacaremos os casos em destaque. De acordo com a subcategoria individualizada o maior percentual (9 \cong 82%) foi em relação aos nomes inscritos na categoria não-ficcional com as duplas formadas por menina + menina. Em relação a genérico coletivo, destacamos os personagens inventados (7 \cong 41%) por menino + menina contidos na categoria ficcional.

Os personagens genérico individualizado apareceram em maior quantidade nos manuscritos inventados por menino + menina: foram oito (\cong 47%) na categoria ficcional e seis (\cong 40%) na não-ficcional. Por outro lado, proporcionalmente falando, o destaque vai para os nomes inventados pelas duplas formadas somente por

meninos que, na categoria não-ficcional, tem 100% (\cong 5) dos personagens enquadrados na subcategoria genérico individualizado.

4.1.3.2. Comparação entre Escola Pública X Escola Particular

Após a apresentação de como se deu a nomeação dos personagens em cada escola, veremos se houve variação de uma escola para outra considerando o mesmo tipo de agrupamento.

A seguir, faremos uma comparação de acordo com as categorias (Tabela 29) e subcategorias (Tabela 30) estabelecidas pelos alunos da escola pública e da escola particular conforme a nomeação dos personagens em suas histórias inventadas.

4.1.3.2.1. Menino x Menino

Tabela 29 – Categoria dos personagens inventados pelos meninos

ESCOLA	CATEGORIA		
	Ficcional	Não-Ficcional	Ficcional-Não-Ficcional
Pública	15	26	1
Particular	14	9	3

A Tabela 29 apresenta os personagens contidos nas histórias inventadas pelos meninos da escola pública e da escola particular. Eles foram organizados de acordo com as categorias estabelecidas.

Verificamos que os alunos da escola pública escreveram dez (Tabela 3) manuscritos escolares, enquanto os alunos da escola particular escreveram oito (Tabela 10). Por conseguinte, os alunos da escola pública possuem um número maior de personagens 42 e os da particular possuem 26 personagens.

Consoante a Tabela 29, constatamos também que os alunos de ambas as escolas contêm personagens inscritos nas três categorias. Confirmamos também a

nossa hipótese que os alunos da escola pública estão mais sujeitos a utilizarem mais nomes relacionados ao contexto imediato em que estão inseridos, se apropriando assim de nomes relacionados à categoria não-ficcional.

Por outro lado, observamos que os meninos da escola particular adotaram nomes mais letrados ao escrever as suas histórias inventadas. Esses alunos nomearam a maior parte de seus personagens de acordo com a categoria ficcional.

Tabela 30 – Subcategoria dos personagens inventados pelos meninos

ESCOLA	SUBCATEGORIA		
	Individualizado	Genérico	
		Coletivo	Individualizado
Pública	9	8	25
Particular	16	2	8

A Tabela 30 revela que grande parte dos alunos da escola particular dá “nome próprio” aos personagens de suas histórias. Entretanto, os alunos da escola pública os nomeiam, no geral, genericamente – chamando os seus personagens de “pai”, “mãe”, “galera”...

4.1.3.2.2. Menina x Menina

Tabela 31 – Categoria dos personagens inventados pelas meninas

ESCOLA	CATEGORIA		
	Ficcional	Não-Ficcional	Ficcional-Não-Ficcional
Pública	24	34	-
Particular	12	12	-

Constatamos que as alunas da escola pública inventaram quinze manuscritos, individualmente – com cinquenta e oito personagens (Tabela 4) - e, as alunas da escola particular escreveram sete manuscritos – localizamos vinte e quatro personagens (Tabela 11).

Ao analisar a Tabela 31 verificamos que as alunas, de ambas as escolas, não inventaram, individualmente, personagens contidos na categoria ficcional-não-ficcional.

As meninas da escola pública criaram mais personagens relacionados à categoria não-ficcional. Enquanto as da escola particular ficaram bem divididas ao nomear os personagens em suas histórias inventadas.

Tabela 32 – Subcategoria dos personagens inventados pelas meninas

ESCOLA	SUBCATEGORIA		
	Individualizado	Genérico	
		Coletivo	Individualizado
Pública	22	7	29
Particular	7	6	11

As meninas da escola pública surpreenderam com a grande intensidade de personagens com “nome próprio” – vinte e dois -, mas não foi o suficiente para superar os personagens nomeados de forma genérica – vinte e nove individualizado e sete coletivo. Quanto aos nomes inventados pelas meninas da escola particular o que predominou foram os nomes genéricos individualizados.

4.1.3.2.3. Menino + Menino x Menino + Menino

Tabela 33 – Categoria dos personagens inventados em dupla: menino + menino

ESCOLA	CATEGORIA		
	Ficcional	Não-Ficcional	Ficcional-Não-Ficcional
Pública	10	7	-
Particular	7	5	-

Quanto aos personagens inventados em dupla, formada somente por meninos. A Tabela 33 deixa claro que não há personagens contidos na categoria ficcional-não-ficcional.

Como observamos, os alunos da escola pública escreveram três manuscritos em dupla (dezessete personagens – Tabela 5) e os da particular inventaram duas histórias inventadas (doze personagens – Tabela 12). Nos dois casos há a predominância de nomes ligados à categoria ficcional.

Tabela 34 – Subcategoria dos personagens inventados em dupla: menino + menino

ESCOLA	SUBCATEGORIA		
	Individualizado	Genérico	
		Coletivo	Individualizado
Pública	1	6	11
Particular	4	1	7

A Tabela 34 explicita que as coincidências entre os manuscritos escolares escritos em dupla – formada por menino + menino – não se limitou à categoria apenas. Ao que se refere às subcategorias, nos dois casos, a maior parte dos personagens foi genericamente individualizada.

4.1.3.2.4. Menina + Menina x Menina + Menina

Tabela 35 – Categoria dos personagens inventados em dupla: menina + menina

ESCOLA	CATEGORIA		
	Ficcional	Não-Ficcional	Ficcional-Não-Ficcional
Pública	11	26	3
Particular	-	11	-

As meninas da escola pública formaram oito duplas – com quarenta personagens (Tabela 6), enquanto as duas duplas da escola particular inventaram onze personagens (Tabela 13).

As duplas formadas por menina + menina (Tabela 35) apresentam grande diferença entre as escolas. As alunas da escola pública criaram personagens inseridos nas três categorias, com destaque para a categoria não-ficcional – com

vinte e seis personagens. Entretanto, as alunas da escola particular inventaram todos os personagens de acordo com a categoria não-ficcional.

Tabela 36 – Subcategoria dos personagens inventados em dupla: menina + menina

ESCOLA	SUBCATEGORIA		
	Individualizado	Genérico	
		Coletivo	Individualizado
Pública	19	6	15
Particular	9	-	2

Assim como as duplas formadas pelos meninos (Tabela 34), encontramos semelhanças em relação às duplas formadas pelas meninas (Tabela 36). As alunas das duas escolas nomearam grande parte dos personagens com “nomes próprios”, isto é, com nomes individualizados.

4.1.3.2.5. Menino + Menina x Menino + Menina

Tabela 37 – Categoria dos personagens inventados em dupla: menino + menina

ESCOLA	CATEGORIA		
	Ficcional	Não-Ficcional	Ficcional-Não-Ficcional
Pública	10	4	-
Particular	17	17	-

Os alunos da escola pública escreveram cinco manuscritos escolares, escritos em dupla formada por menino + menina – com quatorze personagens (Tabela 7). E, os da particular inventaram cinco manuscritos – com trinta e dois personagens (Tabela 14).

A Tabela 37 revela que as duplas compostas por menino + menina não inventaram personagens relacionados à categoria ficcional-não-ficcional. As duplas formadas pelos alunos da escola pública nomearam grande parte dos personagens

de acordo com a categoria ficcional. Enquanto, as duplas da escola particular ficaram divididas entre a categoria ficcional e a não-ficcional.

Tabela 38 – Subcategoria dos personagens inventados em dupla: menino + menina

ESCOLA	SUBCATEGORIA		
	Individualizado	Genérico	
		Coletivo	Individualizado
Pública	7	3	4
Particular	7	11	14

De acordo com a Tabela 38, verificamos que os alunos da escola pública nomearam, em geral, os personagens de maneira individualizada. E, as duplas da escola particular criaram mais personagens genericamente individualizados.

4.1.3.2.6. Nomeação de personagem de acordo com as categorias estabelecidas

De modo geral, a seguir, tentaremos explicitar a incidência dos nomes de personagens considerando as categorias (Tabela 39, Gráfico 47, Gráfico 48 e Gráfico 49) e as subcategorias (Tabela 40, Gráfico 50, Gráfico 51 e Gráfico 52) a fim de comparar as escolas.

Para tanto, durante a apresentação dos dados - contidos nas Tabelas 39 e 40 – adotamos as siglas E_1 e E_2 para designar a Escola Pública e a Escola Particular, respectivamente.

Tabela 39 – Categoria dos personagens inventados por alunos da escola pública e escola particular

AGRUPAMENTO	CATEGORIA					
	Ficcional		Não-Ficcional		Ficcional-Não-Ficcional	
Individual	$E_1 - 43$	$E_2 - 29$	$E_1 - 56$	$E_2 - 23$	$E_1 - 1$	$E_2 - 1$
Dupla	$E_1 - 32$	$E_2 - 23$	$E_1 - 36$	$E_2 - 32$	$E_1 - 3$	$E_2 - 0$

De acordo com a tabela 39, constatamos que aconteceu um fato singular. Apenas os nomes de personagens escritos, de forma individual, pelos alunos da

Escola Particular (E_2) se caracterizam, em sua maioria - 29 personagens, na categoria ficcional. Enquanto os demais nomes - sejam eles escritos individualmente ou em dupla – pertencem, com maior incidência, à categoria não-ficcional.

Em relação à categoria ficcional-não-ficcional somente nos manuscritos escritos em dupla, por alunos da Escola Particular (E_2), não foi encontrado personagem relacionado a esta categoria. Adiante veremos uma comparação mais detalhada entre os nomes dos personagens inventados pelos alunos de ambas as escolas.

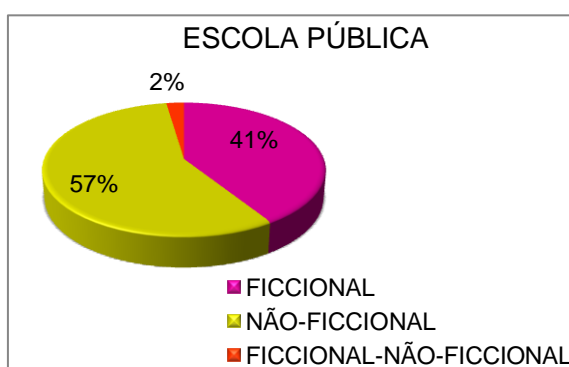


Gráfico 47 – Incidência dos nomes inventados pelos alunos da escola pública

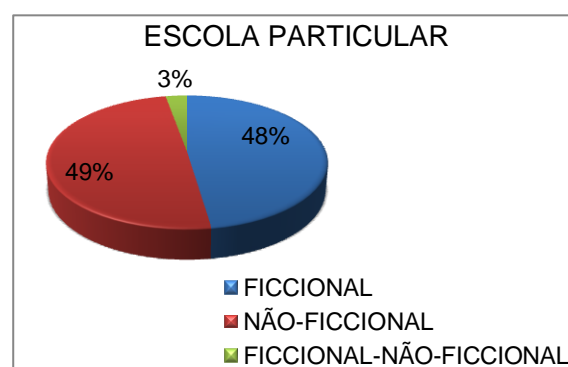


Gráfico 48 – Incidência dos nomes inventados pelos alunos da escola particular

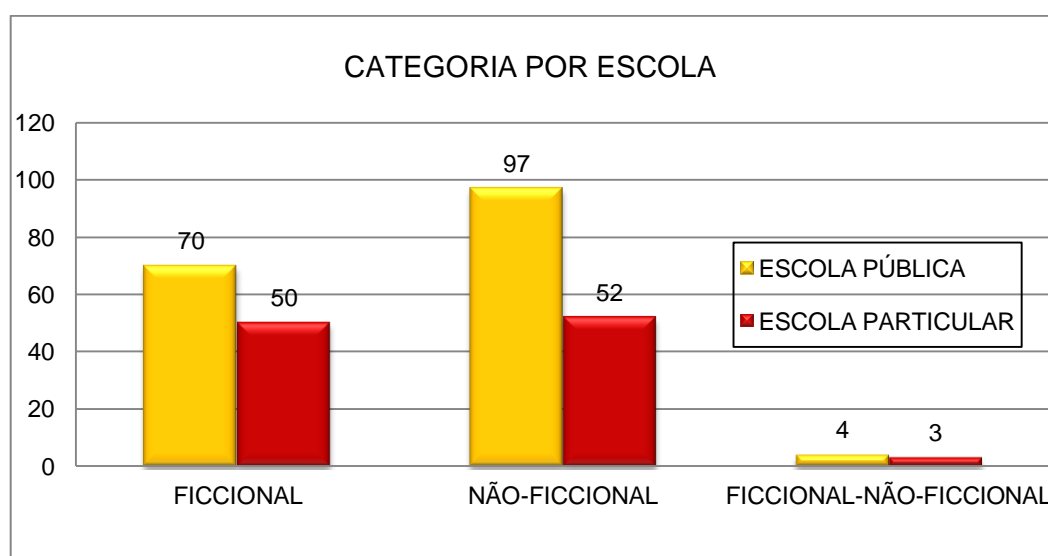


Gráfico 49 – Categoria dos nomes de personagens inventados por escola

Diante do que foi exposto, fica explícito que com base nesta divisão foi constatado uma forte predominância de nomes de personagens relacionados à categoria do universo não-ficcional (57% escola pública e 49% escola particular), seguidos do ficcional (41% escola pública e 48% escola particular) e, por fim, ficcional-não-ficcional (2% escola pública e 3% escola particular).

Deste modo, podemos dizer que, de modo geral, os alunos de ambas as escolas adotaram praticamente a mesma “estratégia” ao nomear os personagens em suas histórias inventadas. Observamos que, nos dois casos, a maioria (57% escola pública e 49% escola particular) desses nomes de personagens foi atribuída de acordo com a categoria não-ficcional, seja através da utilização do próprio nome, isto é, o aluno se insere na história ou utiliza algum “personagem” do ambiente escolar, com nomes relacionados ao cotidiano dos alunos.

4.1.3.2.7. Nomeação de personagem de acordo com as subcategorias

Em seguida, apresentaremos como se deu a distribuição de acordo com as subcategorias, a fim de verificar se houve divergência entre a nomeação atribuída aos personagens das duas escolas ou se as semelhanças que aconteceram nas categorias irão permanecer.

Tabela 40 – Subcategoria dos personagens inventados por alunos da escola pública e escola particular

AGRUPAMENTO	SUBCATEGORIA					
	Individualizado		Genérico			
			Coletivo		Individualizado	
Individual	E ₁ - 31	E ₂ - 23	E ₁ - 54	E ₂ - 19	E ₁ - 15	E ₂ - 8
Dupla	E ₁ - 31	E ₂ - 29	E ₁ - 22	E ₂ - 17	E ₁ - 8	E ₂ - 3

Os manuscritos escolares escritos, em dupla, tanto na Escola Pública (E₁) quanto na Escola Particular (E₂) possuem um número maior de personagens inscritos de maneira individualizada (receberam “nome próprio”) – com 31 e 29 nomes, respectivamente. Consequentemente, os demais nomes aparecem genericamente (nomeados por irmão, tia, homem...). Entretanto, é importante

considerar que boa parte dos personagens foi nomeada de acordo com a subcategoria genérica, como mostram os gráficos a seguir:

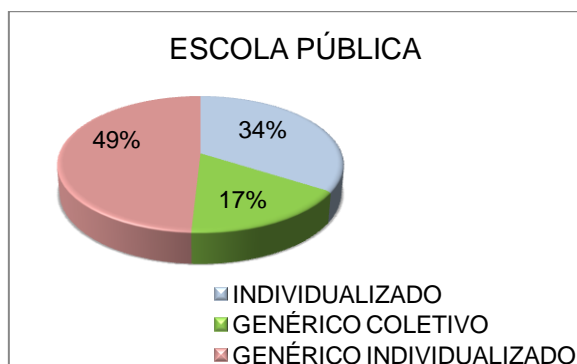


Gráfico 50 – Personagens inventados pelos alunos da escola pública

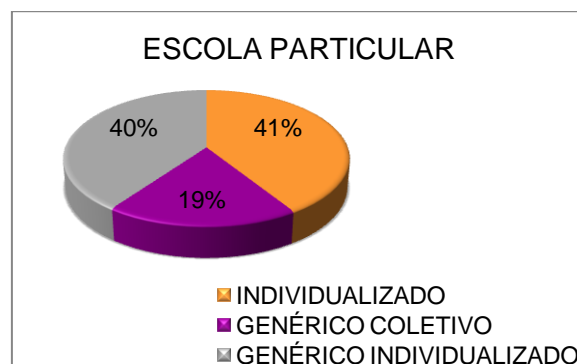


Gráfico 51 – Personagens inventados alunos da escola particular

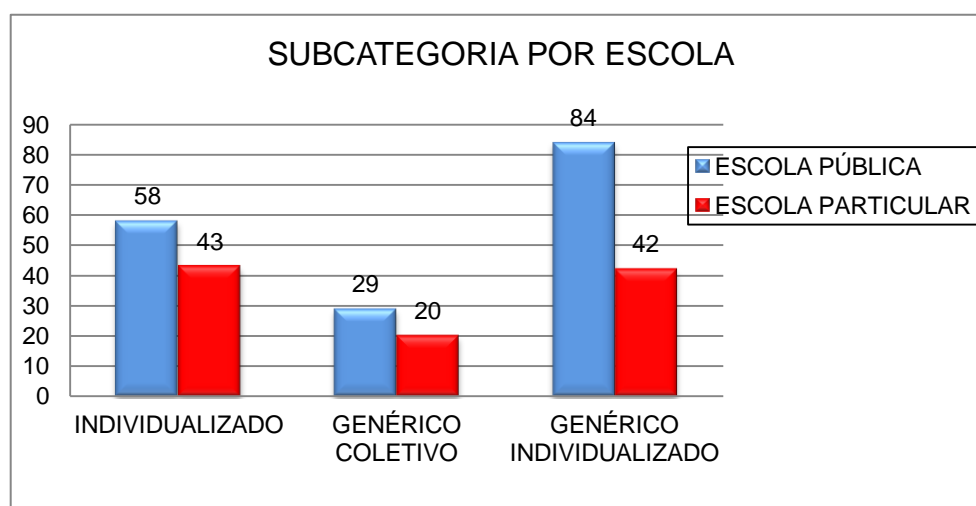


Gráfico 52 – Categoria dos nomes de personagens inventados por escola

Em relação às subcategorias a classificação seguiu da seguinte maneira: personagem individualizado (34% escola pública e 41% escola particular), genérico coletivo (17% escola pública e 19% escola particular) e genérico individualizado (49% escola pública e 40% escola particular).

Logo, verificamos que, nas duas escolas, a maioria dos personagens (66% escola pública e 59% escola particular) não recebeu “nome próprio”, ou seja, foram nomeados genericamente (mãe, velho, galera...). Permanecendo, assim, as coincidências contidas nos dados.

Através desse levantamento percebemos que tanto os alunos da escola pública quanto os da particular agiram praticamente da mesma maneira ao nomear os personagens de suas histórias, posto que grande parte dos nomes faz parte do cotidiano ou contexto imediato das crianças. É importante ressaltar que o nosso *corpus* traz dados referentes a três anos letivos distintos, porém consecutivos (1996, 1997 e 1998).

Com base nesse estudo verificamos que, em grande parte das produções, a maioria dos personagens foi nomeada levando em consideração os nomes relacionados ao universo não-ficcional, sendo apresentados geralmente de forma individualizada. Neste caso, podemos concluir que alunos de realidade oposta apresentaram característica semelhante no processo criativo.

Constatamos que, bem diferente do que pensávamos inicialmente, não houve grande disparidade entre os nomes contidos na escola pública e na escola particular. Ao contrário, chegamos à conclusão que mesmo se tratando de realidades distintas o modo como os personagens foram nomeados aproxima as suas histórias. Outro fato interessante foi a necessidade de incluir nomes que fazem menção às relações familiares (pai, mãe, filho, irmão...).

5. CONCLUSÃO

A partir do diálogo entre diversos textos, foi possível analisar o nome atribuído aos 276 personagens presentes nas 65 histórias inventadas escritas por alunos do ciclo inicial do Ensino Fundamental, entre os anos de 1996, 1997 e 1998, coletadas em uma escola pública e uma escola particular, localizadas na cidade de Maceió.

Com base nos dois conjuntos de manuscritos descrevemos como os nomes de personagens surgiram e as relações intertextuais entre eles e o ambiente cultural em que os alunos estavam imersos, sobretudo determinado pela televisão e pelos textos lidos em sala de aula. Para compará-los, estabelecemos as categorias: ficcional (com nomes relacionados ao ambiente cultural como mídia, material impresso conhecido, entre outros); não-ficcional (contém nomes ligados ao contexto imediato e/ou cotidiano dos alunos); ficcional-não-ficcional (reúne nomes atrelados à categoria ficcional e não-ficcional).

De modo geral, os alunos da escola pública, bem como os da escola particular nomearam, na maioria dos casos, os personagens utilizando elementos presentes no universo não-ficcional, ou seja, adotaram nomes contidos em seu contexto imediato e cotidiano, os nomes normalmente são oriundos de amigos, colegas e familiares, também há a inclusão do nome de quem escreveu a história. Os personagens são apresentados geralmente de forma individualizada, como Pedro, José, Isabel...

Portanto, os resultados indicam que nas duas escolas o que predominou foram os nomes relacionados ao cotidiano dos alunos com nomes de colega de classe e professora, remetendo ao ambiente escolar, e aos membros da família, utilizando o grau de parentesco entre eles – pai, mãe, avós, filhos, irmãos...

Porém, ao desmembrar as escolas em histórias inventadas em dupla e individual, percebemos que aconteceu uma variação nesse quadro porque nas histórias individuais da escola particular houve a predominância de nomes relacionados ao universo ficcional, os quais foram apresentados, em sua maioria, genericamente individualizados.

E, ao que se refere à escola pública houve o predomínio de nomes relacionados à categoria não-ficcional, o que confirma a nossa hipótese quanto à origem dos nomes, pois representam o contexto em que estavam inseridos. As principais singularidades contidas nesse conjunto de manuscritos dizem respeito aos nomes de personagens oriundos da letra de música e do meio esportivo para atribuir a nomeação, uma vez que apenas os alunos dessa escola se apropriaram de tal estratégia.

Contrariando a nossa hipótese inicial, a partir da análise, constatamos que somente os meninos – tanto da escola pública quanto os da particular – inventaram personagens contidos nas três categorias. Bem diferente do que aconteceu com a nomeação atribuída, individualmente, pelas alunas das duas escolas porque não criaram nenhuma personagem de acordo com a categoria ficcional-não-ficcional. Anulando a ideia de que as meninas se apropriam mais da junção entre a categoria ficcional e não-ficcional devido a forte imersão no universo dos “contos de fadas”.

Em relação à nomeação atribuída, decorrente das histórias inventadas em dupla, a única divergência – entre as escolas – refere-se à categoria ficcional-não-ficcional porque apenas os alunos da escola pública nomearam os seus personagens segundo tal categoria. Os demais nomes, em ambas as escolas, foram – em geral – inscritos na categoria não-ficcional e aparecem genericamente individualizados.

Por outro lado, apesar da grande referência à categoria não-ficcional (oitenta e nove), não podemos negar a expressiva relação de nomes advindos do universo ficcional, com a inserção de setenta e cinco (dos cento e setenta e um) personagens classificados nessa categoria. Nela, identificamos nomes relacionados a diversas origens, não se limitando apenas à TV.

Em ambas as escolas, encontramos nomes relacionados a filme, desenho animado, novela... Outra característica comum diz respeito à intensa referência aos contos de fadas, em especial, aos dos Irmãos Grimm.

Desta forma, concluímos que, apesar de encontrarmos algumas diferenças, a similitude entre as escolas predominou. O que nos leva a ver que mesmo em textos escritos por alunos imersos em realidade sociocultural e econômica distinta, a forma

de nomeação aproxima suas histórias, assim como nos ajuda a caracterizar o processo criativo de alunos dessa faixa etária.

REFERÊNCIAS

- A BELA ADORMECIDA. Disponível em: <http://www.contandohistoria.com/a_bela_adormecida.htm>. Acesso em: 23/09/2010.
- A BELA ADORMECIDA. Disponível em: <<http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=15>>. Acesso em: 23/09/2010.
- A GALINHA DOS OVOS DE OURO. Disponível em: <<http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=6>>. Acesso em: 23/06/2011.
- BADY BOYS. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bad_Boys>. Acesso em: 23/09/2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. (Voloshinov). **Problemas da poética em Dostoievski**. Rio: Forense Universitária, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**. A Teoria do Romance. 4ª ed. São Paulo: UNESP, Hucitec, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochnov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- BARROS, Diana P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana P.; FIORIN, José L. (orgs). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994. p. 1-9.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 14/05/2010.
- BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana P.; FIORIN, José L. (orgs). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994. p. 11-27.

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. 13ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

CALIL, Eduardo. **Autoria**: a criança e a escrita de histórias inventadas. Londrina: Eduel, 2004.

CALIL, Eduardo; LIMA, Maria Hozanete Alves de. Nomes próprios em histórias inventadas: odores de um encadeamento. In: CALIL, Eduardo, (org.) **Trilhas da escrita**: autoria, leitura e ensino. São Paulo: Cortez, 2007. p. 111-131.

CALIL, Eduardo. **Escutar o invisível**: escritura & poesia na sala de aula. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

CALIL, Eduardo. Textos escritos em casa: subjetividades em manuscritos de duas meninas em processo de alfabetização. In: 1º International Congress in Child Studies, 2008, Braga. **Infâncias possíveis, mundos reais**. Braga: Universidade do Minho - Instituto de Estudos da Criança, 2008. p. 1-17.

CARROSSEL. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Carrusel>>. Acesso em: 03/02/2011.

CARROSSEL. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Carrusel_de_las_Am%C3%A9ricas>. Acesso em: 03/02/2011.

CARROSSEL. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Carrossel_%28telenovela%29>. Acesso em: 03/02/2011.

CHAPEUZINHO AMARELO. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=102457>>. Acesso em: 11/06/2011.

CHAPEUZINHO AMARELO. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Chapeuzinho_Amarelo>. Acesso em: 11/06/2011.

CHICO LOPES E BANDA AQUÁRIUS. Fã de Eliane. Fortaleza: SomZoom, 1996.

CHIQUITITAS. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Chiquititas_%28Brasil%29>. Acesso em: 03/02/2011.

CINDERELA. Disponível em: <<http://www.contandohistoria.com/cinderela.htm>>. Acesso em: 18/05/2012.

CITELLI, Beatriz. **Produção e leitura de textos no ensino fundamental**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COSTA VAL, Maria da Graça; BARROS, Lúcia Fernanda Pinheiro. Receitas e regras de jogo: a construção de textos injuntivos por crianças em fase de alfabetização. In: COSTA VAL, Maria da Graça; ROCHA, Gladys. (orgs). **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito-autor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 135-165.

DISCINI, Norma. **A comunicação nos textos**. São Paulo: Contexto, 2005.

FEDERAÇÃO ALAGOANA DE FUTEBOL. Disponível em: <<http://www.futeboldealagoas.net/index.php/federacao/campeoes>>. Acesso em: 18/05/2012.

FIORIN, José L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana P.; FIORIN, José L. (orgs). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 1994. p. 29-36.

GOULART, Cecília. A produção de textos narrativos, descritivos e argumentativos na alfabetização: evidências do sujeito na/da linguagem. In: COSTA VAL, Maria da Graça; ROCHA, Gladys. (orgs). **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito-autor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 135-165.

JOÃO E MARIA. Disponível em: < <http://www.feijo.com/~flavia/joaoemaria.html>>. Acesso em: 19/05/2012.

JOÃO E MARIA. Disponível em: < <http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=4>>. Acesso em: 19/05/2012.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. – (Coleção texto e linguagem).

KOCH, Ingedore G. V.; BENTES, Anna C.; CAVALCANTE. Mônica M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, Ingedore G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 9ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

LELA, Leiva de F. V. A formação do produtor de texto escrito na escola: uma análise das relações entre os processos interlocutivos e os processos de ensino. In: COSTA VAL, Maria da Graça; ROCHA, Gladys. (orgs). **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto**: o sujeito-autor. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 135-165.

LEMOS, Cláudia T. G. A função e o destino da palavra alheia: três momentos da reflexão de Bakhtin. In: BARROS, Diana P.; FIORIN, José L. (orgs). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994. p. 37-43.

LEONARDO DICAPRIO. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Leonardo_DiCaprio>. Acesso em: 15/08/2010.

LULUZINHA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Little_Lulu>. Acesso em: 19/06/2011.

MARIMAR. Disponível em: <<http://www.sbt.com.br/marimar/>>. Acesso em: 18/05/2012.

MARIMAR. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Marimar>>. Acesso em: 03/02/2011.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **O texto na alfabetização**: coesão e coerência. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

MATILDA. Disponível em: <http://epipoca.uol.com.br/filmes_detalhes.php?idf=10167>. Acesso em: 15/09/2011.

MATILDA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Matilda_%28filme%29>. Acesso em: 15/09/2011.

O GANSO DE OURO. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Ganso_de_Ouro>. Acesso em: 23/06/2011.

O GATO DE BOTAS. Disponível em: <http://www.contandohistoria.com/o_gato_de_botas.htm>. Acesso em: 17/05/2012.

O GATO DE BOTAS. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Gato_de_Botas>. Acesso em: 17/05/2012.

O PATINHO FEIO. Disponível em: <<http://guida.querido.net/andersen/conto-07.htm>>. Acesso em: 19/01/2012.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5ª ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

O SENHOR DAS MOSCAS. Disponível em: <<http://educacao.aaldeia.net/filme-senhor-moscas/>>. Acesso em: 15/06/2012.

O SENHOR DAS MOSCAS. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Senhor_das_Moscas>. Acesso em: 15/06/2012.

PAPAI NOEL. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Papai_Noel>. Acesso em: 15/09/2011.

PAPAI NOEL. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/natal/historia-papai-noel.htm>>. Acesso em: 09/05/2012.

PRINCESA CATARINA. Disponível em: <<http://arlindo-correia.com/180608.html>>. Acesso em: 20/05/2012.

PRINCESA CATARINA. Disponível em: <<http://www.leme.pt/biografias/catarina/>>. Acesso em: 20/05/2012.

PRINCESA CATARINA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Catarina_de_Bragan%C3%A7a>. Acesso em: 20/05/2012.

PRINCESA ISABEL. Disponível em: <http://www.e-biografias.net/princesa_isabel/>. Acesso em: 16/05/2012.

PRINCESA ISABEL. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/isabel-cristina-leopoldina-de-braganca-princesa-isabel.jhtm>>. Acesso em: 16/05/2012.

PRINCESA ISABEL. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/princesa-isabel/>>. Acesso em: 16/05/2012.

RANKING DE CLUBES DE FUTEBOL POR TÍTULOS. Disponível em: <<http://historiaserankings.blogspot.com.br/2008/07/ranking-de-clubes-de-futebol-por-titulos.html>>. Acesso em: 18/05/2012.

ROJO, Roxane. Revisitando a produção de textos na escola. In: COSTA VAL, Maria da Graça; ROCHA, Gladys. (orgs). **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto:** o sujeito-autor. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 185-205.

SBT NOVELAS. Disponível em: <<http://sbtnovelas2.iespana.es/Nhora.htm>>. Acesso em: 03/02/2011.

TITANIC. Disponível em:
<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Titanic_%281997%29#Principais_pr.C3.AAmios_e_indic
a.C3.A7.C3.B5es](http://pt.wikipedia.org/wiki/Titanic_%281997%29#Principais_pr.C3.AAmios_e_indic
a.C3.A7.C3.B5es)>. Acesso em: 03/02/2011.

TÍTULOS DO VASCO DA GAMA. Disponível em:
<<http://www.vascodagama.net.br/Titulos.html>>. Acesso em: 18/05/2012.

VASCO DA GAMA. Disponível em:
<http://www.vasco.com.br/site/index.php/linha_do_tempo>. Acesso em: 18/05/2012.

ANEXO A – Chapeuzinho Amarelo

(o chapeuzinho Amarelo)

era uma vez um chapeuzinho amarelo ela foi levar comida para a sua vovó a mãe dela morreu ela e para o conto-seito e quando o chapeuzinho amarelo foi contando para o meio do caminho ela encontrou o lobo mal ela chamou o lobo mal e ele veio e comeu o vovó do chapeuzinho amarelo e logo chegou a casa da sua vovó Batel na porta pa-pá-pá, e o lobo mal já tinha comido ela e o lobo mal ele disse para entrar, minha netinha pode entrar.

ANEXO B – Mari Mar

Mari Mar.

Era uma vez um menino pobre e muito
 afeminado que ~~de~~ ~~foi~~ ele chorava
 por tudo. Um dia, um rapaz foi na
 casa dele e viu que ele era pobre e deu
 comida e ~~foi~~ e ele se apaixonou por
 ele. O nome dele era Cerjo. E Cerjo se
 apaixonou com Mari Mar, um cerjo deu
 uma vaca. e seus avôs disseram que ele
 não ia dar coisa sem querer nada. ~~em~~
 seu dileto foi pra fazenda Santa Barbara
 e seu pai expulsou da fazenda foi quando
 o cerjo chegou. e quase bateu no seu
 pai. um dia Cerjo perguntou a Mari
 Mar se ele queria se casar com ele e
 ela ficou embaraçada de responder
 que sim. no segundo dia que ele
 perguntou a ela, ela disse que sim.

O cerjo levou ela pra casa, e pergunta
 a seus avós que desse permissão a
 cerjo si casar com ele, e seus avós dissei
 que sim. ~~no~~ no outro dia cerjo e Mari
 mar foi a igreja de Nossa S^{ra} de Fatima
 o Padre Torres e o casamento sera
 sábado. ~~Sabado~~ quando chegou sábado
 eles ficaram tão alegre, e quando chega-
 ram na igreja jogaram arroz, e o Padre
 falou pede Bêjos a noiva, o cerjo quase
~~se~~ e se beijaram e ~~depois~~ passando
 3 meses depois nasceu um filho.
 Quando pais mostra seu filho ao seus
 avós seus avós ficaram tão feliz que
 sua pressão subiu e morreram e ~~o~~
 cerjo abateu nas mella em Teres que vive
 por perto de sua ~~casa~~ fazenda.
 e viveram feliz o na lembrança,

ANEXO C - Stephanie

Stephanie

eu fui para escola e em com trez
 um calhero ele querinha mipega
 Para o mimorde ai en corie para e
 os pitau ai e detos queria saber
 porque eu Tava corado eu dice
 eu Tava corado porque um calhero
 queria mimorde e detos logo mimorina
 ele dice voce is capel por pouco porque
 lino e ele ia timorde ai voce Tava e
 tornada ~~mas~~ mas hospital eu viogere
 e numero de seu telefone para
 liga para os seus pais.

ANEXO D – O pai a Mãe e os Três Filhos

O pai a mãe e 3 filhas

1

Era uma vez um pai e uma ^{mãe} eles tinham 3 filhos que a Bruxa transformou em cachorro e gato e vara da mãe e o pai ficaram preocupados com os filhos quando viram a casa coberta de chocolate entraram para ver quem estava lá quando entraram na casa viram a velha e disse então querem comer chocolate não queremos não temos que ir encontrar meus pais nos sei vai encontrar meus pais e a família nos estamos perdidos vamos em casa quando eles saíram da casa disse por que você não quis os chocolates por que estava cheia de Braxarais porigo que eu não quis por causa disso. vamos para floresta escondida e vamos encontrar a nossa casa mais encontramos a nossa casa e eu fiquei feliz para sempre.

Fim da estória

ANEXO E - Sem Título

Era uma vez um Príncipe chamado Chicotele ele conquistava
 todas as Princesas Raquel, Karla, Amanda e os nomes delas
 das Princesas que, tanto conquistadas, e tanto bonitas
 Eu rei príncipe, te quero tão, bem o príncipe respondeu
 eu ~~eu~~ também mais que ridas princesas, ~~o~~ vocês
 são tão lindas mais princesas vocês, até que um dia
 fomos para um ~~país~~, ~~o~~ ~~estados~~ ~~unidos~~

Apartamento que la se divertiram muito.
 Até que um dia casei com Raquel, que temos
 um filhinho que botei o nome dela de rapozel
 ele cresceu cresceu quando ficou a 12 anos a casou
 e temos um netinho que o botamos o nome dele
 de Cleverton, ele é ~~um~~ ~~do~~ ~~lindo~~ muito ~~do~~ bonito
 ele, cresceu e não ~~de~~ dechei casar que está
 muito novo, ciquizer casar, vacogar a os 22 anos
~~estados unidos~~

ANEXO F - O Gato de Bota

O gato de bota

1

O Gato de Bota era um velhinho um gato de
 mão de jogador nato com os jogadores
 no campo ele fez muito gol e era muito
 habilidoso ele queria jogar no meu campo
 muito grande ele era bom na bola e no jogo
 e muito regato com os jogadores e na vida
 e ele era jogador de futebol ele jogava
 no meio da grama e ele é muito jogador
 de futebol ele era capitão do nosso da
 grama de esplanado gato de bota
 muito divertido por me fazer feliz tem um
 bom jogador na sua casa por me divertir
 no calendário de bota tal de
 fazer um jogador na festa
 de desportos muito regato com
 ele no jogador de bota e de nato
 ele era muito feliz Talalger tem
 ele e um resto de um lado
 de bota ele é um reservado de bota
 de bota ele nunca mais volta
 ele é um gato de bota que se chamava
 um rapaz no ele não é um
 menino de bota e um gato de bota
 ele é um bota de bota um rapaz tem
 tem uma bota de bota de bota
 foi um rapaz que um agente muito
 bom a nossa cidade em
 foi um rapaz de bota regato
 a gente de bota de bota
 que bota era a bota no ano das
 mil mais ele era muito
 gato de bota muito divertido
 a bota era a bota

ANEXO G - A Menina e o Gato

~~Cinderella~~ menina e o gato

Era uma vez uma noiva que cinderela
 ela tinha uma mãe que se chamava
 Maria Truquina e as Primas dela
 ficaram no pé dela e ela era
 como uma enxada
 na sua castela e ela
 dormia perto de uma fogueira e ela ficava
 triste o gato dizia miau e ela dizia não
 se pri pri você gosta de mim pri pri e o pri pri
 respondeu miau miau miau obrigado pri pri
 você gosta mesmo de mim vamos dan
 çar de rapiz a gente com vossa boanaita
 far em an niente e cinderela foi fazer o leite
 para o pri pri de pai pri pri cinderela
 falou vá tomar seu leite eu vou tomar
 oner tão bom pri pri está bom pri pri
 o pri pri respondeu miau miau miau

~~~~~X~~~~~

FIM



## ANEXO H – A Princesa Catarina

História inventada 03/4/98 Side COLOR

nome Kauã  
 Serie 3ª "A" Prof. Ana Lucia  
 Escola: Monteiro Lobato 1ª série

### A princesa Catarina

Uma bela manhã uma linda princesa que morava num castelo maravilhoso.

Todas as tardes ela ia para o rio. Uma bela tarde ela foi para o rio, e sentou numa pedra grande, e encontrou um príncipe montado no cavalo, e ficaram apaixonados, o príncipe saiu do cavalo e perguntou:

- Qual é o seu nome?
- O meu nome é Catarina, e o seu?
- Estupido.

Afirmau os dois, o príncipe perguntou:


- Quer dar uma volta de cavalo?
- Claro que sim.
- Então vamos

E lá se foram os dois.

De repente os dois encontraram uma bruxinha chamada Enxúma com uma varinha quebrada no chão, chorando o príncipe perguntou:

- Quer ajuda?
- Quero

Responderam a bruxinha o príncipe deu do cavalo para ajudá-la, a princesa saiu chorando para casa apavorada que o príncipe estava apaixonado pela bruxinha.

  
 IMPRIMO  
 O melhor em papeleria



ANEXO I – SOS Titanic O Mais Trágico Naufrágio de toda a humanidade.  
Titanic

HISTÓRIA INVENTADA 24/04/98

NOME. LUCAS M. C. DE VASCONCELLOS

SOS TITANIC O MAIS TRÁGICO NAUFRÁGIO DE TODA HUMANIDADE.

TITANIC

1 No dia 5 de maio de 1909 o grande  
2 construtor dono da White Star Line (Linha  
3 Estrela Branca) observava o primeiro dia  
4 de construção do luxuoso Titanic que seria  
5 feito para jamais naufragar.

6 No dia 2 de fevereiro de 1912 quando  
7 o navio já estava pronto começavam os pre-  
8 parativos para sua viagem inaugural. No dia  
9 10 de abril de 1912 dia da partida às  
10 11:00 ainda a primeira manhã. Ainda  
11 no dia 10 de abril às 15:55 da  
12 tarde os passageiros da 1ª classe entre  
13 eles o Sr. Win dono da White Star  
14 iam almoçar e às 9:35 eles  
15 iam jantar. Já no outro dia às 7:00  
16 eles iam para a missa  
17 às 3:00 iam almoçar e às 2:10 iam  
18 jantar essa era a programação dos  
19 da 1ª classe.

20 O Sr. Win após o café da  
21 manhã do dia 13 disse a frase:  
22 — Com esse nem Deus poderia  
23 após essa frase o capitão Edward J. Smith  
24 afirmou que nada poderia acontecer

tilbra



25 O TITANIC A NÃO SER 25/04/98

26 DECS.

27

NO DIA 14 DE ABRIL DOMINGO AS  
 8:15 DA MANHÃ TODOS OS PASAGEIROS ESTAVAM EM SUAS CABINES PORQUE ERA O BENIGNO DIA DE VIAGEM E ECES ESTAVAM ATRUMANDO SUAS MALAS.  
 CALIFORNIA 20:02 O TELEGRAFISTA MANDA UMA MENSAGEM AVISANDO QUE TINHA UM ICEBERG BEM NA FRENTE DELE. TITANIC 20:10 O CAPITAO NAO ACREDITA NA MENSAGEM E MANDA LIGAR A QUARTA CADEIRA PARA CHEGAR DE MADRUGADA E PARA BATE 12 O RECORD EM NEW YORK, CALIFORNIA 20:30 COMO NAO OBTUEU RESPOSTA FOI EMBOIDA. TITANIC 21:00 MANDA UMA MENSAGEM PARA O CAIS EM NEW YORK AVISANDO QUE VAI CHEGAR DE MADRUGADA. CARPHATIA 21:50 MANDA UMA MENSAGEM PARA O TITANIC AVISANDO QUE TEM UM ICEBERG NA FRENTE DELE. TITANIC 23:39 OS VIGIAS AVISTAM UM GRANDE ICEBERG DE 30 METROS DE ALTURA. TITANIC 23:40 O CHOCOE COM O ICEBERG QUANDO FEZ UM FURTO MUITO GRANDE QUE NADA EM PEDIO QUE A AGUA ENTRASE NO TRANSATLANTICO, O ALARME FOI ASIONADO. E AS 1:00 A PORRA DO NAVIO EMPINA A 2:00 O NAVIO SE PARTE AO MEIO E AS 2:05 O NAVIO E ENGOLIDO PELO MAR, DEAS HORAS DEPOIS AS 4:05 O CARPHATIA CHEGA E COME SA A SOBIR OS BOTES, E 3 DIAS DEPOIS O CARPHATIA AVISTA UM ICEBERG MAS FELISMENTE CONSEGUE DESUJA E ALGOMAS HORAS DEPOIS OS PASAGEIROS DESEMBARCAM NO CAIS DE NEW YORK AGRA DESENDO A DECS.

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62



## ANEXO J – A Bruxinha Matilda e Brunilda

História inventada 1ª versão 1ª vez 03/04/98

Nome: Bruno

A Bruxinha Matilda e Brunilda

A Bruxinha Matilda era uma bruxinha muito atrapalhada em todas as travessuras.

Um dia ela ganhou uma tarântula que passou a chamar de Brunilda era muito querida pela Matilda até que a bruxinha ganhou uma abelha chamada Pimenta, Brunilda ficou com inveja de Pimenta e fugiu. Matilda quando percebeu a fuga de Brunilda ficou muito aflita e anunciou nos jornais: PROCURASSE UMA TARÂNTULA CHAMADA BRUNILDA! FONE: 0009 SEM SAPATO.

Brunilda emprenhou a neve por muito tempo e quando Matilda achou ela estava no lago, mas no meio do caminho deslumbrou ela sem querer, pois o lago era muito grande. Brunilda quebrou a perna pois caiu de 100 metros de altura, Matilda quando chegou em casa e percebeu que Brunilda não estava no lago a gritou: Brunilda!!!

O papai nel viu Brunilda andando na neve ela pegou um seu péna quebrado e botou remédio q embelezou ~~ela~~ <sup>o pé</sup> Matilda chorando e lhe deu um presente só que este presente não ia, Brunilda quando Matilda abriu o presente chorou de felicidade as duas receberam um feliz natal!!!

The  
end



## ANEXO K - A Bruxinha Sapeca

História inventada individual 03/04/98

nome: Camila Maia Costa de Azevedo

Data: 03/04/98

1ª versão:

### A Bruxinha Sapeca

Uma certa dia uma bruxa má que deu a luz a uma linda bruxinha.

Quando tinha 3 anos, era muito sapeca e tímida, um terror para qualquer mãe, ela chamava-se Luluzinha qualquer coisa que a fizessem ela colocava os seus planos de si.

Quando sua mãe chamada maldivola chegou do supermercado, abriu a porta e CHUÁÁ um balde de água caiu em sua calça e gritou:

- LULUZINHAAA!

- U que foi mamãezinha querida? disse Luluzinha.

- Quem colocou este balde de água em cima da porta?

- Foi eu mamãe, porque meus colegas estão contra mim então espalhei algumas coisas pela casa.

E então o campainha tocou DIM DOM

- Deve ser os meus colegas vou para meu quarto disse Lulu.

- Sim que desobedeceu maldivola

- Queremos falar com a Lulu disseram os colegas dela.

- Entrem fiquem a vontade que eu vou chama-la LULUZINHA seus colegas estão aqui.

- Já estou descendo mãe. Ula pessoal vamos até o meu quarto HE HE sentem-se BAAU RARARARA.

- Você não paga Lulu.

No outro dia Lulu se arrependeu e ligou para elas.

- Desculpa quero que voutem a ser meus amigos e então elas a desculparam e brincaram a tarde toda.



## ANEXO L – Bad Boy, a vingança

## BAD BOY A VINGANÇA

Um garoto chamado bad boy vivia em uma mansão, ele tinha um cachorro chamado bad dog que gostava de cruzar com as cadelas.

Duas semanas depois ele encontrou uma namorada chamada Kate, ela gostava muito dele e ele dela, eles apaixonaram muito até quando foram a um restaurante chamado PETISANTOSA quando eles estavam almoçando apareceu uns homens mal encapados e alhos estranhos, com um revólver no bolso e planejou a atirar nele mas o restaurante estava cheio e ele esperou outra oportunidade para matá-lo.

Depois de quatro anos de namoro mataram sua família os assassinos que mataram foi os caras do restaurante, o chefe da gangue chama-se JEC e seu irmão chama-se JEINE e os outros são os amigos, mas bad boy não quis que ficasse assim chamou os Odivogados melhor da cidade foram até o bar converça e levou sua namorada, chegando lá os assassinos estavam lá tentou matar o bad boy mas ele escapou e o tiro pegou em sua namorada e o assassino continuou a atirar e matou os odivogados e os assassinos fugiram.

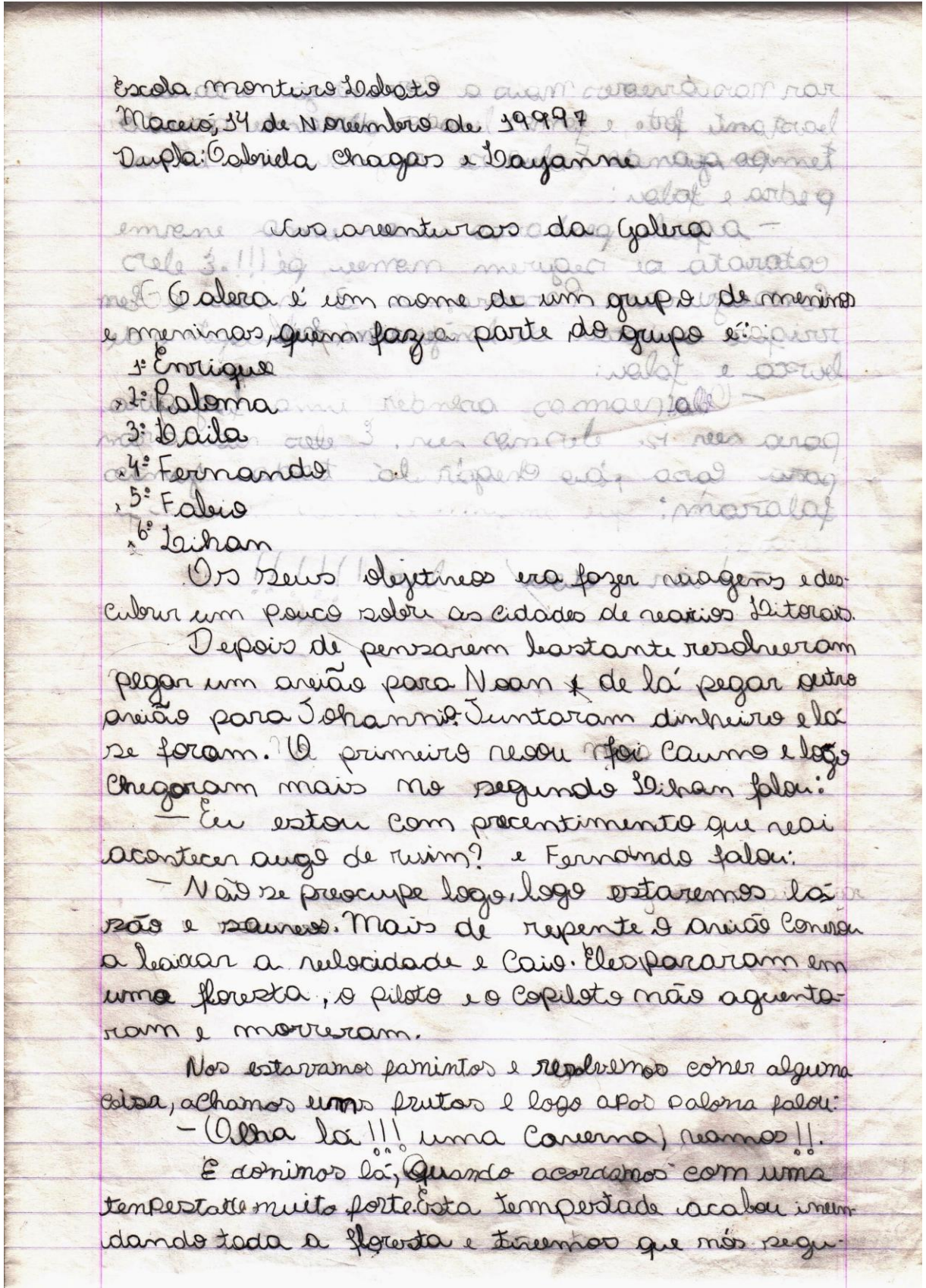


As polícia ficou suspeitando do bat boy e ele foi preso um ano. Passaram-se um ano e ele foi solto quando ele descobriu que os assassinos tinham viajado para New York, depois de três semanas ele viajou para New York para descobrir onde está o assassino quando ele descobriu onde está o assassino ele foi no um Hotel e viu os assassinos ele pegou o revólver e atirou no irmão bem na testa ai o JEC ia atirar no bat boy o bat boy matou a perna do JEC ai ele saltou a arma e o bat boy atirou nele.

desapareceu  
foi



## ANEXO M – As aventuras da galera





ran nas árvores mais a Correntiza estava  
bastante forte, e fomos levados durante muito  
tempo quando Fobis se segurou em uma  
pedra e falou:

- Aquela penhasco veio uma enorme  
catarata se segurou nomeu pé!!!. É eles  
conseguiram. Passaram-se 3 meses e em  
suíça a vista de longe um helicóptero de  
busca e falou:

- ~~Os~~ vamos ascender uma floresta  
para ver se eles nos veem. É eles voltaram  
para casa, ao chegarem lá todos juntos  
falarão: que um pm. e todos juntos fa  
laram:

- ~~Os~~ ar doce cantar!!!!!!



## ANEXO N - A Ovíta

Escola Monteiro Lobato  
 Macaís, 19 de novembro de 1997  
 alunos: Stela e Rafael.

## A ovíta

Em um sítio havia muitas galinhas, uma delas chamava-se ovíta, ovíta era a mais querida da fazenda João. Um dia João teve uma grande surpresa, ovíta tinha botado um ovo de ouro, ele levou o ovo para o veterinário e o veterinário disse que ela não tinha nada e achou que ele estava louco, João espalhou a notícia para todo o sítio disse para Roberto, Marcos e Carlos todos eram empregados.

No outro dia seu pai Ze não acreditava em nada que João dizia da galinha então Ze teve uma grande ideia, resolveu tirar a galinha de casa e João correu atrás da porta.

No dia seguinte João teve a ideia de fugir de casa com a galinha. De noite João foi direto pegar a galinha para fugir com ela mas ela não estava lá em seu lugar, procurou pelo sítio inteiro mas não achou nenhum sinal dela.

De manhã João perguntou para seu pai se ele tinha visto a ovíta e ele respondeu que não, João foi perguntar aos empregados e eles responderam a mesma coisa não.

João reuniu toda a família para ouvir e perguntar que rolou com a ovíta e todos começaram dizendo não, não e não.



Depois de uma semana João estava dis-  
contentado de Carlos. No dia seguinte João per-  
seguiu o Carlos e quando Carlos parou João olhou  
e viu o galinha morta e João perguntou:

- Foi você né que matou e roubou o  
ovito? Carlos disse:

- Foi seu pai que mandou.

João foi direto para casa com seu pai e  
o Ze disse:

É isso aquela galinha era velha demais  
e não foi eu que a matei ela morreu sozinha  
e eu pedi para Carlos leva-la para a mata,  
meu filho porque você não pega outro galinha  
e faz a mesma coisa que você sempre fazia  
em ovito de um namorado dela, porque com ela  
e o resto você sabe.

João pegou outro galinha e deu o  
nome de ovito para nunca se esquecer de ovito.